



Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

**“NÃO É NORMAL EU NÃO AMAR MEU FILHO”:
SIGNIFICADOS DE MATERNIDADES E SUJEITO-MÃE
EM DUAS INSTÂNCIAS MIDIÁTICAS**

Jéssica Lauxen

Orientadora:
Raquel Pereira Quadrado

Rio Grande
2018

Jéssica Lauxen

**“NÃO É NORMAL EU NÃO AMAR MEU FILHO”: SIGNIFICADOS DE
MATERNIDADES E SUJEITO-MÃE EM DUAS INSTÂNCIAS MUDIÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Raquel Pereira Quadrado

Rio Grande

2018

Ficha catalográfica

L391n Lauxen, Jéssica.
"Não é normal eu não amar o meu filho": significados de maternidades e sujeito-mãe em duas instâncias midiáticas / Jéssica Lauxen. – 2018.
133 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 2018.
Orientadora: Dr^a. Raquel Pereira Quadrado.

1. Maternidades 2. Feminilidades 3. Mídias 4. Estudos Culturais I. Quadrado, Raquel Pereira II. Título.

CDU 34.013.43

Ao **Vinicius**, encorajador para a realização dos meus sonhos e, agora,  nossa pequena **Maitê**.

AGRADECIMENTOS

Ao repensar os momentos vividos para o desenvolvimento desta dissertação, quando por muitas vezes precisei ficar sozinha para a escrita e as leituras necessárias, vejo que nunca estive realmente só, então chegou a hora de manifestar minha gratidão a todas/os que de algum modo contribuíram com este trabalho.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, **Eloi e Elaine**, por não medirem esforços para que eu pudesse estudar, e mesmo longe sempre estiveram me apoiando e incentivando a realizar meus sonhos, compreendendo a distância e a minha ausência em muitos momentos importantes para a nossa família.

De modo muito especial, agradeço a **Raquel**, por compartilhar tantos confetos – conhecimentos e afetos - nesse tempo maravilhoso de convivência, por tanto ter me ensinado e me inspirado em todos os sentidos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e a todas/os as/os professoras/es pelo suporte acadêmico. Agradeço à banca, **Joanalira e Fabiane**, por aceitarem nosso convite e contribuído de maneira muito valiosa para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Às **Raquelzetes**, por proporcionarem leveza a este período, pelas viagens, pelos mates, pelas risadas e pela amizade que construímos.

Ao **Vinicius**, pelo suporte afetivo, pelo apoio incondicional e incansável estímulo para que eu realizasse meus sonhos.

E, por fim, a minha filha **Maitê**, pelos chutinhos que acompanharam os momentos finais de escrita deste trabalho, proporcionando uma alegria sem fim.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar significados sobre maternidade e sujeito-mãe presentes em dois artefatos midiáticos. Insere-se na linha de pesquisa de Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, visto que tem como tema a maternidade e a constituição do sujeito-mãe, a partir de práticas sociais que se estabelecem através das mídias. Utilizamos como referencial teórico os Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, por permitirem que se faça uma análise cultural das mídias, considerando a linguagem como produtora de significados. Para operar com este *corpus* de análise, utilizamos o roteiro proposto pela autora Fischer (2013) para análise de produtos televisivos e também pressupostos da Análise Cultural. Dois artefatos midiáticos fazem parte do *corpus* de análise da pesquisa. O primeiro é um episódio veiculado no programa Profissão Repórter, da Rede Globo, intitulado “Depressão pós-parto”, que apresentou duas facetas da maternidade: mães que diziam estarem doentes por não amarem suas/seus filhas/os e mães que são chamadas de “desromantizadas”, pois escrevem e falam sobre as dificuldades em ser mãe. A partir deste episódio, chegamos ao segundo artefato, uma postagem referente a um desafio realizado no Facebook, onde uma das mães entrevistadas no programa fez uma postagem em resposta ao desafio da maternidade, criando assim o desafio da maternidade real (#desafiodamaternidadereal), em que escreve sobre amar seu filho, mas odiar ser mãe. Dentro da perspectiva da doença depressão pós-parto, constatamos o quanto esta carrega o discurso científico como única e exclusiva explicação, uma vez que as alterações hormonais explicariam o desenvolvimento da patologia, e o quanto o episódio (re)produziu modos de ser mãe mais legitimados que outros. Já o desafio apresentou diversas críticas, uma vez que trouxe ao debate outras possibilidades de ser mãe, promovendo rupturas no discurso hegemônico da maternidade, mostrando o quanto práticas culturais estão imbricadas na questão maternal. Podemos afirmar que tais artefatos ensinam e reforçam modos considerados mais legitimados de exercer a maternidade, reforçando e reproduzindo discursos hegemônicos em relação ao exercício da maternidade, colaborando para a existência de discursos que interpelam as mulheres a desempenharem determinadas regras maternas.

Palavras-chave: Maternidades; feminilidades; mídias; Estudos Culturais.

ABSTRACT

The present research had as objective to analyze the meanings about maternity and subject-mother presents in two media artifacts, in specific on a TV show episode and on a post referent a challenge launched on the social media site Facebook. Inserts in the research line of Scientific Education: implication of the scientific practices on the constitution of the subjects, seeing that it has as theme the maternity and the constitution of the subject-mother, from social practices that are established through medias. We utilize as theoretical referential the Cultural Studies in its post-structurer strands, for allowing to be done a cultural analysis of the media, considering the language as the producer of meanings. To operate with this analysis' corpus, we utilized the script proposed by the author Fischer (2013) for the analysis of the televise products and also assumptions of the Cultural Analysis. Two media artifacts are part of the research analysis' corpus. The first is an episode served on the TV show Profissão Repórter, of Rede Globo, entitled "Depressão pós-parto", that presented two faces of maternity: mothers that say they're sick for not loving their children and mothers that are called "dehumanized", because they write and talk about the difficulties of being a mother. From this episode, we get to the second artifact that constitute the research's corpus, a post referent to a challenge realized on Facebook, where one of the interviewed moms on the show did a post in response to the maternity challenge, creating that wat the Real Maternity Challenge (#desafiodamaternidadereal), where she writes about loving her child, but hating to be a mom. Inside the perspective of the postpartum depression, we verified how much it carries the scientific speech as one and only explanation, once the hormonal alteration would explain the pathology development, and how much the episode (re)produced ways of being a most legitimized mother than the others. Meanwhile, the challenge presented several critical, since it brought to debate others possibilities of being a mother, promoting ruptures on the hegemonic speech of the maternity, showing how much cultural practices are imbricated on the maternal issue.

Keywords: Maternities; femininities; medias; Cultural Studies.

LISTA DE SIGLAS

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

LEPD - Laboratório de Ensino e Prática Docente

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PPGEC - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

TV - Sigla para a palavra televisão

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Montagem publicada por Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade	85
Figura 2- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real	91
Figura 3- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real	92
Figura 4- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real	93
Figura 5- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real	94
Figura 6- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real	95
Figura 7- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real	96
Figura 8- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real	96
Figura 9- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real	97
Figura 10- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real	99
Figura 11- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real	100
Figura 12- Montagem publicada por Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade	105
Figura 13- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real	111
Figura 14- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real	111
Figura 15- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real	112
Figura 16- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real	112
Figura 17- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real	112
Figura 18- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real	115
Figura 19- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real	115
Figura 20- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real	116
Figura 21- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real	116
Figura 22- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real	116

Figura 23- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real..... 117

SUMÁRIO

1.	APRESENTANDO A DISSERTAÇÃO	11
2.	INTRODUÇÃO	13
	2.1 Caminhos que me trouxeram até aqui.....	13
	2.2 Olhares para as maternidades em diferentes mídias.....	18
	2.3 A relação da pesquisa com o PPGEC.....	25
3.	TECENDO DIÁLOGOS TEÓRICOS	27
	3.1 Estudos Culturais e as ferramentas conceituais da pesquisa.....	27
	3.2 Maternidade.....	36
	3.3 Pedagogias Culturais, mídia televisiva e Facebook.....	45
4.	FERRAMENTAS METODOLÓGICAS E <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	51
5.	ANÁLISES: ARTIGOS PRODUZIDOS	58
	5.1 NARRATIVAS SOBRE MATERNIDADES E DEPRESSÃO PÓS-PARTO EM UM PROGRAMA DA MÍDIA TELEVISIVA BRASILEIRA	58
	5.2 MATERNIDADE SEM ROMANTISMOS: OLHARES SOBRE O DESAFIO DA MATERNIDADE REAL EM UM SITE DE REDE SOCIAL	84
	5.3 ALGUNS OLHARES SOBRE O DISCURSO RELIGIOSO E MÉDICO NO DESAFIO DA MATERNIDADE REAL	104
6	ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS	123
7	REFERÊNCIAS	127

1. APRESENTANDO A DISSERTAÇÃO

Este trabalho encontra-se inserido no campo teórico dos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, por permitir que a maternidade, tema central dessa dissertação, seja entendida como construção histórica e social. No desenvolvimento desta dissertação, tivemos como objetivo geral analisar os significados de maternidade e da figura materna presentes em dois artefatos midiáticos: um episódio do programa de televisão Profissão Repórter, veiculado pela Rede Globo, e uma postagem no site de rede social Facebook. A escolha destes artefatos se deu por entendermos que são formas de expressão cultural do nosso tempo, que ensinam modos de ser e estar no mundo e, por conta disso, é importante problematizá-las.

Na introdução, escrevo sobre os caminhos que me trouxeram até essa pesquisa e minhas motivações para seu desenvolvimento, juntamente com a apresentação do tema de pesquisa, as questões, o objetivo geral e os objetivos específicos da dissertação. Neste capítulo, apontamos alguns aspectos da maternidade que a tornam significativa para análise, exemplificando, através de pesquisas e reportagens, como as maternidades contemporâneas vêm sendo entendidas.

No capítulo seguinte, apresentamos os referenciais teóricos, tecendo algumas considerações a respeito do campo em que este trabalho está inserido, os Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, e apresentando os entendimentos sobre alguns conceitos que são importantes para esta pesquisa, como poder, cultura, linguagem, gênero, pedagogias culturais, entre outros. Neste mesmo capítulo, traçamos um esboço da história da maternidade, discutindo modificações dos olhares lançados sobre algumas práticas maternas e como essas vêm sendo entendidas contemporaneamente.

Descrevemos, no capítulo seguinte, os *corpus* de análise desta dissertação, o episódio “Depressão pós-parto” e a postagem #desafio da maternidade real, caracterizando e detalhando-os, para uma melhor compreensão da/o leitora/leitor. E então, apresentamos a metodologia escolhida: a análise cultural.

No capítulo que segue, apresentamos as análises resultantes da pesquisa, organizadas em três artigos. No primeiro artigo, nomeado NARRATIVAS SOBRE MATERNIDADES E DEPRESSÃO PÓS-PARTO EM UM PROGRAMA DA MÍDIA

TELEVISIVA BRASILEIRA, analisamos os significados apresentados sobre depressão pós-parto e sobre a maternidade sem romantismos, exibidas no episódio “Depressão pós-parto”, do Profissão Repórter, programa semanal da Rede Globo.

No segundo artigo, intitulado MATERNIDADE SEM ROMANTISMOS: OLHARES SOBRE O DESAFIO DA MATERNIDADE REAL EM UM SITE DE REDE SOCIAL, analisamos a postagem do desafio da maternidade real (#desafiodamaternidadereal) no Facebook, problematizando as rupturas presentes no desafio e considerando os comentários que nele surgiram, com maior ênfase naqueles que receberam o maior número de curtidas, os quais vinculavam a maternidade a algo naturalizado, e os cuidados com a casa e a/o filha/o uma obrigação feminina, os que enquadravam Juliana em um quadro de depressão pós-parto e os que colocavam a amamentação como um ato de amor.

No último artigo nomeado ALGUNS OLHARES SOBRE O DISCURSO RELIGIOSO E MÉDICO NO DESAFIO DA MATERNIDADE REAL, pesquisamos o mesmo desafio do site de rede social Facebook, entretanto, destacando os comentários da postagem que relacionavam o campo religioso e o sujeito-mãe, vinculando a figura materna a algo puro e bom. E também os comentários que enfatizavam a responsabilização feminina pela contracepção, como aqueles que diziam ser o fim das festas o motivo da autora não gostar de ser mãe.

As análises desta dissertação encontram-se organizadas em formato de artigos, por entendermos que neste formato há maior socialização do conhecimento produzido e divulgação científica e, assim, acesso de um maior número de pessoas, um dos objetivos de uma pesquisa acadêmica. Sabemos que podem ocorrer repetições ao longo do trabalho por conta da escolha desse formato de apresentação, entretanto, consideramos ser este um risco válido, por proporcionar uma maior visibilidade à pesquisa.

E, para finalizar esta dissertação, apresentamos no último capítulo alguns apontamentos finais, considerando as múltiplas desestabilizações que esta pesquisa nos proporcionou.

2. INTRODUÇÃO

2.1 Caminhos que me trouxeram até aqui

Conhecer, pesquisar e escrever nessa ótica significa resistir à pretensão de operar com «a verdade». Implica entender que qualquer verdade ou certeza (incluindo, obviamente, as *nossas*) está ancorada no que é possível conhecer num dado momento, portanto é provisória, situada. (LOURO, 2007, p. 241).

Trago¹ a citação da autora Guacira Louro para dar início à escrita sobre os caminhos que me trouxeram até aqui por acreditar que ela demonstra um pouco dos tantos questionamentos que fiz desde o momento que conheci a perspectiva dos Estudos Culturais, pelo viés de suas vertentes pós-estruturalistas.

Ingressei no curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG em 2011, sem estar muito certa da opção que eu havia feito, pois nunca tive muitas certezas do que eu gostaria de ser, apenas sabia que teria o dever de estudar e conquistar um diploma. Logo no primeiro mês tive a oportunidade de estagiar no Laboratório de Ensino e Prática Docente – LEPD, que tem como objetivo integrar as/os professoras/es e acadêmicas/os das licenciaturas em um ambiente que proporcione a troca e a construção de conhecimentos.

Este foi meu primeiro contato com o ensino, o ponto central para que eu percebesse que a educação era muito maior do que eu vinha a imaginar, e que exigia de quem decidisse ser professora ou professor, muito mais do que eu estaria pronta para oferecer naquele momento, pois a docência não é uma “vocação”, como muito se fala. Assim, comecei a participar de vários eventos voltados à formação de professoras/es e meu interesse pela docência foi aumentando. Com isso, no ano seguinte, ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, programa do qual fui integrante até o final da graduação e onde também muito aprendi e me construí como professora.

Enquanto acadêmica do curso de Ciências Biológicas, algumas discussões realizadas na disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino de Ciências

¹ Algumas partes deste capítulo estão escritas em primeira pessoa do singular por serem referentes à minha trajetória pessoal. Outras estão escritas em primeira pessoa do plural, por eu entender que a escrita de uma dissertação se trata de uma construção coletiva.

fizeram-me questionar muitos assuntos sobre os quais eu nunca havia refletido. Tais questões, como sobre o corpo bio-social, o corpo além do biológico, as construções sociais das identidades, entre outras, me fizeram perceber que como estagiária de um curso de licenciatura e integrante do PIBID, eu não levava tais abordagens para dentro da sala de aula.

Formei-me em fevereiro de 2015 e ingressei no mesmo ano como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – PPGEC, assistindo as aulas da disciplina Corpos, Subjetividades e Docência, ministradas pela Prof^a. Dr^a. Raquel Quadrado e pelo Prof. Dr. Obirajara Rodrigues. Esta disciplina me proporcionou outros olhares para se pensar na produção dos corpos, considerando também os processos de subjetivação presentes neste contexto. Também me possibilitou problematizar questões que antes me eram dadas como naturais e, assim, produzindo efeitos em minha identidade de professora e futura pesquisadora.

Meu interesse pela temática relacionada às maternidades e aos discursos a respeito do sujeito-mãe surgiu quando um grupo de colegas apresentou um seminário referente à dissertação da Prof^a. Dr^a. Fabiana de Amorim Marcello (2003), onde ela discute sobre o dispositivo da maternidade, caracterizando as formas pelas quais o dispositivo em questão é operacionalizado nas mídias.

Quando esse seminário foi apresentado, eu estava acompanhando um programa que havia estreado há pouco tempo, o Mamãe Gentil². O quadro foi uma espécie de *reality show*, apresentado por Fernanda Gentil³ e fazia parte da programação do Esporte Espetacular, programa da Rede Globo, que vai ao ar aos domingos de manhã. Fernanda Gentil estava grávida de três meses quando decidiu fazer um programa onde acompanharia cada passo da sua gestação com uma equipe médica composta por ginecologista, terapeuta, nutricionista e *personal* gestante⁴. A jornalista queria mostrar como o exercício físico era importante e fundamental durante

² Programa veiculado pela Rede Globo, de março a agosto de 2015, no qual era apresentada a rotina de atividades físicas da jornalista Fernanda Gentil, na época grávida de seu primeiro filho biológico.

³ Jornalista e apresentadora da Rede Globo.

⁴ Profissional especialista em cuidados e atividades físicas exclusivas para gestantes.

a gestação e comprovar que as atividades poderiam ser realizadas por todas as grávidas.⁵

Assim, ao conhecer o dispositivo da maternidade, logo lembrei e relatei ao programa em questão. Inúmeras perguntas começaram a surgir a respeito de todo o processo de subjetivação feminina presente neste contexto. Questionei as mídias como educadoras de corpos e subjetividades, inquirendo como que todo este aparato dos meios de comunicação produziria diferentes efeitos nos sujeitos.

A partir de então, dediquei-me a estudar os discursos midiáticos a respeito da maternidade e do sujeito-mãe, vendo neste campo uma ampla possibilidade de estudos e questionamentos. Percebi que nunca havia questionado nada que vinha desta área, pois sempre ouvi que amor de mãe era sagrado e nada poderia ser diferente disto, visto que a figura materna por vezes está associada a uma figura santa.

Comecei a ver como não natural à construção dos corpos e dos gêneros, questionando quais eram os significados produzidos pelas mídias nesse processo de construção dos sujeitos. Por isso, comecei essa escrita com a citação da estudiosa Louro, pois considero que minhas verdades vinham do mundo o qual me era permitido ver até então. Tais verdades foram construídas a partir da minha identidade como filha, em que sempre escutei que nada era maior que o amor de mãe. Tais verdades estão situadas em um dado momento, o qual eu não conhecia a vertente de pesquisa a qual me inseri. Mas, por minhas verdades serem provisórias, é que me propus a construir uma outra forma de olhar para este mundo maternal.

Foi então que ingressei, no ano de 2016 no PPGEC, na linha de pesquisa Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Raquel. Como proposta inicial, iria analisar como as mídias, em específico a mídia televisiva, através do quadro Mamãe Gentil, constrói certas narrativas, principalmente no que diz respeito à maternidade e aos corpos grávidos.

Essa primeira ideia resultou na escrita de um artigo e do meu trabalho de conclusão de curso de especialização em Educação e Estudos Culturais da

⁵ Fala da apresentadora em vinheta do programa.

Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Apesar deste primeiro movimento de escrita, estou certa de que muito ainda se tem a discutir, pois o programa mostrou-se uma ferramenta de investigação muito potente. Outros caminhos se abriram a partir dessa primeira análise realizada. Em agosto de 2016 foi veiculado um episódio sobre depressão pós-parto no Profissão Repórter, programa da Rede Globo. Apoiada no referencial teórico que eu já vinha estudando, decidi realizar uma problematização a partir deste artefato, para apresentar no II Encontro Humanístico Multidisciplinar e II Congresso Latino-Americano em Estudos Humanísticos Multidisciplinares, realizado na cidade de Jaguarão – RS.

Assim, juntamente com minha orientadora, escrevi um artigo⁶ e a partir deste percebi que muitas eram as possibilidades de escritas. Muito ainda ficou por se questionar e investigar. Foi a partir deste momento que decidi pela troca do *corpus* de análise, acreditando que aqui será realizada uma discussão mais potente. Também foi a partir desta troca que passei a acrescentar mais um artefato para compor a pesquisa. No episódio mencionado, é mostrada a história da *hashtag*⁷ maternidade real, desafio lançado no site de rede social Facebook. Desta maneira, apresento o *corpus* de análise da dissertação.

Optei, assim, por focar nas rupturas que percebi na escrita deste primeiro trabalho, pois considero que o programa e a postagem no Facebook proporcionam ver a maternidade a partir de um outro ângulo, pois mostram uma outra perspectiva, a de uma maternidade sem romantismos, entre outras modalidades de maternidade, o que representa algumas rupturas com a regularidade discursiva no que diz respeito à maternidade, nas mídias em geral.

Já o Mamãe Gentil, apesar de permitir importantes discussões a respeito da educação dos corpos grávidos, percebi nas primeiras análises que apontaria para um caminho já percorrido, pois temos muitas/os autoras/es que já problematizam esta questão. Estaríamos, assim, seguindo as ressonâncias, sem possibilitar o traçado de um outro caminho, o que levaria a uma outra pesquisa, diferente do que já vem sendo apresentado.

⁶ *Link* para acesso aos anais do evento, no qual nosso trabalho está publicado: <http://eventos.claec.org/index.php/ehm/2ehm/schedConf/presentations>

⁷ *Hashtags* são utilizadas com a palavra-chave do assunto que se deseja que vire um *hiperlink* nas redes sociais, fazendo assim com que outros usuários as utilizem como ferramenta de busca.

A inquietação é aqui um dos principais elementos condutores da pesquisa. De acordo com o dicionário Aurélio (2017), inquietação está relacionada ao que se acha em estado de agitação, a um estado de desassossego, e é exatamente isto que me faz pesquisar e escrever neste momento: minha inquietação com o que e como nos é ensinado sobre ser mãe contemporaneamente. Questão que me atinge primeiramente como mulher, já que a maternidade, para mim, precisa ser discutida no que se refere a igualdade de gêneros. Depois, como pesquisadora e professora de ciências e biologia, disciplinas consideradas muitas vezes como dotadas da ciência da verdade, que através do seu discurso científico, garante um status de verdade ao que fala.

Assim, esses primeiros movimentos me levaram a questionar: como o programa televisivo Profissão Repórter e o site de rede social Facebook, em especial a postagem do desafio da maternidade real (#desafiodamaternidadereal), vem educando as mulheres mães? De que maneira a maternidade é apresentada no programa em questão e na postagem do Facebook? Quais significados sobre maternidade e sujeito-mãe circulam nessas mídias? Que comentários são produzidos a partir dos significados que aí circulam?

A partir dessas questões, desenvolvi, juntamente com minha orientadora, a pesquisa que resultou na produção desta dissertação, que tem como objetivo geral **analisar os significados de maternidade e sujeito-mãe presentes nesses artefatos midiáticos**. Para o desenvolvimento deste trabalho, foi selecionado um episódio de um programa de televisão de grande audiência, o Profissão Repórter. O episódio em questão é o intitulado “Depressão pós-parto”, veiculado no dia três de agosto de 2016. A partir deste episódio, selecionei, também, como *corpus* de análise, uma postagem realizada no Facebook por uma das entrevistadas do programa, a qual teve grande repercussão.

Como objetivos específicos, buscamos:

- analisar o episódio denominado “Depressão pós-parto” produzido e veiculado pelo Profissão Repórter, no dia três de agosto de 2016;
- investigar quais são os significados produzidos e quais as representações de sujeitos-mãe que são atribuídas às mães que são diagnosticadas com depressão pós-parto.

- analisar os significados sobre maternidade e sujeito-mãe presentes nos comentários postados no desafio maternidade real (#desafiodamaternidadereal), no site de rede social Facebook.

2.2 Olhares para as maternidades em diferentes mídias

Foi em torno dos meus interesses em problematizar e pensar sobre a produção dos corpos e dos gêneros que me aproximei dos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas. Estes estudos me possibilitaram repensar práticas que antes eu tinha como naturais e me fizeram perceber que somos sujeitos construídos e sempre inacabados. A partir destes olhares, busquei, nesta pesquisa, investigar sobre a maternidade.

Como um dos argumentos para a importância da discussão das maternidades contemporâneas, trazemos uma matéria divulgada no Estadão⁸, jornal de São Paulo, onde foram divulgados os dados de uma recente pesquisa: o perfil da mãe brasileira atual. Segundo o jornal, o estudo “A Nova Mãe Brasileira” ouviu 1.317 mil mães, e dois terços delas consideram a rotina de cuidados difícil, exaustiva ou impossível. A pesquisa foi divulgada no dia 16 de julho de 2016, e foi realizada pelo Instituto Qualibest e pelo site Mulheres Incríveis.

A pesquisa divulga que a mãe brasileira é alguém que ama suas filhas e seus filhos, mas que também ama seu trabalho e seu parceiro, e que tem outros objetivos na vida além da maternidade. Logo no início da reportagem, entende-se que estão falando apenas de mulheres mães heterossexuais e não consideram as mães solas⁹, nem a maternidade lésbica, bem como outras possibilidades de exercer a maternidade, pois na entrevista as mulheres falam sobre o desejo de ter a ajuda de seus companheiros no cuidado com as/os filhas/os. A questão da ajuda também é um fator de destaque, pois ainda centraliza a mulher como principal responsável pela casa

⁸ Pesquisa traça perfil da mãe brasileira atual. *Link* para acessar a pesquisa: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,maes-de-hoje-precisam-de-ajuda--mostra-pesquisa,1892814> Acesso em 15 fev. 2018.

⁹ Expressão usada para substituir mãe solteira, uma vez que as mães reivindicam que a maternidade não é um estado civil.

e seu companheiro como um auxiliar, e não como protagonista nas atividades do lar e cuidados com a criança.

Ainda na reportagem, uma psicóloga fala: “A mãe tem de trabalhar, sair com o marido e com os amigos. Essas trocas são importantes, porque o bebê tem de entender que ele não é o único interesse da mãe, isso pode ser nocivo para ambos.” (VEIGA, 2016). Aqui, percebemos o quanto a mulher é cobrada, pois além dos cuidados com as/os filhas/os, a mulher contemporânea ainda precisa trabalhar fora e tendo por vezes a exigência de uma carreira bem-sucedida e promissora. E também têm a necessidade de, para ter filhas/os ser casada, pois a psicóloga fala sobre a necessidade de a mulher sair com o marido. Isso porque hoje a mulher já conseguiu alguns avanços, não sendo mais vista apenas como esposa e dona de casa, entretanto, tais conquistas acarretam em uma dupla e, as vezes, múltipla jornada de trabalho.

A reportagem coloca que entre as entrevistadas, apenas 9% dizem se identificar com a imagem da mãe que aparece nas mídias e 70% se sentem julgadas ou cobradas. O Estadão aponta: “de certa forma, os dados da pesquisa mostram que há uma discrepância entre o discurso-padrão da maternidade sonhada com a vida real enfrentada pelas mães, em que dificuldades se somam aos prazeres.” (VEIGA, 2016).

O site do jornal O Estadão apresenta as mães “desromantizadas”, as quais falam sobre os momentos difíceis da maternidade. Entre elas, estão: Luciana Cattony, criadora do site Maternidade Real¹⁰, no qual ela diz desejar saber o lado B da maternidade; Helen Ramos, autora do canal do *YouTube* Hel Mother¹¹, onde a cineasta fala sobre as experiências com o filho Caetano e dos momentos considerados, por ela, difíceis; Thaiz Leão, criadora da página Mãe Solo¹², onde ela ilustra sobre o tema, para que as outras mães, segundo ela, não se tornem mães considerando apenas os modelos passados pelas mídias.

¹⁰ Página do site maternidade real. *Link* para acesso: <http://maternidadereal.com.br/> Acesso em 15 de fev. 2018.

¹¹ Canal do *youtube* de Helen.

Link para acesso: https://www.youtube.com/channel/UC8t_vJsGzOERkFdanDKTDhw . Acesso em 15 de fev. 2018.

¹² Rede social da página mãe solo. *Link* para acesso: https://www.facebook.com/amaesolo/?ref=br_rs. Acesso em 21 de mai. 2018.

Esta pesquisa aponta para uma outra forma de exercer a maternidade, se for possível chamar assim, as chamadas mães que defendem uma maternidade sem romantismos. Pode-se perceber que hoje há considerações feitas sobre a maternidade que antes não eram vistas. As mães começam a tomar coragem de romper com algumas exigências postas pela sociedade, decidindo, dentro das condições de possibilidades de cada uma, sua maneira de educar as/os filhas/os. Entretanto, ocorrem críticas severas a essas mães e muitas são extremamente julgadas, como os dados desta pesquisa apontam.

Em outubro de 2017, a revista *TIME*¹³ lançou uma edição com o título “O mito da Deusa”, colocando que a visão de uma maternidade perfeita machuca as mães¹⁴. A *TIME* encomendou uma pesquisa, realizada com 913 mães e o resultado apontou que metade destas mães experimentaram sentimentos como arrependimento, vergonha, culpa ou raiva, principalmente por conta de complicações ou falta de apoio. A revista traz outros dados: 70% das mães sentiram-se pressionadas a fazer as coisas de uma determinada maneira, e enquanto mais da metade das mulheres entrevistadas acreditavam ser fundamental um nascimento natural, 43% acabaram por precisar de drogas. Quanto a amamentação, 20% das mulheres planejavam amamentar até pelo menos um ano de vida, mas menos da metade realmente o fizeram. A autora da reportagem coloca que as mulheres entrevistadas alegam ser a sociedade em geral a fonte da pressão, seguida por médicas/os e outras mães. (TIME, 2017).

Entretanto, cabe destacar que, se por um lado, há a possibilidade de um outro momento e a “permissão” de algumas novas considerações feitas sobre ser mãe, há um ponto que permanece central e intocável na relação mãe e filha/o: o amor materno. Este não pode ser colocado em dúvida, pois então estaríamos falando de mães doentes. Contemporaneamente, as mulheres passaram a poder falar um pouco sobre as dificuldades com os cuidados com as/os filhas/os, mas não podem não as/os amar, pois isso seria contra a natureza. Olhar a maternidade a partir dessa perspectiva e percebê-la como construção social é problemático e dificultoso, pois desestabiliza nossas múltiplas identidades.

¹³ Revista publicada nos Estados Unidos, sendo uma das mais conhecidas mundialmente, por suas notícias semanais.

¹⁴ O mito da Deusa. *Link* para acessar a revista: <http://time.com/4989068/motherhood-is-hard-to-get-wrong/> Acesso em 15 de fev. 2018.

Questionar o amor materno e problematizar as subjetividades femininas, nesse contexto, nos faz refletir em modos de educar, no papel que temos como professoras e pesquisadoras. Também consideramos significativo apontar que não escrevemos de um lugar imparcial, uma vez que pesquisas não são neutras. Assumimos um posicionamento político no qual passamos a considerar a maternidade como construção social.

Não temos a ousadia e nem a pretensão em aqui determinar verdades ou definir novas regras para a sociedade, desqualificando tudo o que se fala sobre maternidade, até porque não existe apenas um discurso sobre a maternidade e ainda que haja um discurso hegemônico, existem as rupturas. Gostaríamos, apenas, de propor inquietações ou até mesmo hesitações, a partir das quais possamos questionar sobre o que nos é colocado com tanta veracidade.

Dar lugar a questionamentos em um assunto visto como “sagrado” necessita de coragem, pois a figura da mãe habitualmente está ligada com a imagem de Maria, mãe de Deus. Vásquez (2014), coloca a religião como um dos mais fortes discursos que construiu a figura de mãe protetora como sendo inerente a todas as mulheres. A igreja católica, por ser a maior instituição religiosa do mundo, tem um papel de destaque em nossa sociedade, por isso a importância de buscarmos entender o que é dito sobre a maternidade por esta entidade. Em 2016, o Papa Francisco deu conselhos às mães – capítulo 5 da exortação pós-sinodal¹⁵ – colocando que uma sociedade sem mães seria inumana, pois elas sabem testemunhar mesmo nos momentos difíceis a ternura, a entrega e a força moral.

Nesse contexto, aprendemos que é somente o amor materno que expressa o “verdadeiro” e “mais sincero” amor. Em vista disso é que escutamos tantas vezes frases como: coração de mãe sempre cabe mais um; mãe é mãe; ser mãe é padecer no paraíso¹⁶. Pequenos exemplos como estes nos fazem, geralmente, não questionar o que esteja relacionado à figura materna, afinal, “você só vai entender quando for mãe”. Considerando, nessa perspectiva, que a linguagem é criadora da realidade e formadora de subjetividades, é que passamos a considerar como “anormal” a mãe

¹⁵ 7 sábios conselhos do Papa Francisco às mães. *Link para acesso:* <https://pt.aleteia.org/2016/05/17/7-sabios-conselhos-do-papa-francisco-as-maes/> acesso em 15 de fev. 2018.

¹⁶ Ditados populares.

que não ama sua/seu filha/o, como doente a mãe que não quer cuidar da criança ou a mulher que não deseja ter filha/o, enfim, estes corpos são classificados como “anormais”.

Pode-se dizer que a maternidade está entre os marcadores mais fortes do gênero feminino. Exemplos como o caso da marca de brinquedos que criou uma ‘mini maternidade’ para bonecas reforçam isso. Uma fabricante montou em uma loja de brinquedos de São Paulo um espaço para que as meninas brinquem de maternidade. A notícia foi divulgada pelo site G1 da Globo¹⁷. O site anuncia a proposta da empresa:

A ação divulga uma linha de bonecas com características voltadas ao cuidado de um bebê pela mãe. “A marca *Little Mommy* [pequena mamãe, em inglês] foi criada para meninas a partir de 18 meses com uma linha de produtos completa que permite que as meninas brinquem de ser pequenas mamães celebrando marcos importantes e divertidos do dia-a-dia como: a hora da comidinha, trocar fraldas, ensinar a usar o troninho, fazer ninar e até dar banho”, diz a Mattel. (G1, 2016).

No espaço de divulgação, chama a atenção o fato de tudo ser rosa, cor culturalmente atribuída ao gênero feminino. E também há a seguinte frase escrita em um dos espaços: “Por trás de cada pequena, há uma grande mamãe.” A partir disto, várias discussões poderiam ser levantadas, como o fato de apenas meninas serem convidadas para a mini maternidade, a cor rosa como a que prevalece para elas e a ideia universal de que toda mulher nasce com o instinto materno.

E lições não faltam para as futuras mães. São brinquedos produzidos especialmente para as meninas, como no exemplo acima, programas como Mamãe Gentil que buscou uma educação dos corpos grávidos, as propagandas que se tornam mais intensa no período de dia das mães onde o destaque fica para o amor materno, entre outras tantas coisas. Assim:

Ser mãe envolve, contemporaneamente, uma discursividade cada vez mais complexa que é amplamente produzida e divulgada em diversos artefatos da cultura, como poemas, canções, romances literários, filmes, novelas, documentários e também diferentes ciências, mídias e propagandas. Por estarem inseridas nesses discursos e deles serem sujeitos, muitas mulheres começam a ter acesso às aprendizagens

¹⁷Marca de brinquedos cria mini maternidade para bonecas. *Link* para acesso: <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/05/marca-de-brinquedos-cria-mini-maternidade-para-bonecas.html> acesso em 21 de mai. 2018.

muito tempo antes de pensarem na possibilidade de virem a tornar-se mães. (SCHWENGBER; MEYER, 2011, p. 285).

Outro fato é o conhecimento científico divulgado pelas mídias, o qual passa a garantir uma naturalização das práticas maternas, ainda mais quando anunciado por um jornal, como é o próximo exemplo, uma vez que frequentemente tais conhecimentos passam a fazer parte do senso comum.

Em maio deste ano, o Jornal Hoje¹⁸ divulgou um estudo da Universidade de Washington¹⁹, o qual apontava para o fato de que o amor recebido pelas crianças era decisivo para o crescimento do cérebro. A Universidade havia realizado uma pesquisa no qual as mães passaram por uma prova, na qual deveriam lidar com a ansiedade das/os filhas/os numa situação de estresse.

Apesar de se falar, no estudo, sobre a importância do amor da mãe, do pai ou de outra/o cuidadora/cuidador, chama atenção o fato de que no vídeo da reportagem que foi ao ar a jornalista menciona apenas o amor de mãe, destacando a importância da mãe ser carinhosa para o bom desenvolvimento da criança. E também o fato da pesquisa ter sido realizada apenas com mães, e são somente elas que aparecem no vídeo da matéria²⁰ (COUTINHO, 2016).

Aqui, encontramos o que Meyer denominou como nova politização da maternidade:

Nesse contexto, gerar e criar filhos "equilibrados e saudáveis" passa a ser social e culturalmente definido, também, como um "projeto" de vida, responsabilidade individual de cada mulher que se torna mãe, independentemente das condições sociais em que essa mulher vive e dos problemas que ela enfrenta, e é a isso que venho me referindo como *uma nova politização da maternidade*. (MEYER, 2003, p. 37).

Assim, vemos nesta matéria veiculada um exemplo dessa politização, pois as mães são responsáveis até mesmo, segundo a pesquisa divulgada, pelo crescimento

¹⁸ Jornal da Rede Globo, reconhecido por sua significativa audiência.

¹⁹ Matéria sobre o estudo realizado: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/05/receber-amor-pode-ser-decisivo-para-o-crescimento-do-cerebro-diz-estudo.html> acesso em 15 de fev. de 2018.

²⁰ Sobre essa reportagem, escrevi um trabalho que foi apresentado na Mostra de Produção Universitária – MPU da FURG no ano de 2016. *Link* para acessar o trabalho: <http://www.mpu.furg.br/15-mpu/anais-mpu-2016/96-3-6-anais-mpu-2016-encontro-de-ps-graduao> acesso em 21 de mai. de 2018.

do cérebro das/os filhas/os. Percebe-se que há uma sobrecarga para as mães, pois se tornam responsáveis por todo o desenvolvimento e bem-estar das crianças.

A seguir, mais um exemplo a respeito da divulgação de pesquisas científicas como produtoras de significados sobre a maternidade. Uma pesquisa realizada em 2012 na Universidade de Washington e divulgada pela revista científica *Plos ONE*²¹, aponta para o fato de terem sido descobertos casos em que o cérebro da mãe abrigava células das/os filhas/os, podendo permanecer ali por décadas e inclusive estarem associadas a doenças neurológicas da mulher.

Não entrando no mérito da pesquisa, chama atenção a maneira pela qual a notícia foi divulgada em dois sites brasileiros. O site O Globo começa apresentando o seguinte fato: “A ideia de que as mães sempre têm seus filhos na mente parece ser literalmente verdade.” (O GLOBO, 2012). Já o site Uol anuncia:

A ligação entre uma mãe e seu filho é profunda, e uma nova pesquisa sugere uma conexão física ainda mais profunda do que jamais se pensou. Os profundos laços físicos e psicológicos compartilhados por uma mãe e seu filho começam durante a gestação, quando a mãe é tudo para o desenvolvimento do feto, fornecendo calor e sustento, enquanto o bater de seu coração produz um ritmo constante e tranquilizador. (MARTONE, 2012).

Entendendo as mídias como portadoras de pedagogias²², que atuam na formação dos sujeitos, consideramos que tais anúncios produzem modos de olhar para os sujeitos mãe e de se pensar a maternidade, ainda mais tendo em vista que se tratam de pesquisas científicas realizadas por uma das maiores universidades do mundo, segundo uma pesquisa realizada pela *Times Higher Education* e divulgada no Brasil pela revista Exame.²³ E, a partir daí, as mídias reproduzem tais conhecimentos para toda a população.

Nas duas reportagens, vemos o apelo à idealização do amor materno como sendo universal, e tal amor é explicado cientificamente, o que fortalece tal ideia. Primeiramente, é anunciado que as mães sempre estão pensando nas/nos filhas/os,

²¹ Cérebro de mãe abriga células de filhos. *Link* da matéria completa: http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/cerebro_de_maes_abrigam_celulas_de_filhos.html Acesso em 15 de fev. 2018.

²² O conceito de pedagogias culturais será fundamentado na página 42.

²³ Veja a lista das 200 melhores Universidades do mundo. *Link* para acessar a pesquisa: <http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/ranking-das-200-melhores-universidades-do-mundo> acesso em 15 de fev. 2018.

como se isto fosse uma regra geral. A outra reportagem afirma que a ligação entre mãe e filha/o é profunda e que pode ser mais profunda ainda, de acordo com a pesquisa científica que está sendo divulgada. A partir de tais reportagens, aprendemos a idealização e a naturalização do amor materno, e também construímos formas de ser mãe e de amar sua/seu filha/o.

Colocar em desconfiança as ideias naturalizadas, questionar verdades ditas inquestionáveis, problematizar ações vistas como naturais e considerar que nenhum conhecimento é neutro... são esses os caminhos que buscamos percorrer ao longo dessa caminhada de pesquisa.

2.3 A relação da pesquisa com o PPGEC

O Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC), na linha de pesquisa Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, tem por objetivo investigar os efeitos das práticas sociais em diferentes instâncias na busca pela compreensão de como os discursos e as práticas atuam na produção de “verdades” e sujeitos.

Assim, esta pesquisa vincula-se à referida linha, uma vez que tem como tema a constituição do sujeito-mãe a partir de práticas sociais que se estabelecem através das mídias, em especial, a mídia televisiva e a internet. Esse é um tema potente para se pensar na constituição dos corpos e das subjetividades das mulheres/ mães, uma vez que estes se encontram articulados aos discursos veiculados pelas mídias, os quais operam sobre os sujeitos.

Também é um assunto que consideramos necessitar de uma maior problematização para a área do ensino em ciências, pois quando a maternidade é discutida nas aulas de ciências e biologia, geralmente é dado a ela um caráter puramente biológico e fisiológico, limitando-a, e desconsiderando todos os aparatos sociais envolvidos na sua produção. Outra questão que nos faz pesquisar o tema neste momento é o quanto os conhecimentos científicos são veiculados pelas mídias e geralmente tomados como verdadeiros, sem grandes problematizações, considerados, assim, como verdades e conhecimentos neutros pelos sujeitos. Com

isso, aprendemos sobre modos de ser e estar no mundo, através das pedagogias culturais que circulam em diferentes instâncias midiáticas.

3. TECENDO DIÁLOGOS TEÓRICOS

3. 1 Estudos Culturais e as ferramentas conceituais da pesquisa

Os Estudos Culturais surgem, de acordo com Costa *et al* (2003), em meio às movimentações de certos grupos sociais, que buscavam que seus saberes fossem reconhecidos e valorizados, repudiando os que desejavam que a educação não fosse de livre acesso. Os Estudos Culturais aparecem como uma forma de descentralização da cultura, buscando romper com as fronteiras disciplinares e não privilegiando um único e exclusivo espaço de onde emerge o saber, considerando cultura como prática social. Costa aponta que:

Tal como se pode observar hoje, especialmente naquelas manifestações alinhadas entre as análises pós-modernas e pós-estruturalistas, os Estudos Culturais inscrevem-se na trilha de deslocamentos que obliteram qualquer direção investigativa apoiada na admissão de um lugar privilegiado que ilumine, inspire ou sirva de parâmetro para o conhecimento. Sua realização mais importante provavelmente seja a de celebrar o fim de um elitismo edificado sobre distinções arbitrárias de cultura. Nesse sentido, os Estudos Culturais, ao operarem uma reversão nesta tendência naturalizada de admitir um único ponto central de referência para os estudos da cultura, configuram um movimento das margens para o centro. Sua principal virtude talvez seja a de começar a admitir que a inspiração possa advir de qualquer lugar, contribuindo para desfazer os binarismos tão fortemente aderidos às epistemologias tradicionais. (COSTA, 2004, p. 13).

Já emergência e a expansão dos Estudos Culturais no campo da Educação no Brasil, data de meados dos anos 1990, quando havia o desejo de desconectar o campo educativo das vertentes dominantes desta época no país, como o pensamento freireano e os estudos centrados na psicologia genética piagetiana. Assim, as análises dos Estudos Culturais em Educação têm se voltado a um campo negligenciado anteriormente, o território de pesquisa que questiona a produtividade da cultura nos processos educativos em nossa sociedade. (WORTMANN *et al*, 2015).

Sem desconsiderar as distintas trajetórias dos estudos sobre Educação e os Estudos Culturais, as autoras Wortmann *et al* mostram que:

Na articulação operada entre ambos, diferenciadas temáticas, bem como múltiplas ações educativas passaram a permitir que se lide com

uma gama ampliada de instituições, práticas, artefatos e produções em operação nas sociedades atuais. Foram igualmente propiciados o exame e a reflexão sobre os efeitos produtivos/ formadores/ construtivos/inventivos que tais instituições, temáticas, práticas, produções e artefatos têm sobre as sociedades e os sujeitos que nelas vivem. (WORTMANN *et al*, 2015, p. 34).

A articulação referida se dá entre os campos dos Estudos Culturais e da Educação, potente em possibilidades de investigação, pois permite distintas análises relacionadas à cultura e suas significações, como por exemplo, o foco de interesse deste trabalho. Nesta articulação, também se destaca a atenção dada as pedagogias culturais, conceito importante no contexto dessa dissertação. Tal conceito ajuda no entendimento de que a educação pode se dar em diferentes espaços, e não mais exclusivamente na instituição escolar.

Desde o surgimento dos Estudos Culturais, na década de 1960, esse campo tem se mostrado potente nas investigações, pois proporciona aporte teórico para diferentes pesquisas, como as relacionadas aos estudos da comunicação, às questões de gênero, identidade, poder, entre tantas outras. Discutiremos a seguir alguns conceitos importantes que atravessam os Estudos Culturais.

É importante considerar que apesar dos Estudos Culturais não se tratarem de uma disciplina fechada e buscarem o rompimento das delimitações tradicionais destas, este campo não pode ser considerado sem algumas demarcações. Veiga-Neto reitera: “É claro que se, de um lado, os Estudos Culturais são um campo tão heterogêneo, de outro lado eles não são tudo ou qualquer coisa.” (2004, p. 40). Há o comprometimento em se analisar as práticas culturais considerando as relações de poder existentes nelas. Portanto, se faz necessário alguns cuidados teóricos ao se fazer uso das possibilidades dos Estudos Culturais. Veiga-Neto (*idem*) coloca que a cultura está imbricada indissolúvelmente nas relações de poder, e que é a partir destas relações de poder que temos a significação do que é culturalmente relevante para cada grupo, assim, o poder está no centro das significações e identidades culturais.

O conceito de poder, nesta perspectiva, ganha notoriedade, pois é considerado que “ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.” (FOUCAULT, 2004, p. 08). Assim é dada uma outra ênfase ao conceito de poder, diferente da

anteriormente dada pelas teorias críticas. Ele passa a ser entendido como produtivo. Silva nos fala sobre esta diferença:

Enquanto para a teorização crítica de inspiração marxista, por exemplo, o poder distorce, reprime, mistifica, para a perspectiva pós-estruturalista, o poder constitui, produz, cria identidades e subjetividades. As identidades e subjetividades assim produzidas não representam nenhuma distorção, nenhum desvio em relação a alguma essência humana que, se deixada livre ou “bem” encaminhada, seguiria o seu “verdadeiro” curso. (SILVA, 1996, p. 252).

Por isso a importância de considerarmos o poder como atuante nesta perspectiva, pois entendemos que ele também cria o caráter normativo da maternidade. Fischer (1996), fala sobre a importância de se considerar o poder na histórica desigualdade nas relações entre homens e mulheres, a qual constitui não só o corpo feminino como as identidades de gênero, uma vez que efetivamente os corpos são constituídos como efeitos de poder. Para a autora,

Toda essa concepção de corpo e sexualidade, ambos colocados no centro das investigações sobre as positivities do poder, é extremamente produtiva para a compreensão da cultura contemporânea, num tempo que elege justamente o corpo como o lugar de todas as identidades. (FISCHER, 1996, p. 94).

Entendemos, assim, os corpos como objetos de diferentes discursos. Como interesse desta pesquisa, pensamos mais especificamente no corpo grávido, o qual se torna alvo de diferentes discursos, como o médico, o científico e o psicológico. As práticas de significação, linguística e cultural que constroem significados de maternidade, envolvem relações de poder e, assim, passam a construir os sentidos de maternidade, nomeando, descrevendo, classificando, identificando e diferenciando modos de ser mulher e mãe, exercendo o poder de incluir, excluir e definir corpos e comportamentos. (MEYER, 2000).

Distintas áreas se apropriam do poder para falar o que pode ser ou não feito com esse corpo, fazendo do corpo da mulher intenso alvo de poder e de regulação, de acordo com cada cultura, tornando assim o poder e a cultura de grandes significados políticos para esta dissertação. Hall destaca que:

Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos - e mais imprevisíveis - da mudança histórica no novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma "política cultural" (HALL, 1997, p. 20).

O conceito de cultura é um dos mais importantes nos Estudos Culturais, e ganha destaque na vertente pós-estruturalista, uma vez que a cultura é teorizada como "campo de luta entre os diferentes grupos sociais em torno da significação. A educação e o currículo são vistos como campos de conflito em torno de duas dimensões centrais da cultura: o conhecimento e a identidade." (SILVA, 2000, p. 32).

A cultura constitui todos os aspectos de nossas vidas. Hall (1997), descreve os seres humanos como interpretativos e instituidores de sentido. Para o autor:

A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. (HALL, 1997, p. 16).

Assim, nossas ações ganham sentido através destes sistemas, constituindo nossas "culturas" e assegurando que toda ação social é "cultural", sendo todas as práticas sociais comunicadoras de um significado, sendo práticas de significação (*idem*). A cultura também é ensinada, pois "é quase impossível para o cidadão comum ter uma imagem precisa do passado histórico sem tê-lo tematizado, no interior de uma 'cultura herdada', que inclui panoramas e costumes de época." (HALL, 1997, p. 22). Portanto, maternidade e suas práticas são aprendidas, através de costumes e ensinamentos, não devendo ser vista como algo natural, e sim como algo construído e herdado, sendo assim uma prática constituída através dos tempos.

O que denominamos "nossas identidades" poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o

resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. (HALL, 1997, p. 26).

É importante aqui discutir a perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais, visto que eles apresentam diferentes perspectivas. A expressão pós-estruturalismo é designada como:

Termo abrangente, cunhado para nomear uma série de análises e teorias que ampliam e, ao mesmo tempo, modificam certos pressupostos e procedimentos da análise estruturalista. Particularmente, a teorização pós-estruturalista mantém a ênfase estruturalista nos processos lingüísticos e discursivos, mas também desloca a preocupação estruturalista com estruturas e processos fixos e rígidos de significação. Para a teorização pós-estruturalista, o processo de significação é incerto, indeterminado e instável. (SILVA, 2000, p. 91).

Assim, a linguagem toma lugar de destaque nesta perspectiva pós-estruturalista:

A própria natureza da linguagem é também redefinida. Não mais vista como veículo neutro e transparente de representação da “realidade”, mas como parte integrante e central da sua própria definição e constituição, a linguagem também deixa de ser vista como fixa, estável e centrada na presença de um “significado” que lhe seria externo e ao qual lhe corresponderia de forma unívoca e inequívoca. Em vez disso, a linguagem é encarada como um movimento em constante fluxo, sempre indefinida, não conseguindo nunca capturar de forma definitiva qualquer significado que a precederia e ao qual estaria inequivocamente amarrada. (SILVA, 1996, p. 249).

É a chamada “virada linguística”, em que a consciência e o sujeito são descentrados, ligados ao sistema linguístico. Quadrado destaca que “em suas vertentes pós-estruturalistas, os Estudos Culturais preocupam-se com práticas de significação, teorizando sobre a importância da linguagem como processo de significação.” (2006, p. 25).

A virada linguística é um marco para o movimento pós-estruturalista, pois como destaca Silva:

Na análise pós-estruturalista, o momento no qual o discurso e a linguagem passaram a ser considerados como centrais na teorização social. Com a chamada “virada lingüística” ganha importância a idéia de que os elementos da vida social são discursiva e linguisticamente construídos. Noções como as de “verdade”, “identidade” e “sujeito” passam a ser vistas como dependentes dos recursos retóricos pelos quais elas são construídas, sem correspondência com objetos que supostamente teriam uma existência externa e independente de sua representação lingüística e discursiva. (SILVA, 2000, p. 111).

Assim, “o significado surge não das coisas em si - a ‘realidade’ - mas a partir dos jogos da linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas são inseridas. O que consideramos fatos naturais são, portanto, também fenômenos discursivos.” (HALL, 1997, p. 29). Portanto,

A “virada cultural” está intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. O próprio termo “discurso” refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento. (HALL, 1997, p. 29).

Para o autor, a “virada cultural” vem a ampliar o entendimento acerca da linguagem para a vida social e os processos econômicos e sociais, por esses serem dependentes de significado e apresentarem consequência em nossa maneira de viver, fazendo com que a forma como vivemos deve ser entendida como práticas culturais e discursivas. (HALL, 1997).

Dentro desta perspectiva, entender a cultura fazendo parte da nossa maneira de viver se faz necessário para compreender “a centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social.” (HALL, 1997, p. 24). Por subjetividade, entendemos, de acordo com Silva, ser:

Termo amplamente utilizado na teorização social contemporânea, com múltiplas conotações. É com frequência tomado simplesmente como sinônimo de “sujeito”. Neste sentido, pode-se aplicar ao conceito de “subjetividade” todos os questionamentos que são feitos ao conceito de “sujeito”. Em termos gerais, refere-se às propriedades e aos

elementos que caracterizariam o ser humano como “sujeito”. Num certo registro, “subjetividade” opõe-se àqueles elementos que, no ser humano, se distinguem do que é caracteristicamente social, carregando as conotações de interioridade e essencialidade associadas à etimologia da palavra “sujeito” — *sub-jectum*, “substância que está sob, subjacente. (SILVA, 2000, p. 101).

Se faz importante, então, compreendermos esta ampla rede a qual integra estes e outros conceitos importantes, para podermos vir a entender a maternidade como construída culturalmente através dos tempos e carregada de significados.

Também utilizamos esta perspectiva por proporcionar que gênero seja assumido como uma construção social, considerando as práticas sociais, os discursos, os modos de viver de cada grupo e de cada tempo, enfim, todo um emaranhado cultural, como constituinte dos sujeitos. Assim, essas práticas sociais resultam em maternidades mais legitimadas que outras, se estiverem adequadas às regras criadas pela sociedade.

A maternidade é um dos mais fortes marcadores de gênero feminino, sendo um elemento que constitui a identidade feminina. E há maternidades consideradas mais legítimas do que outras, formas de ser mãe consideradas mais adequadas do que outras, o que gera a constituição de uma norma materna, a qual as mulheres-mães precisam adequar-se. Louro, uma das grandes estudiosas de gênero, destaca:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 2008, p. 18).

O conceito de gênero enfatizado por Louro (2003) está ligado à história do movimento feminista, referindo-se ao feminismo como um movimento social organizado no Ocidente, no século XIX. A autora coloca que foi na segunda onda do feminismo – iniciada no final da década de 1960 – que se passa a ter preocupações

propriamente teóricas, além das preocupações sociais e políticas²⁴. É a partir deste debate que o conceito de gênero começa a ser problematizado.

Louro destaca:

A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da *identidade* dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade [...] compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. (LOURO, 2003, p. 24).

Além disso, “a identidade problematizada pelo pós-estruturalismo é definida historicamente; essa perspectiva recusa a fixidez e valoriza a multiplicidade e a instabilidade como alguns dos elementos que caracterizam as identidades culturais.” (SABAT, 2012, p. 137). Nesse contexto, entendemos gênero como parte dos sujeitos, constituindo identidades que não são permanentes, que são múltiplas e constituídas culturalmente. A ampliação do conceito de gênero nos proporcionou algumas problematizações. Como o sujeito, o seu gênero passa a ser concebido como não natural, produto das práticas de cada grupo. Para Meyer, “gênero se constrói em relação e funciona como um organizador do social e da cultura.” (2005, p.08).

Compartilhamos a escrita da autora Silva, que em sua tese discute a participação das mulheres no campo da ciência, problematizando discursos e práticas que implicam na constituição de mulheres cientistas.

É a partir dessa perspectiva teórica que assumo o conceito de gênero como uma construção social, cultural, histórica e discursiva que se dá mediante relações de poder, produzindo mulheres e homens, distinguindo-os como corpos “femininos” e corpos “masculinos”. Nessa perspectiva, o gênero não é percebido como uma construção que se dá sob uma matriz biológica dada *a priori*, fixa e imutável, mas o próprio corpo é compreendido através de uma interpretação social, desse modo, sexo não é independente do gênero. (SILVA, 2012, p. 24).

²⁴ A primeira onda do feminismo teve início no século XIX, com maior ênfase na busca pela vida pública e direito a voto, e a importância do feminismo para a maternidade será discutida na página 33.

Neste mesmo viés, a autora Magalhães (2008) chama atenção para o fato da necessidade de problematizar as representações de gênero, não com o objetivo de negar a biologia dos corpos, mas sim buscando questionar todas estas representações. Assim,

[...] cabe ressaltar que, ao enfatizarmos o caráter construído dos gêneros, não estamos negando a materialidade biológica dos corpos, ou argumentando que esta não tem importância, mas sim buscamos problematizar as representações que se apóiam nas características biológicas para justificar diferenças, desigualdades e posicionamentos sociais. (MAGALHÃES, 2008, p. 26).

Nesse sentido, é importante pensar o corpo feminino fora das características biológicas, já que a maternidade se apresenta, historicamente, como uma diferença entre homens e mulheres, pois muitas vezes representa a desigualdade entre estes. Colling (2015), em A construção histórica do corpo feminino, nos fala sobre a história da maternidade e destaca o ideal da maternidade no século XIX.

O ideal masculino da mulher, a maternidade, era vista como o único caminho da sanidade feminina. Aquela que não quisesse ou não pudesse realizá-la não teria outro fim senão a insanidade mental. A velha concepção da “matriz” tomando conta do intelecto feminino. A maternidade também aparecia como a saída contra o prazer sexual feminino, considerado anormal, pois entendia-se que o instinto materno anulava o instinto sexual. (COLLING, 2015, p. 195).

Assim, entendemos o ideal da maternidade encontrando-se com as questões de gênero, pois este ideal está relacionado exclusivamente ao feminino, por questões biológicas e também por o feminino muitas vezes estar ligado ao cuidado, ao zelo. Além disso, havia um antagonismo entre o instinto materno, considerado do âmbito feminino, com o instinto sexual, considerado do âmbito masculino.

Butler (2003), coloca que compreender a identidade como prática significativa é compreender sujeitos culturalmente inteligíveis, resultado de um discurso amarrado por regras inseridas nos atos disseminados da vida linguística. Assim, quando o sujeito é constituído, quer dizer que este sujeito é uma consequência de certos discursos regidos por regras, não sendo determinado pelas regras, já que a significação não é ato fundador, e sim um processo regulado de repetição, de modo que, em certo sentido, toda significação ocorre pela repetição. Para a autora:

A ordem de ser de um dado gênero produz fracassos necessários, uma variedade de configurações incoerentes que, em sua multiplicidade, excedem e desafiam a ordem pela qual foram geradas. Além disso, a própria ordem de ser de um dado gênero ocorre por caminhos discursivos: ser uma boa mãe, ser um objeto heterossexualmente desejável, ser uma trabalhadora competente, em resumo, significar uma multiplicidade de garantias em resposta a uma variedade de demandas diferentes, tudo ao mesmo tempo. (BUTLER, 2003, p. 209).

De acordo com a autora, a coexistência ou convergência dessas injunções discursivas produz oportunidade de uma reconfiguração, uma vez que a perda das normas do gênero teria o efeito de fazer proliferarem as configurações de gênero. Dentro deste contexto, é tarefa do feminismo, centro das discussões deste trabalho, situar as estratégias de repetição subversiva facultada pelas identidades construídas, afirmar as possibilidades locais de intervenção pela participação nas práticas de repetição que constituem a identidade, apresentando possibilidade imanente de contestá-las. (BUTLER, 2003).

3.2 Maternidade

Não será, porém, chegado o momento de abrir os olhos para as perturbações que contradizem a norma? E mesmo que essa tomada de consciência ameace nosso conforto, não será necessário levá-la finalmente em conta para redefinir nossa concepção do amor materno? Isso nos proporcionará uma melhor compreensão da maternidade benéfica tanto para a criança quanto para a mulher. (BADINTER, 1985, p. 18).

É o que nos propomos a fazer nesta pesquisa, considerar os aspectos não hegemônicos da maternidade, uma vez que esta é pauta central do feminismo, na luta pela igualdade entre gêneros. Nesse contexto, é importante discutir a maternidade contemporânea, considerando suas significativas mudanças históricas e entendendo que não temos os mesmos entendimentos, tampouco uma forma única de viver a maternidade, pois apesar da existência de um discurso materno hegemônico, encontramos as rupturas. Scavone (2001), fala sobre a reflexão que o movimento feminista contemporâneo desenvolveu sobre a experiência da maternidade. A autora

problematiza o debate feminista sobre maternidade do final dos anos 1960 aos meados da década de 1980.

De acordo com a Scavone (2001), a maternidade começou a ser compreendida como construção social, designando o lugar das mulheres na família e na sociedade, a partir da publicação do livro de Simone de Beauvoir, o *Segundo Sexo*, em 1949. A crítica feminista passa a considerar a experiência da maternidade como elemento que explica a dominação de um gênero sobre outro. Beauvoir (1970), defende a ideia de o instinto materno não ser um determinismo. Para a autora, os encargos do casamento e da criação das/os filhas/os permanecem muito mais pesados para a mulher do que para o homem, assim, “no caso em que tal esforço é exigido dela pela sociedade, sua existência faz-se muito mais penosa que a do marido.” (p.173). Beauvoir ainda coloca: “desde que foi escravizada como Mãe, é primeiramente como mãe que será querida e respeitada. Das duas faces da maternidade, o homem não quer mais conhecer senão a sorridente.” (p. 215).

A partir de tais ideias lançadas pela autora, podemos evidenciar o quanto o exercício da maternidade ainda é caro para as mulheres. O instinto materno, que ao longo da história foi visto como natural, ainda carrega um forte apelo, por vezes utilizado para justificar a sobrecarga materna, não permitindo que apareçam outros aspectos da maternidade, fazendo com que a mulher, como colocado pela autora Beauvoir, demonstre apenas o lado feliz da maternidade.

Vásquez (2014) destaca que na primeira onda do feminismo, a maternidade ainda foi vista como algo natural, pois as lutas se davam em torno dos direitos da mãe, relacionados aos direitos trabalhistas, por exemplo. O feminismo, neste momento, não questionou o papel da maternidade na vida das mulheres, pois a maternidade tinha como suporte a moral religiosa e o discurso médico e científico, o que garantia sua legitimidade natural. Foi na segunda onda do feminismo, no século XX, que questões relacionadas ao direito reprodutivo e familiar começaram a ser repensadas, sendo esse marco considerado um divisor das lutas femininas, pois passou do feminismo igualitarista para um feminismo centrado na mulher. “Neste momento do feminismo, a maternidade foi reconhecida como um ‘defeito’ que acabava por confinar as mulheres em uma espécie de ‘bio-classe’.” (VÁSQUEZ, 2014, p.175). Com essa primeira negação à maternidade, as mulheres começaram a buscar espaço público.

Sendo assim, o feminismo conseguiu reelaborar, ao menos parcialmente, as representações sobre a maternidade e ampliou o que poderia chamar de “identidade feminina”, uma vez que até este momento histórico a maternidade era a peça fundamental na construção do sujeito mulher e, a partir dos questionamentos feitos pela segunda onda do feminismo, a “identidade feminina” passou a ser vista de forma mais ampla e mais completa, buscando novas potencialidades para a mulher em sociedade. (VÁSQUEZ, 2014, p. 175).

Este segundo movimento feminista trouxe importantes conquistas às mulheres, entretanto trouxe, também, alguns novos questionamentos, estabelecendo um outro olhar do feminismo em relação à maternidade. Se, primeiramente, ela foi renegada, a partir da década de 1970 ela começa a ser percebida como potencial de poder insubstituível das mulheres, e “o feminismo chegou ao final do século XX ainda inquieto com relação a maternidade.” (VÁSQUEZ, 2014, p. 176). Para a autora, a luta das feministas se dá não pelo destino biológico da maternidade e, sim, significado cultural atribuído a ela. Isso gerou, além de novas ideias relacionadas a maternidade, uma revolução na categoria de gênero.

Para além do debate sobre a maternidade, o movimento feminista entra no linear no século XXI com uma nova roupagem, que extrapola a ideia de diferença e, almeja defender um novo mundo onde os limites do gênero não sejam determinantes, discriminadores e muito menos excludentes. Desta forma, acredita-se que a maternidade, pensada à luz desta nova concepção possa ser analisada como uma experiência ética plural. (VÁSQUEZ, 2014, p. 179).

A maternidade também é entendida como uma construção histórica e social, na perspectiva de outras autoras, como: Badinter (1985); Hays (1998); Marcello (2003); Meyer (2000; 2003; 2005; 2006); Scavone (2001) e Schwengber (2009). Em seu livro, Badinter questiona o amor materno como algo inerente à condição da mulher e o discute como um sentimento o qual se adquire, um sentimento produzido. A autora problematiza:

O amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a

ocasião de se exercer. Sendo a procriação natural, imaginamos que ao fenômeno biológico e fisiológico da gravidez deve corresponder determinada atitude maternal. (BADINTER, 1985, p. 19).

Por isso, no momento em que uma mãe, como Juliana Reis²⁵, decide não ter o comportamento esperado pela sociedade, há inúmeros julgamentos, colocando-a como uma pessoa anormal. Ou então, quando as mães relatam não amarem suas/seus filhas/os, elas são mostradas pelas mídias como mães doentes, as quais necessitam de tratamento médico, como será discutido no primeiro artigo desta dissertação.

Em princípio, a lei natural não admite exceção. “Hoje, já não podemos admitir como inevitável que a mulher tenha filhos. Nem mesmo que os ame, quando os teve. Mas isso, em contrapartida, não é novidade, embora seja sempre visto como um escândalo.” (BADINTER, 1985, p. 16). Para a autora, o amor materno existe, sim, desde a origem dos tempos, entretanto, a espécie não sobrevive graças a ele, já que qualquer pessoa pode maternar uma criança. E, o mais importante a se considerar: não é apenas o amor que leva uma mulher a cumprir seus “deveres maternais”, e sim um emaranhado de valores morais, sociais e religiosos. É por conta disso que a cultura se torna tão importante na perspectiva desta análise.

Outra discussão importante sobre maternidade é a realizada por Hays (1998), a qual fala sobre a maternidade intensificada, um modelo adequado para nossa sociedade contemporânea. Para a autora,

A ideologia da maternidade intensificada é um modelo que aconselha as mães a despenderem uma enorme quantidade de tempo, energia e dinheiro na criação de seus filhos. Numa sociedade em que mais da metade de todas as mães com filhos pequenos trabalha fora de casa, bem poderíamos nos perguntar por que a nossa cultura pressiona as mulheres a dedicar tanto de si mesmas à criação de seus filhos. Além do mais, numa sociedade em que a lógica do ganho egoísta parece orientar o comportamento em tantas esferas da vida, poderíamos também nos perguntar por que uma lógica altruísta de proteção e carinho orienta o comportamento das mães. Esses dois fenômenos intrigantes constituem o que chamo de contradições culturais da maternidade contemporânea. (HAYS, 1998, p. X).

²⁵ Mãe autora do desafio da maternidade real, *corpus* de análise de dois artigos que compõe essa dissertação.

Tais contradições, não se pode negar, existem. Educar as/os filhas/os adequadamente é considerado uma questão natural, pois espera-se que a mulher seja a responsável pela criação das/os filhas/os, proporcionando-lhes todo o amor que, supostamente, nasceu com ela. O fato biológico de sermos dotadas de útero nos coloca na posição de poder gerar filhas/os e, assim, há uma rede de significados associados a isso, como cuidado, carinho e proteção, sendo estes vistos como inerentes à condição feminina.

Schwengber (2015), fala na “invenção do corpo grávido”, referindo-se aos discursos que associam os corpos grávidos a uma rede de práticas e saberes como: cuidados pré-natal, cursos especializados, consultas médicas, etc. Este movimento é chamado pela autora de politização da maternidade e do corpo grávido, conceito também discutido por Meyer (2003), que relata que ao longo dos séculos XIX e XX multiplicaram-se os discursos sobre cuidados a serem dispensados aos corpos femininos, principalmente quando se tratava de corpos de mulheres-mães. Segundo Meyer, “de uma forma geral, essa politização da maternidade é incorporada e difundida pelas políticas de Estado, pelos manuais, revistas, jornais, televisão, cinema, e publicidade.” (2005, p. 82). Assim, podemos perceber uma rede complexa que envolve a maternidade, onde as mães aprendem a cuidarem das/os filhas/os e cuidarem de si.

Indo ao encontro dessa discussão, Schwengber (2015) destaca o investimento que é feito sobre os corpos grávidos:

A harmonia e a gentileza da mãe para com o(a) filho(a), comumente vistas pela cultura como habilidades espontâneas das mulheres, são aprendidas ao preço de controle e vigilância, também veiculados pelo discurso das práticas corporais alternativas. Quem diria? Verifica-se que o amor da mãe, comumente visto pela cultura como da natureza das mulheres, é exaustivamente ensinado, também é reforçado na revista [Pais & Filhos] por meio do discurso das práticas corporais alternativas. (SCHWENGBER, 2015, p. 11).

Em seu artigo, a autora analisa na revista Pais & Filhos, revista de circulação mensal brasileira, as estratégias de governo para com as mulheres grávidas, incitando-as a serem donas de si e de seus corpos, ao mesmo tempo que são reguladas e controladas na própria ocupação de si. Para a autora, são muitos os

discursos e intervenções destinados a educar os corpos grávidos e tais narrativas constroem a ideia de gênero da mulher-forte-firme.

Marcello, em sua dissertação, também discute a educação necessária às gestantes. A autora chama atenção para o ensinamento dispensado à maneira de amar e educar as/os filhas/os.

O fato biológico de dar à luz, por exemplo, é usado para sugerir que a mulher faz algo instintivo e, portanto, sabe como ser mãe, ou melhor, como exercer uma certa maternagem. Contraditoriamente, as mesmas mães (e todas nós) são (somos) inundadas de reportagens que não apenas ensinam como devem cuidar dos filhos, mas que também buscam atender para certos requisitos indispensáveis para que elas se tornem boas mães. (MARCELLO, 2003, p. 24).

A autora destaca a educação veiculada pelas mídias para que aprendamos a ser boas mães. E muitas são as propagandas, programas, discursos que nos ensinam todo o aparato desta rede que envolve a maternidade. Um exemplo disso é a campanha²⁶ realizada no ano de 2015 pela Rede Globo, em parceria com a Pastoral da Criança, em que o objetivo foi mostrar os cuidados com o bebê desde a gravidez até os dois anos de idade (PRODUÇÃO BEM ESTAR, 2015). Quanto a isso, Marcello destaca: “em torno da noção da maternidade, uma série de práticas discursivas são acionadas, produzidas e reforçadas pelas mídias, permitindo, com isso, serem (re)significadas na medida em que operam em direção à constituição dos sujeitos” (2003, p. 10).

Sob o título Toda gestação dura mil dias, a campanha teve seu lançamento através de um vídeo²⁷, que posteriormente foi veiculado como propaganda, no programa global Bem Estar. No vídeo, aparecem imagens de bebês acompanhados exclusivamente por suas mães – nenhum pai aparece no vídeo – e uma voz feminina fala sobre as mães não poderem evitar uma dor de garganta, o ralado no joelho ou a dor de amor não correspondido, mas que o que estas mães fizerem durante mil dias – tempo que engloba desde a gestação até os dois anos de idade da/o bebê – pode protegê-las/os pela vida inteira.

²⁶ Toda gestação dura mil dias. *Link* da campanha: <http://g1.globo.com/bemestar/blog/1000-dias/3.html>. Acesso em 15 de fev. 2018.

²⁷ Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iz9D_ClJOlc. Acesso em 15 de fev. 2018.

A campanha está registrada no site do programa Bem Estar, onde as/os internautas podem ler dicas e orientações sobre a gestação e os cuidados com a/o bebê. A campanha coloca:

Vamos dar dicas sobre o pré-natal, a importância do ácido fólico, dos exercícios físicos. Você sabia que nos dois primeiros anos a mamãe pode definir os hábitos alimentares dos filhos? Os perigos do cigarro, álcool. Os benefícios do parto normal e do leite materno... (PRODUÇÃO BEM ESTAR, 2015).

As reportagens são diversas, todas voltadas para a educação dos sujeitos-mãe. Durante dez dias, o site publicou reportagens como a importância da amamentação, a posição segura para o bebê dormir, cesarianas e seus riscos para o bebê, vacinas, a importância do carinho e aconchego nos primeiros mil dias do bebê, os riscos do uso de drogas na gestação, enfim, diversos temas que educam e responsabilizam as mães pelos cuidados com as/os filhas/os. Para Meyer:

A discursividade que produz e sustenta esse processo de politização também articula, explícita e intensamente, problemas sociais contemporâneos (em especial de educação e de saúde) a certos modos de sentir e de viver a maternidade. E essa operação permite descolar tais problemas dos contextos e processos sociais mais amplos em que eles são gerados para vincular sua solução a determinados tipos de relação mãe-filho e ao exercício de uma determinada forma de maternidade. (MEYER, 2005, p. 82).

Esta politização fica clara em muitos programas veiculados pelas mídias, onde dicas e orientações aos sujeitos-mãe não faltam. Somos sujeitos pertencentes a cultura, somos produzidos por ela e a produzimos também, assim, nossas identidades são constantemente construídas através dela, e, aqui, consideramos as mídias como constituintes da cultura, produzindo os sujeitos através de seus discursos.

O exercício da maternidade na contemporaneidade envolve práticas que muitas vezes são ensinadas através de discursos científicos veiculados pelas mídias, através de programas televisivos, revistas, jornais, sites, etc. As mídias, neste contexto, assumem um papel privilegiado na educação dos sujeitos. Meyer destaca:

Nessa perspectiva, Educação e Saúde podem, pois, ser tomados como campos de conhecimentos e práticas que produzem, atualizam e repetem, incessantemente, “o que a mãe é ou deve ser” e sua “autoridade científica” constitui uma importante estratégia de

naturalização e universalização de tais definições. E a mídia jornalística, por sua vez, funciona, exatamente, como uma das instâncias centrais de articulação dos enunciados científicos ao senso comum e, nesse sentido, pode-se dizer que ela participa ativamente desse processo de significação da relação mãe-filho nas sociedades contemporâneas. (MEYER, 2005, p. 13).

A exemplo disso, podemos voltar na campanha “Toda gestação dura mil dias”, a qual contou com vários especialistas, como médicas/os, enfermeiras/os e psicólogas/os, e suas reportagens foram veiculadas por uma emissora brasileira de grande audiência, dando uma maior credibilidade aos discursos científicos ali veiculados, ensinando, assim, as mães a cuidarem de suas/seus filhas/os. Mas há que se chamar atenção para que a maternidade como vista hoje não foi sempre assim. A ideologia da maternidade intensificada e a politização da maternidade foram culturalmente construídas. Se fizermos uma busca histórica a respeito da maternidade, veremos que os cuidados com as crianças nem sempre estiveram ligados à figura da mulher, e nem sempre foram de maneira intensificada como visto hoje.

Moura e Araújo (2004), fazem uma análise a respeito da maternidade e dos cuidados maternos na história da Europa e do Brasil, destacando os discursos médicos e psicológicos para as novas configurações familiares contemporâneas. As autoras apontam para o fato de a exaltação ao amor materno ser relativamente nova, tendo início a partir do século XVIII, onde os discursos filosófico, médico e político passam a constituir o mito do amor materno.

Na Europa da Idade Média, Hays destaca o fato de que a tarefa de dar atenção às crianças, garantindo seu desenvolvimento, era deixada nas mãos de outras pessoas, muitas vezes sendo as crianças abandonadas ou entregues nas mãos de criadas/os. A autora coloca:

O uso de amas remuneradas era muito comum entre as classes médias e altas, embora muitos dos bebês enviados a essas amas morressem de doenças, fome ou desleixo; inúmeros sobreviventes jamais reviam seus pais. A principal responsável pela maioria das crianças eram mulheres, pelo simples motivo de estarem muito abaixo na escala da grande cadeia dos seres vivos. Em compensação, os filhos de aristocratas – crianças mais “valiosas” – em geral eram entregues aos cuidados de homens. Com certeza, não se acreditava em alguma espécie de instinto maternal que levasse as mães a

proteger e cuidar de seus filhotes. Ao contrário do parto, a educação não conferia honra ou *status* a quem dela se encarregasse. (HAYS, 1998, p. 30).

A partir desses dois exemplos de pesquisa histórica, temos indícios das mudanças culturais ocorridas, uma vez que o amor materno não tinha o mesmo valor contemporâneo. Para Badinter (1985), no início do século XVIII o que aparece de novo em relação ao amor materno é sua exaltação, sendo caracterizado como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade. Assim:

Igualmente nova é a associação das duas palavras, “amor” e “materno”, que significa não só a promoção do sentimento, como também a da mulher enquanto mãe. Deslocando-se invisivelmente da autoridade para o amor, o foco ideológico ilumina cada vez mais a mãe, em detrimento do pai, que entrará progressivamente na obscuridade. (BADINTER, 1985, p. 145).

A figura do pai ainda aparece em segundo plano em nossa sociedade, uma vez que a mãe é mais responsabilizada por todos os cuidados que envolvem uma/um filha/o. Não é difícil percebermos, em exemplos cotidianos, o quanto essa diferença marca os gêneros. Com uma mãe, o “natural” é que ela cuide e se cuide, assuma todas as responsabilidades com a criança e com ela mesma, desde a gestação. O homem, ao auxiliar a mãe nos cuidados, geralmente é destacado como um bom pai. Para Badinter, o discurso médico herdado de Freud ajudou a instituir a figura do pai em segundo plano, o que ecoa em nossa sociedade até hoje. A psicanálise impôs a necessária distinção dos papéis entre pai e mãe: “aos olhos de Freud e de seus sucessores, a mãe simboliza antes de tudo o amor e a ternura, e o pai, a lei e a autoridade. Mas, se não se cessou de falar sobre o devotamento materno, pouco se mencionou o papel cotidiano do pai” (1985, p. 314). Assim, a teoria psicanalítica faz parte da construção cultural e social da maternidade.

Essas ressignificações da figura materna que aqui colocamos são importantes para tentarmos entender o que se fala sobre maternidades hoje. Badinter chama atenção para um fato muito importante, que aparece nas nossas análises dos artigos. Para a autora, “a angústia e as culpas maternas nunca foram tão grandes como no nosso século, que se pretendia no entanto liberador.” (BADINTER, 1985, p. 296). Nas análises, veremos como a figura materna é responsabilizada pelos cuidados com a/o

filha/o, e como os discursos médico e científico são utilizados para explicar desde a gestação até o pós-parto, e por vezes usado como referência para enquadrar em patologias as mães que não se enquadram na figura hegemônica de maternidade.

3.3 Pedagogias Culturais, mídia televisiva e Facebook

Os Estudos Culturais, ao promoverem a ampliação da compreensão de cultura, permitem que as práticas sociais sejam entendidas e analisadas através de um ponto de vista cultural, uma vez que a cultura se encontra imbricada no cotidiano dos sujeitos, os quais são interpelados por narrativas, imagens, sons e outras formas de comunicação, que ensinam formas de ser, viver e conviver em sociedade. (IGNÁCIO, 2007).

Entende-se por pedagogia cultural “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido — em conexão com relações de poder — no processo de transmissão de atitudes e valores, tais como o cinema, a televisão, as revistas, os museus etc.” (SILVA, 2000, p. 89). Essa ideia ancora-se no referencial de pesquisa desta dissertação, os Estudos Culturais, uma vez que “qualquer artefato é passível gerar aprendizagem, ou seja, pode-se criar pedagogias, modos de ensinar e possibilidades de aprender a partir de qualquer artefato cultural.” (TOURINHO; MARTINS, 2015, p. 34).

Como vemos, trata-se de um conceito potente para as pesquisas em Educação, pois amplia nossos olhares e entendimentos sobre como se dão os diferentes processos educacionais em diferentes instâncias. Andrade e Costa destacam:

Parece-nos que, mais produtivo do que cercar o conceito para afirmar o que são ‘mesmo’ essas tais pedagogias culturais, seria investigar suas condições de possibilidade e os significados denotativos que a articulação dessas condições oferecem ao conceito. Assim, pensamos que a potência de cada condição, da mesma forma como uma linha que compõe um mapa, está na especificidade de cada uma delas, e apenas quando agrupamos essas linhas em um mesmo quadro é que podemos compreender o que torna o conceito de pedagogias culturais tão atraente, flexível e produtivo para indicar processos educativos em marcha nas sociedades de hoje. (ANDRADE; COSTA, 2017, p. 18).

Visto isso, passamos a entender que as práticas de maternidade são ensinadas por diferentes meios. Marcello, destaca que “diferentes espaços fazem da maternidade alvo de uma série de investimentos discursivos e, com isso, acabam igualmente produzindo um conjunto preciso e hierárquico de sentidos sobre ela.” (2003, p. 18). E há também que se considerar quais os tempos destes espaços, pois os investimentos discursivos estão compreendidos nas permissões de cada tempo. A autora também defende a importância de problematizar as formas pelas quais a maternidade vem sendo enunciada midiaticamente, pois o conceito de Educação necessita ser ampliado, já que os processos educacionais e formativos são exercidos em outros espaços da cultura também.

Uma das instâncias sociais que consideramos ser importante na questão de educar é a mídia, e muito se tem investido a partir dos Estudos Culturais nos estudos relacionados aos produtos midiáticos e suas significações. A mídia televisiva e a internet atualmente possuem alcances muito expressivos. Segundo uma pesquisa realizada pelo IBGE e divulgada pela Teleco, Inteligência em Telecomunicações, no ano de 2014, 97% dos domicílios tinham acesso à televisão no Brasil, já a internet atingiu mais de 50% das casas no país. (IBGE, 2016).

Seguindo o fundamento dos Estudos Culturais, compartilhamos a concepção de Andrade, que ao falar sobre mídias e cultura, coloca:

Mídia e educação fazem parte do universo da cultura, produzindo modelos de vida, modos de ser, de viver, de ver o mundo, reforçando e veiculando uma gama de ensinamentos às pessoas. Esses ensinamentos colocam em ação estratégias pedagógicas de interpelação dos sujeitos. Essas estratégias são chamadas, dentro da perspectiva teórica dos estudos culturais, de pedagogias culturais, e atuam diretamente sobre os corpos dos sujeitos, educando-os, moldando-os, governando-os. (ANDRADE, 2012, p. 72).

Assim, vemos as mídias como ferramentas potentes de produção e veiculação da cultura na sociedade contemporânea. Elas funcionam como instâncias centrais de divulgação de notícias e fonte de entretenimento. Neste trabalho, ao falar sobre mídias, estamos mais especificamente falando sobre a televisão e a internet, já que o *corpus* desta pesquisa se refere a um episódio de programa televisivo e uma postagem realizada em um site de rede social. Nesta perspectiva, consideramos como artefatos culturais, que contém pedagogias, capazes de educar os sujeitos. Partimos

do pressuposto de que a educação não é exclusividade dos bancos escolares, pois ela está imersa em diversas pedagogias e artefatos culturais.

As pedagogias culturais surgiram como uma “produtiva ferramenta teórica acionada para discutir a relação entre artefatos da cultura e processos educativos.” (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 49). Este conceito está ancorado na perspectiva dos Estudos Culturais em seu viés pós-estruturalista, o qual considera que o poder pedagógico ultrapassou os muros da escola. As autoras destacam a importância deste conceito para a pesquisa neste campo, reiterando:

O conceito de pedagogias culturais abriu novas possibilidades de investigação na educação. Parece residir neste ponto a potência do conceito: evidenciar novos modos de ver e pensar a pedagogia para nos dizer sobre saberes, sobre outras experiências e diversificados processos que nos educam e nos fazem ser quem somos. (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 61).

A partir desta concepção é que discutimos o episódio do Profissão Repórter e a postagem realizada no Facebook, considerando seu *status* pedagógico. Uma das autoras que muito vem estudando a mídia televisiva nesta perspectiva é Rosa Maria Bueno Fischer (2013). A autora levanta significativas problemáticas a respeito da televisão, oferecendo um estudo crítico deste aparato.

Fischer, anuncia a televisão como:

[...] acontecimento, como prática social, ao mostrar o quanto produzir TV, veicular programas, imaginar formas de dizer algo ao público, experimentar o cotidiano de consumir imagens, divertir-se, passar o tempo, informar-se diante da pequena tela – são todas práticas relacionadas a processos de produção de sentidos na sociedade. Apropriar-se desse meio, estudar suas estratégias de endereçamento, de criação de imagens e sons, compreender a complexa trama de significações que aí estão em jogo – acredito que seja essa uma tarefa eminentemente educativa, pedagógica, no melhor sentido desse termo. (2013, p. 49).

A autora chama atenção para a centralidade do corpo e da sexualidade nos produtos midiáticos, o que ela denomina como sintoma cultural. Segundo a autora, há um casamento perfeito entre corpo e as mídias, pois nelas são produzidas imagens que habitam nossas residências, as quais expõem o corpo nos seus mínimos

detalhes. Assim, através das mídias, aprendemos formas de tratar nosso corpo, bem como práticas corporais, de cuidado e de beleza. Aprendemos, através do discurso de diferentes especialistas, modos de nos cuidarmos. Fischer coloca:

Se é verdade que os discursos sobre como devemos proceder, como devemos ser e estar nesse mundo, o que fazer com cada parte de nosso corpo, o que fazer com nossa sexualidade, produzem-se e reproduzem-se nos diferentes campos de saber e práticas sociais, talvez se possa afirmar, sem incorrer em exagero, que adquirem uma força particular quando acontecem no espaço dos meios de comunicação. Assim, todas as “dicas” médicas, psicológicas ou até de ordem religiosa ou moral, comunicadas através de inúmeros especialistas de todos esses campos do conhecimento, a respeito daquilo que devemos fazer com nosso corpo e nossa sexualidade, ao se tornarem presentes no grande espaço da mídia, não só ampliam seu poder de alcance público como conferem à própria mídia, ao próprio meio, um poder de verdade, de ciência, de seriedade. (FISCHER, 2013, p. 48).

Tais discursos científicos, colocados pela autora como dicas médicas, constituem o universo da maternidade de forma especial, onde há um investimento educativo para com as gestantes, desde a descoberta da gravidez, até o período posterior ao nascimento da/o filha/o. E é por conta disto que nos propomos a analisar um programa televisivo, por perceber sua potencialidade em educar e veicular significados sobre os corpos, os gêneros e, de modo especial nesta pesquisa, a maternidade, participando na formação dos sujeitos. Fischer também reitera que “ao transformar a TV em objeto de estudo, estamos propondo a compreensão de que nosso olhar e o mundo não se separam, assim como ocorre com as palavras e as coisas. Um está no outro. Um está nas outras.” (2013, p. 53).

Além do programa televisivo, fez parte do *corpus* de análise desta dissertação uma postagem realizada em um site de rede social na internet, o Facebook. Para Recuero (2009), uma rede social é formada por dois elementos, os atores e as conexões estabelecidas entre eles. Para ela, ao abordar as redes sociais, não é possível isolar seus atores e nem suas conexões, já que o foco desta abordagem se dá nestas relações as quais envolvem uma grande quantidade de interações.

Recuero (2009), define o Facebook como um site de rede social, que se enquadra numa categoria do grupo de *softwares* sociais, o qual possui aplicação direta para a comunicação mediada por computador.

Assim, a autora define:

Sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes. (2009, p. 104).

Uma vez definida a categoria do Facebook, passamos a discutir sua importância atual nas comunicações e nas relações pessoais, já que permite com que haja uma conexão entre milhares de pessoas ao mesmo tempo. O Facebook, na sua página inicial anuncia: “o Facebook ajuda você a se conectar e compartilhar com as pessoas que fazem parte da sua vida.” (FACEBOOK PARA EMPRESAS, 2016). Porém, sabemos que esse site de rede social faz muito mais que isso, sendo possível que se compartilhe o que eu desejar com pessoas de todo o mundo, inclusive aquelas que não conhecemos.

Talvez esse seja um dos motivos pelo qual essa rede repercute e influencia tanto em nossa sociedade contemporânea. De acordo com dados divulgados pela empresa Facebook em 2016, 102 milhões de pessoas acessam a plataforma todos os meses. (FACEBOOK, 2016). A rede teve sua origem em 2003, e rapidamente começou a se espalhar pelo mundo. A empresa divulga que atualmente 62 milhões de pessoas acessam a plataforma todos os dias, e 92 milhões de pessoas acessam a plataforma todos os meses (id., *ibid.*). A partir destes impressionantes números, começamos a ter ideia da dimensão que este site de rede social toma, fazendo parte da vida cotidiana de uma grande parcela da população.

Correia e Moreira (2014), escreveram em seu artigo uma análise da história do Facebook e sobre as novas formas de comunicação, trazendo dados como o surgimento, os números de acesso e uma revisão bibliográfica de algumas pesquisas realizadas sobre esta ferramenta. Destacam:

À medida que o Facebook e os outros *sites* de redes sociais continuam a sua expansão, adquirindo influência mundial e onipresença *online*, as pessoas utilizam a internet com uma maior interatividade social. Estes desenvolvimentos representam uma alteração fundamental no papel da internet, no cotidiano, e somente agora os investigadores

estão a começar a compreender o impacto destas mudanças. (2014, p. 182).

Diante dessas discussões, assumimos aqui uma problematização da maternidade como construção histórica e social, dependente dos tempos e possibilidades. Compreendemos, também, as mídias como veiculadora de cultura, ensinando modos de se exercer uma maternidade mais legítima do que outras. E considerando gênero como uma construção social. A seguir, passamos a caracterizar as ferramentas metodológicas e o *corpus* de análise da pesquisa.

4. FERRAMENTAS METODOLÓGICAS E *CORPUS* DE ANÁLISE

A partir das lentes teóricas adotadas nessa pesquisa, decidimos por fazer uma análise do episódio “Depressão pós-parto” do programa Profissão Repórter e do desafio publicado no site de rede social Facebook, por entendermos que essa vertente nos dá suporte teórico para discutirmos a linguagem na construção dos sujeitos contemporâneos. E também por compreender a inter-relação existente entre comunicação e cultura, fundamentada numa concepção onde os processos culturais são processos de produção de sentidos inseridos em contextos sociais determinados. (ROCHA *et al*, 2010).

Em suas vertentes pós-estruturalistas, os Estudos Culturais colocam que os sujeitos são seres produzidos nas tramas da linguagem e da cultura, em meio a relações de poder, dando importância à linguagem como processo de significação. Assim, “o sujeito não possui uma essência, uma consciência centrada, ele é uma construção discursiva, uma construção histórica e cultural, uma invenção.” (QUADRADO, 2006, p. 26). Partindo desse entendimento teórico, um ponto importante da análise cultural é considerar a recepção na comunicação como um processo de troca a partir da linguagem sendo entendida enquanto polissêmica, visto que resulta da relação entre sujeitos, signos e contextos. (ROCHA *et al*, 2010).

Assim, a análise cultural, aliada aos Estudos Culturais, é uma prática política (MORAES, 2016). Para a autora,

Empreender uma análise cultural comprometida com as conjunturas dadas pelas próprias práticas sociais objeto do estudo passa por um tipo de reflexão que inclui as inter-relações de todas essas práticas, buscando suas regularidades, isto é, os padrões que nelas se repetem e, também, o que representa rupturas desses padrões. (MORAES, 2016, p. 07).

Portanto, a análise cultural, além de ser uma prática política, busca analisar a complexidade de diferentes relações, com suas regularidades e rupturas, destacando diferentes formas culturais possíveis de se vivenciar. Sendo assim, os sujeitos por vezes reinventam práticas sociais, constituindo novos modos de organização. (MORAES, 2016).

Para Wortmann (2007), na análise cultural, é importante darmos ênfase e examinar as relações entre linguagens, representações, produção de significados e

discursos. A autora ainda destaca a importância de “penetrar nas linguagens” e “garimpar” os significados em uma multiplicidade de histórias e textos, ao nos valeremos da análise cultural como metodologia. Assim, “tal compreensão exige, então, que, ao se realizarem análises culturais, atente-se para o modo como o discurso constrói, de forma sistemática, versões do mundo social e natural e para o modo como ele posiciona os indivíduos nas relações de poder.” (WORTMANN, 2007, p. 82).

Valemo-nos dessa metodologia por entendermos que ela contribui para desnaturalizar verdades que comumente não questionamos e também por entendermos que nossas identidades são múltiplas e construídas dentro do discurso e não fora dele, como coloca Hall (1997). O autor destaca:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p. 107).

Assim, a análise cultural nos permite investigar as identidades construídas no meio social. É partindo dessa perspectiva que compartilhamos as palavras de Louro:

A escolha teórica e política que venho empreendendo há alguns anos tem me levado a desconfiar das certezas definitivas, tem me obrigado a admitir a incerteza e a dúvida. Venho aprendendo a operar com a provisoriedade, com o transitório, com o mutante. Isso está muito longe de significar que «vale tudo», mas implica praticar, freqüentemente, o auto-questionamento. Nesse caso, abandona-se a pretensão de dominar um assunto ou uma questão. (LOURO, 2007, p. 238).

Os modos de endereçamento também ganham sentido especial em nossa escolha metodológica, pois esse conceito “revigora o lugar da produção ao abandonar o pressuposto de que as mensagens sempre ‘respondem’ aos interesses da ideologia dominante.” (ROCHA *et al*, 2010, p. 05). Agora, se busca compreender as relações estabelecidas entre o programa e a experiência de quem o assiste.

As teorizações a respeito dos modos de endereçamento reconfiguraram seu olhar ao chamar a atenção para a centralidade dos receptores no processo de construção dos sentidos dos filmes, pois uma ênfase centrada na mensagem é incapaz de remeter ao lugar no qual os sentidos são compartilhados no cotidiano: a cultura. Esta virada para os estudos de recepção possibilitou também a ruptura com a dicotomia expressa ou por uma relação contestatária ou por uma

relação reacionária com o conteúdo das obras. Estes estudos apontaram para uma maior complexidade feita nos usos dos textos fílmicos e possibilitaram uma releitura dos modos de produção da mensagem. (ROCHA et al, 2010, p. 06).

As autoras que utilizamos para falar sobre modos de endereçamento usam como referência filmes para exemplificar essa metodologia, entretanto, essa análise pode ser adaptada a programas televisivos também, como é o caso dessa pesquisa. Ellsworth (2001), também fala sobre os modos de endereçamento e destaca:

O conceito de modo de endereçamento está baseado no seguinte argumento: para que um filme funcione para um determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para uma espectadora, ou para que ele a faça rir, para que a faça torcer por um personagem, para que um filme a faça suspender sua descrença [na “realidade” do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz ao final – a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme. (ELLSWORTH, 2001, p. 14).

Para operarmos os pressupostos da análise cultural, consideraremos importante, então, os modos de endereçamento. “Modo de endereçamento indica algo que é próprio de um texto e do tipo de relação que ele deseja construir com sua audiência cuja base é sustentada pela mediação da cultura.” (ROCHA et al, 2010, p. 07).

Um programa televisivo está fazendo parte desta pesquisa por entendermos que “a televisão não é um conjunto de conteúdos neutros, uma vez que o próprio meio está ativamente engajado na produção de sentido.” (ROCHA et al, 2010, p. 04). Também, os textos culturais, como os programas televisivos, ao falarem sobre determinado assunto, acabam por não apenas descrever as coisas, mas também constituir o que chamamos de “realidade”. (COSTA, 2002).

Para o primeiro momento da pesquisa, usamos a proposta metodológica de Fischer (2013), onde a autora propõe um roteiro para análise de produtos televisivos. O roteiro consiste em seis perguntas, as quais são:

1. Que tipo de programa é esse?
2. Quais os objetivos desse artefato? Quais suas estratégias de veiculação? A quem “se endereça”?
3. Qual a estrutura básica do programa?

4. Afinal, de que trata esse programa? Quem fala e de que lugar?
5. Com que linguagens se faz este produto?
6. Que relações fazer entre esse artefato da mídia e outros problemas, teorias ou temáticas de interesse para a educação?

A partir destas questões, a autora deseja mostrar as muitas e diferentes possibilidades de estudo da TV, “de modo que este incorpore decisivamente os tantos aspectos da cultura na prática pedagógica, os tantos saberes que circulam na sociedade e que participam da formação de crianças e jovens.” (FISCHER, 2013, p. 84). Cabe destacar que o roteiro da autora é apenas uma possibilidade de análise, não se tratando de algo fechado e sem possibilidades de mudanças, assim, utilizamos as perguntas que consideramos pertinentes na análise do episódio.

Foi acrescentado as análises do episódio dois pontos que consideramos importantes de serem investigados e analisados. O primeiro refere-se a análise das falas das participantes do programa, durante as entrevistas. E o segundo refere-se aos modos de endereçamento do programa, bem como quem o produziu, de que lugar estas pessoas estão falando, qual a formação destes sujeitos, se são homens ou mulheres, dentre outras questões relevantes.

No segundo momento, foram analisados alguns comentários do desafio da maternidade real a partir da análise das publicações feitas na postagem de Juliana Reis, no Facebook. Para tanto, os comentários foram selecionados primeiramente pelo número de curtidas, pois consideramos que o sujeito, ao curtir um determinado comentário, vem a de identificar com ele. Posteriormente, agrupados por semelhanças e organizados em categorias. Para tanto, organizamos uma tabela a partir dos significados de maternidade e sujeito-mãe presentes nas postagens. A produção da tabela serviu como balizadora para o agrupamento e categorização dos comentários.

A partir da categorização dos comentários, deparamo-nos com um significativo conjunto de críticas à autora da postagem, que superavam em número os comentários de apoio à Juliana. Como qualquer pesquisa implica em escolhas, especialmente quando se tem prazos a cumprir, optamos por focar no conjunto maior de comentários, elaborando os artigos que compõem esta dissertação a partir da análise daqueles que tecem críticas à postagem. O *corpus* de análise desta pesquisa constitui-se a partir de

artefatos de duas mídias: um programa televisivo e uma postagem no site de rede social Facebook.

O primeiro refere-se a um episódio produzido e veiculado pelo Profissão Repórter, programa da emissora Rede Globo, a qual cobre 99,44% do território brasileiro, alcançando 99,50% de toda a população brasileira, segundo dados divulgados no site da emissora (REDE GLOBO, 2016). Também é colocado que entre todas as suas produções, a jornalística é a maior, somando 62 mil horas por ano de programação. (Id., Ibid). O Profissão Repórter é um programa jornalístico semanal que estreou em 2008, e desde lá apresenta significativa audiência. O programa é exibido semanalmente às quartas-feiras, por volta das 23h45min, tendo uma duração média de 30 minutos. Em 2009 recebeu o Troféu Imprensa de melhor programa jornalístico de 2008 (WIKIPÉDIA, 2018). Seu principal jornalista e apresentador é Caco Barcellos, nome reconhecido do jornalismo brasileiro.

O programa tem como característica mostrar diferentes ângulos do mesmo fato, segundo é anunciado em suas propagandas. Sua equipe é composta por jornalistas novatos, selecionados por Caco Barcellos e sua equipe. Cada semana o programa apresenta um episódio diferente, selecionando temas que são considerados socialmente relevantes ou que estão tendo repercussão no momento.

O episódio de interesse para esta pesquisa refere-se ao intitulado Depressão pós-parto, o qual foi veiculado no dia três de agosto de 2016, e encontra-se disponível na *Globo Play*²⁸, plataforma digital de vídeos da emissora. O site do programa também apresenta o episódio dividido por blocos, como são apresentados, junto a uma reportagem escrita no site G1²⁹, onde é descrito o tema do programa que foi ao ar.

No segundo momento, investigamos o desafio da maternidade real, veiculado no Facebook, site de rede social que faz parte desta pesquisa por considerarmos que ele produz muitas representações em nossa sociedade contemporânea. Sibilia (2008), fala que o Facebook, juntamente com outras redes sociais, passa a transformar o mundo, e a derrubar as fronteiras do privado e do público, já que a atual “sociedade

²⁸ Link do episódio na plataforma Globo Play: <https://globoplay.globo.com/v/5210572/> Acesso em 21 de mai. 2018.

²⁹ Link da reportagem: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2016/08/uma-em-cada-quatro-mulheres-sofre-de-depressao-pos-parto-no-brasil.html> Acesso em 21 de mai. 2018.

do espetáculo” o sujeito só é o que se vê. É partindo desta premissa que consideramos o Facebook como uma prática social potente para ser explorada.

O desafio da maternidade real foi realizado em resposta ao desafio da maternidade, ambos lançados no Facebook. Os desafios começaram a surgir no Facebook, no Brasil, pelo ano de 2012. A proposta é lançar alguma ideia, a qual se passa a convidar os amigos para aderirem ao mesmo desafio, geralmente envolvendo a postagem de fotos e vídeos. Alguns desafios já ficaram muito famosos, e foram aderidos até mesmo por artistas. Um dos mais repercutidos foi o desafio do balde de gelo, uma campanha criada para ajudar uma ONG americana voltada à doença esclerose lateral amiotrófica. Os participantes deveriam postar vídeos onde apareciam tomando banho com um balde cheio de gelo, fazer um depósito bancário para ajudar a ONG e marcar mais três amigos para fazer o mesmo.

O desafio da maternidade chegou ao Brasil em fevereiro de 2016 e gerou grandes debates. A proposta era que as mães compartilhassem fotos felizes da maternidade, utilizando a *hashtag* desafio da maternidade (#desafiodamaternidade) e indicando mais três amigas para fazer o mesmo. Na grande maioria das publicações, as fotos vinham acompanhadas de textos, onde as mães expressavam os motivos pela felicidade em serem mães. A polêmica surgiu quando Juliana Reis³⁰, através do seu perfil no Facebook, recebeu o convite para participar do desafio e decidiu não aderir a ele, criando, em resposta, o desafio da maternidade real (#desafiodamaternidadereal). Ela postou uma montagem, com três fotos, em situações do dia a dia com seu filho, que era recém-nascido. Nas fotos, ela aparecia em situações cotidianas, amamentando seu filho e fazendo-o dormir e aparentava estar cansada. A foto veio acompanhada de um texto onde a mãe expressava seu desgosto com a árdua tarefa de cuidados com o recém-nascido.

A repercussão foi enorme, gerando muitos comentários a respeito. Juliana chegou a ter sua conta do site de rede social bloqueada pela empresa dona do Facebook após inúmeras denúncias, mas um dia depois a conta já havia sido reativada. A foto foi postada no dia 15 de fevereiro de 2016, e somava 2.800 comentários, 120 mil curtidas e 21.765 compartilhamentos até o dia dezessete de fevereiro de 2018, mostrando a notável repercussão do desafio. Cabe destacar que a

³⁰ Dona de casa, 25 anos.

grande maioria dos comentários foram na semana da postagem, mas alguns novos vieram a surgir quando Juliana apareceu no Profissão Repórter.

5. ANÁLISES – ARTIGOS PRODUZIDOS

A seguir, apresentamos os três artigos que compõe essa dissertação. O primeiro intitula-se: “Narrativas sobre maternidades e depressão pós-parto em um programa da mídia televisiva brasileira”, onde analisamos as narrativas sobre maternidades e depressão pós-parto apresentadas no programa Profissão Repórter.

O segundo artigo, “Maternidade sem romantismos: olhares sobre o desafio da maternidade real em um site de rede social”, analisamos a postagem feita no site de rede social Facebook em resposta ao desafio da maternidade, destacando três categorias de comentários: a naturalização da maternidade e dos atributos femininos, a patologização do comportamento de Juliana e a amamentação como ato de amor.

No último artigo, “Alguns olhares sobre o discurso religioso e médico no desafio da maternidade real”, também analisamos a postagem do desafio da maternidade real, entretanto, destacamos os discursos religioso e médico na construção da maternidade e do sujeito-mãe.

5.1 NARRATIVAS SOBRE MATERNIDADES³¹ E DEPRESSÃO PÓS-PARTO EM UM PROGRAMA DA MÍDIA TELEVISIVA BRASILEIRA

Resumo

Neste artigo, analisamos o episódio “Depressão pós-parto”, produzido e veiculado pelo programa da Rede Globo Profissão Repórter, o qual foi ao ar em agosto de 2016. No episódio, são mostradas duas facetas da maternidade: as mães que sofrem com a depressão pós-parto e mães que são chamadas de desromantizadas por falarem sobre um lado pouco mostrado da maternidade. Utilizamos como metodologia ferramentas da análise cultural e também um roteiro para análise de programas televisivos. Na perspectiva da depressão pós-parto, o episódio se vale do discurso científico para explicar sobre a doença, através dos depoimentos de profissionais da saúde, os quais informam sobre sintomas da depressão. Na perspectiva das mães denominadas desromantizadas, o programa também utiliza explicações científicas para alguns acontecimentos narrados. O programa informa e também (re)produz modos de ser mãe, pois consideramos que somos interpeladas/os pelos discursos produzidos em diferentes instâncias, como, por exemplo, a midiática.

Palavras-chave: maternidade; mídia; depressão pós-parto.

³¹ Utilizamos maternidades, no plural, por entender que há diferentes maneiras de viver esse processo.

Introdução

A maternidade costuma suscitar diferentes discussões, apesar de apresentar, comumente, alguns aspectos hegemônicos, como a visão de a mãe sempre amar sua/seu filha/o, a amamentação como um ato de devoção, o amor materno como algo natural e inerente a todas as mulheres, entre outros pontos. Ser mãe, em geral, é um assunto naturalizado, pois como coloca a autora Rodrigues:

A maternidade está naturalmente inserida no ciclo de vida das fêmeas, mas provoca repercussão intensa na vida das mulheres como fenômeno social, porque tem uma dimensão simbólica, ideológica, emocional, religiosa, política e econômica e existe muito antes para elas, que enfrentam as alterações orgânicas e psíquicas da gravidez, do que para a sociedade e o Estado, que absorverão mais tarde o novo cidadão. (RODRIGUES, 2008, p. 44).

Assim, carregada de significados, a maternidade é um fenômeno social e biológico. Existem modos de ser mãe que socialmente são mais aceitos que outros, gerando muitas exigências para com as mulheres e assim reforçando diferenças de gênero em nossa sociedade.

Marcello (2003) destaca a importância de problematizar as diferentes formas que a maternidade é apresentada midiaticamente, pois o conceito de educação precisa ser ampliado, uma vez que os processos educacionais estão ocorrendo, cada vez mais, em outros espaços da cultura.

Neste artigo, analisamos as narrativas sobre maternidades e depressão pós-parto apresentadas no programa Profissão Repórter³². O episódio nominado “Depressão pós-parto” foi ao ar no dia três de agosto de 2016 e encontra-se disponível na plataforma digital da emissora³³. No episódio, são apresentadas duas facetas da maternidade, que serão discutidas neste artigo, através de entrevistas de mães consideradas com depressão pós-parto e de mães que defendem uma maternidade desromantizada.

³² Programa produzido e apresentado pela Rede Globo que vai ao ar todas as quartas-feiras à noite, desde 2008, com duração média de 40 minutos por episódio, abordando diferentes temas da atualidade.

³³ *Link* para acesso ao programa online: <https://globoplay.globo.com/v/5210572/> Acesso em 20 de fevereiro de 2018

Na primeira parte do programa analisado, há três entrevistadas principais que dizem estar com depressão pós-parto e elas mesmas se ofereceram para participar do programa, contando suas histórias. No segundo momento, são entrevistadas duas mães que fazem parte do movimento que vem sendo chamado de maternidade desromantizada, pois elas rompem com a lógica moderna da maternidade, em que esta é vista como algo idealizado e as mães contam apenas o lado bom da maternidade, não fazendo referência ao lado que, para elas, é o lado ruim e “real” de ser mãe.

Maternidade, mídia, verdade: alguns apontamentos

O episódio analisado é direcionado principalmente a mulheres, em especial a mulheres mães, pois fala sobre maternidade, assunto que entendemos ser socialmente considerado de interesse feminino. Meyer *et al* (2006), escrevem sobre os processos educativos relacionados à saúde e que ocorrem pelos meios de comunicação:

O que se verifica nos processos comunicativos que colocam em movimento os programas e projetos de educação em saúde é a permanência da ideia de que a “falta de saúde” é um problema possível de ser solucionado, individual ou coletivamente, desde que se disponha de informações técnico-científicas adequadas e / ou da vontade pessoal ou política dos sujeitos expostos a determinados agravos à saúde. Mesmo naquelas propostas que buscam ampliar a abrangência dos programas educativos, tal ampliação dá-se no sentido da incorporação de estratégias participativas, nas quais a interação com o repertório sócio-cultural e o seu resgate constituem um recurso de acomodação dos conteúdos técnico-científicos ao universo cultural daqueles a quem se deseja (ou se deve) ensinar. (MEYER *et al*, 2006, p.1136).

A educação em saúde vem a apresentar práticas que colocam os sujeitos como responsáveis por seu bem-estar. Como veremos nas análises do episódio que trata sobre depressão pós-parto, é apresentada a doença e seus sintomas, mas com todas as possibilidades de cura e cuidados que as mães podem e devem ter. Nesta perspectiva, a educação em saúde passa a ser uma estratégia de informar e educar os sujeitos, fazendo uma espécie de monitoramento dos corpos através da orientação.

Desse modo, os corpos estão constantemente sendo monitorados e necessitando de educação e as mulheres tornam-se alvo maior de técnicas de cuidados de si, devendo expor sua intimidade e falar de si. Com isso, são responsabilizadas pelo seu bem-estar, e, no caso do exercício da maternidade, também pelo bem-estar de sua/seu filha/o.

Com relação ao episódio estar sendo endereçado às mulheres e principalmente mulheres mães, Fischer destaca:

Tudo indica que haveria uma predominância da mulher (das mais diferentes faixas de idade e de situações sociais) como protagonista de inúmeras e diferenciadas formas de confissão nas telas da TV, de tal forma que, comparativamente aos homens, elas estão mais presentes como sujeitos falantes, “confessantes” e igualmente como sujeitos a serem formados, educados, ou seja, como sujeitos cada vez mais necessitados de normas e procedimentos para permanentemente “cuidarem se si”. (FISCHER, 2001, p. 587).

Fischer (2001) apresenta a ideia de que, de modo particular a televisão, utiliza diversas estratégias de linguagem, mostrando-se como *locus* privilegiado de informação, educando as pessoas, procurando captar a/o telespectadora/telespectador em sua intimidade, possibilitando que ela/e se reconheça em “verdades” veiculadas nos programas, fazendo até mesmo com que o/a telespectador/a se auto avalie a partir da constante exposição da intimidade, que vem a tornar-se pública neste processo.

No episódio “Depressão pós-parto”, há a presença de especialistas, as vozes consideradas autorizadas a falar sobre a doença em questão e também não é qualquer pessoa que está sendo entrevistada no programa. Nesta análise, se faz importante considerar quem fala e de que lugar estas pessoas estão falando, de que lugar social ou individual as pessoas falam nas entrevistas, qual a especificidade das/os participantes do programa, ou seja, o que faz elas/es estarem participando do episódio. A mídia se utiliza de diversas estratégias para alcançar a audiência pretendida, como, no caso deste programa, entrevistar pessoas ditas “comuns”, pois faz o/a telespectador/a se identificar com as histórias e também, como mencionado anteriormente, o uso das vozes autorizadas pela ciência, que garante legitimidade ao que é dito.

Para Fischer (2013),

Um dos procedimentos pelos quais se faz o controle dos discursos é o que se refere às minuciosas regras que se criam no interior de determinados campos de saber, segundo as quais se define quem pode ter acesso a certos discursos ou quem atende às exigências que lhe permitem “entrar na ordem discursiva x”. (FISCHER, 2013, p. 132).

Logo, não é por acaso que determinadas pessoas estão sendo entrevistadas no episódio e não outras. Veremos, por exemplo, que o número de mulheres que são entrevistadas no programa é muito superior ao de homens, pois “naturalmente” as mulheres estariam autorizadas a falar sobre maternidades, e não os homens. E também há as vozes autorizadas pela legitimidade da ciência para falar sobre o assunto de interesse do programa.

Entre as vozes autorizadas a falar sobre a depressão pós-parto, são entrevistados dois psiquiatras, uma psiquiatra e uma psicóloga. Também um médico pediatra vem a aparecer durante uma consulta com uma das mães da maternidade sem romantismos. Estas/es entrevistadas/os possuem como motivo para estarem no programa a autorização para falar a partir do campo da ciência, uma vez que sua formação lhes posiciona num lugar legitimado, que lhes institui poder para falar sobre esse tema, uma vez que detêm o saber médico/científico. Assim, são chamados/as para informar e ensinar sobre a doença que está sendo discutida no programa. O discurso médico dá legitimidade ao que está sendo falado no programa, dado que a ciência em nossa sociedade é vista como “a verdade”.

Foucault (1977), entende por verdade um conjunto de procedimentos, os quais permitem serem pronunciados a cada instante e a cada uma/um o que será considerado verdadeiro. Para o autor:

Não há absolutamente instância suprema. Há regiões onde esses efeitos de verdade são perfeitamente codificados, onde o procedimento pelos quais se pode chegar a enunciar as verdades são conhecidos previamente, regulados. São, em geral, os domínios científicos. No caso das matemáticas, é absoluto. No caso das ciências, digamos empíricas, já é muito mais flutuante. E depois, afora as ciências, têm-se também os efeitos de verdade ligados ao sistema de informações: quando alguém, um locutor de rádio ou de televisão, lhe anuncia alguma coisa, o senhor acredita ou não acredita, mas isso se põe a funcionar na cabeça de milhares de pessoas como verdade, unicamente porque foi pronunciado daquela maneira, naquele tom, por aquela pessoa, naquela hora. (FOUCAULT, 1977, p. 232).

Assim sendo, em nosso objeto de análise, temos a presença das duas instâncias que Foucault coloca ter mais credibilidade na produção de verdades, os domínios científicos e os efeitos de verdade ligados ao sistema de informações. No episódio, utiliza-se dos domínios científicos através da presença de especialistas sobre o tema apresentado no programa, e também, o programa já possui a confiança das/os telespectadoras/es por ser veiculado pela maior emissora brasileira.

Em sua maioria, são mulheres que participam do episódio, dando seus depoimentos. Quando homens aparecem, estes estão ou acompanhando a mãe de suas/seus filhas/os ou são médicas/os que estão autorizados a falar sobre o tema em questão. A mídia, que já se apresenta como um lugar privilegiado de informação, ao adotar o discurso médico na sua fala, garante um *status* de verdade, gerando uma expectativa de transmissão da “verdade”.

Olhares sobre a Depressão Pós-Parto no Programa Profissão Repórter

Para esta pesquisa, analisamos, o episódio “Depressão pós-parto”, do Programa Profissão Repórter, produzido e veiculado pela Rede Globo, no dia três de agosto de 2016, com duração de 40 minutos.

A análise está fundamentada no roteiro de análise de programas televisivos de Fischer (2013b), o qual, segundo a autora, é passível de adaptações que sejam pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa.

A autora apresenta, em sua proposta de roteiro de análise, as seguintes questões: I. Que tipo de programa é esse? II. Quais os objetivos desse artefato? Quais suas estratégias de veiculação? A quem “se endereça”? III. Qual a estrutura básica do programa? IV. Afinal, de que trata esse programa? Quem fala e de que lugar? V. Com que linguagens se faz este produto? VI. Que relações fazer entre esse artefato da mídia e outros problemas, teorias ou temáticas de interesse para a educação? (FISCHER, 2013).

Tais questões serviram como balizadoras para a produção de um texto que apresenta as discussões acerca do episódio analisado e que são potentes para essa pesquisa.

É importante definir de que tipo de programa se trata, relacionado a ideia do gênero do programa em questão. Entretanto, Fischer afirma: “a maioria dos estudiosos da área de comunicação afirma que, neste mundo pós-moderno em que vivemos, torna-se cada vez mais difícil estabelecer nítidas distinções entre gêneros televisivos”. (2013b, p. 84). Portanto, faremos aqui um breve apanhado quanto a esta questão, apenas para situar a/o leitora/leitor sobre o programa, uma vez que nosso propósito não é analisar o programa em si, mas apenas o episódio que trata de depressão pós-parto.

O Profissão Repórter é um programa da área de telejornalismo, o qual produz reportagens especiais semanalmente, através de entrevistas. Pensando em duas grandes modalidades de programação, programas de ficção ou programas de informação, este programa se enquadra na categoria de programas de informação, pois segundo Fischer (2013b), tem como objetivo informar sobre um determinado assunto ou fato. E no caso do programa analisado, este também mostra os bastidores da notícia, mostrando a/ao telespectadora/telespectador o processo de produção de uma reportagem, da reunião de pauta à edição, passando pelas fases de apuração, entrevistas e gravação. O apresentador Caco Barcellos e sua equipe de jornalistas vão às ruas para mostrar, por meio de diferentes ângulos do mesmo fato, os desafios da rotina das/dos repórteres. Cada repórter tem sempre uma missão, e as/os profissionais da equipe se envolvem em todas as etapas do trabalho. (MEMÓRIA GLOBO, 2010).

Quanto as suas estratégias de apresentação, a principal é o depoimento, a entrevista com pessoas comuns, não famosas, que se vê no cotidiano de cada uma/um, para que assim as/os telespectadoras/es se reconheçam no programa, sentindo-se parte dele, o que vem a gerar audiência, pois assistimos ao que, de alguma forma, faz sentido na nossa vida. O episódio se endereça, basicamente, à mulheres, especialmente mulheres que são ou que desejam/venham a ser mães, pois trata de maternidades e todas as entrevistadas também são mulheres mães.

O episódio do Profissão Repórter dura em média 40 minutos e, este em específico, está dividido em três blocos. Durante o programa, são apresentadas as entrevistas das/os convidadas/os, as quais ocorrem de maneira mais informal, por vezes na casa das/os participantes, em pé como em uma conversa cotidiana. Outras vezes, são exibidas cenas delas/es realizando alguma atividade, enquanto a/o

jornalista narra alguma informação sobre o que está aparecendo, ou sobre a vida da/o entrevistada/o. Isso aproxima ainda mais o/a entrevistado/a do cotidiano dos/as telespectadores/as, pois ao mostra-lo/a em situações rotineiras, contribui para a construção da ideia de que “poderia ser você”, ou “é alguém como você”. As entrevistas aparecem de maneira mesclada, intercalando as/os convidadas/os. Misturam-se, neste episódio, vários tipos de mulheres mães e de histórias, dando chance para que as telespectadoras se reconheçam em cada uma delas.

O episódio analisado tem como tema principal a depressão pós-parto, mostrando a história de mulheres que vivenciam isto e apresentando, também, mulheres que defendem a maternidade sem romantismos. Portanto, o programa tem como temática principal as maternidades, em diferentes perspectivas.

Ao todo, o episódio apresenta 14 mulheres e 2 homens, retratando com maior ênfase a história de três mulheres que dizem estar sofrendo de depressão pós-parto e de duas mulheres que defendem uma maternidade desromantizada. Entre as três primeiras mulheres, duas são mães solas e de baixa renda, e a outra é casada, sendo a única delas com formação universitária, visivelmente vivendo em condições financeiras mais favoráveis do que as demais. Entre as outras duas entrevistadas, ambas criam suas/seus filhas/os sozinhas, sem a presença de um/a companheiro/a. Já os dois homens que participam das entrevistas, um é o marido de uma das mulheres apresentada como doente e o outro é ex-companheiro de uma das mães apresentada como desromantizada.

Da produção do programa, fazem parte também duas repórteres, as quais entrevistam as mulheres que estão com depressão pós-parto, os médicos psiquiatras, que irão falar cientificamente sobre a depressão, e um repórter, o qual entrevista as mulheres que aparecem como defensoras de uma maternidade sem romantismos.

O programa é apresentado basicamente através de entrevistas. O vocabulário utilizado tanto pelas/os repórteres como pelas/os participantes é de fácil entendimento, mesmo quando se fala sobre algum termo científico. Aqui, a/o repórter por vezes apresenta algum termo médico e ele mesmo o explica, de forma simplificada. Ocorre por vezes uma dramaticidade nos diálogos, com a presença de uma sonorização mais melancólica, demarcando a intensidade da cena. Quanto ao cenário, as entrevistas são realizadas na casa das participantes e também nos

hospitais e institutos que trabalham com gestantes. Todas essas estratégias contribuem para a aproximação com a telespectadora a quem esse programa se endereça.

Tais estratégias de endereçamento contribuem para que o programa consiga atingir seu objetivo. Ellsworth (2001), fala sobre os modos de endereçamento como um termo com peso teórico e político, que surgiu no campo dos estudos do cinema e foi sendo apropriado pelo campo da educação. A autora resume o que seriam os modos de endereçamento, dentro do pensamento do cinema, mas que pode ser adaptado para outros artefatos, em: quem esse filme (ou programa) pensa que você é? Tal questionamento refere-se a algo que está no texto do filme/programa, agindo então, de alguma forma, sobre seus espectadores.

O conceito de modo de endereçamento está baseado no seguinte argumento: para que um filme funcione para um determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para uma espectadora, ou para que ele a faça rir, para que a faça suspender sua descrença [na “realidade” do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz ao final – a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme. (ELLSWORTH, 2001, p. 14).

As estratégias do episódio então, mostrando pessoas comuns, mães em diferentes situações sociais e culturais, fazem com que o programa consiga atingir mulheres mães em diferentes contextos sociais, uma vez que reúne elementos que as fazem se identificar com as situações apresentadas, fazendo sentido na vida delas e constituindo estratégias de endereçamento.

Além dessas discussões, produzidas a partir do roteiro de análise proposto por Fischer, também foi feita a transcrição das entrevistas das mulheres mães participantes do programa que alegam ter depressão pós-parto. Destacamos, a seguir, as falas consideradas mais representativas para a discussão sobre maternidades. Tais falas foram analisadas a partir da metodologia da Análise Cultural. Essa metodologia, associada aos Estudos Culturais, permite que práticas culturais sejam analisadas e sua importância no desenvolvimento desse artigo se dá porque a “análise cultural indica é o fato de que a televisão corresponde a um dos principais domínios na contemporaneidade através dos quais a cultura circula e é produzida.” (ROCHA, 2011, p. 10).

Mães depressivas e desromantizadas: olhares sobre a maternidade no Profissão Repórter

Uma vez realizada a análise inicial a partir do roteiro proposto por Fischer, passamos a analisar as falas decorrentes das transcrições das entrevistas do episódio “Depressão pós-parto”. O programa inicia com a apresentação a partir de pequenos trechos da história de cada uma das três convidadas consideradas depressivas, as quais serão, junto com outras duas mães consideradas desromantizadas, o foco do programa. Seguem as falas que apresentam as participantes depressivas, as mães consideradas desromantizadas serão apresentadas após esta primeira discussão.

Denise (narrada por sua vó): Ela parecia um robô, deitava em cinco travesseiros e não mexia os olhos, ficava só olhando pra cima.

Silvana: Eu olhava *pro* meu filho e não conseguia gostar. Eu olhava, e ele não parecia com nada, ele não parecia com ninguém.

Clarice: Querendo ou não eu tenho que dar um futuro *pra* ela, e é uma coisa que é meio assustadora pra mim, por que eu nunca pensei num futuro pra mim e agora tenho que pensar no futuro de uma outra pessoa.

Neste início, vemos uma similaridade entre as participantes consideradas depressivas, dando indícios de falta de interesse e de amor pela/o filha/o. Como relatado pela avó de uma das entrevistadas, logo que ela ganhou a filha mais parecia um robô, ou seja, não demonstrava entusiasmo como é esperado que seja demonstrado por uma mãe. Silvana, entrevistada que chegou a ser internada em uma clínica psiquiátrica, deixa clara a preocupação que tinha por não amar seu filho. E Clarice manifesta sua inquietação com a responsabilidade de pensar em um futuro para ela e a filha. As três são apresentadas desta forma, trazendo elementos que começam a construir a ideia de que estão depressivas e de que isto é patológico.

Isso também se torna perceptível na continuação do programa, quando Caco Barcelos faz uma breve síntese do episódio:

Caco Barcelos: Estes são depoimentos de quem sofre de depressão pós-parto. No Profissão Repórter de hoje você vai ver a história destas mulheres e saber como os médicos podem ajuda-las. [...] E as mães que defendem uma maternidade sem romantismos na *internet* e são criticadas por isso.

A depressão pós-parto está entre as patologias mais comumente designadas a mulheres que não expressam o sentimento de amor pela/o filha/o. De acordo com a Associação Brasileira de Psiquiatria³⁴, a depressão pós-parto atinge até 15% das mães. No site, a associação fala sobre a doença como sendo “quando a mãe, contrariando a imagem idealizada da maternidade, rejeita sua própria criança por conta de problemas psiquiátricos desencadeados logo após o parto” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2012).

Para muitos/as, é dificultoso assumir que nem todas as mulheres desejam ser mães ou, quando o são, não amem sua/seu filha/o acima de tudo. As diferentes maneiras de expressão materna, quando estas são distintas do que estamos acostumadas/os a ver, por vezes geram dúvidas e julgamentos. Quando o amor materno não atinge os níveis com os quais a sociedade está acostumada e, de certa forma exige, muitas mães são enquadradas como doentes. Badinter destaca:

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada. Convictos de que a boa mãe é uma realidade entre outras, partimos à procura das diferentes faces da maternidade, mesmo as que hoje são rejeitadas, provavelmente porque nos amedrontam. (BADINTER, 1985, p. 22).

Parece ser mais fácil, quando não presenciamos as atitudes e o amor materno “naturalmente” esperados, enquadrarmos as mães em alguma patologia, servindo quase que como uma linha de fuga para o enfrentamento da situação. Badinter (1985), ao longo do seu livro, apresenta algumas questões, que agora colocamos dentro do contexto do episódio do Profissão Repórter, com algumas possíveis adaptações. São elas:

- se existe um instinto materno, por que ele se manifesta em umas e não em outras mulheres?
- devemos considerar como “anormais”, como depressivas, todas as mães que desconhecem o amor pelas/os filhas/os?

³⁴ Site da Associação Brasileira de Psiquiatria disponível em: <http://www.abp.org.br/portal/depressao-pos-parto-ainda-e-tabu/> Acesso em 21 de mai. 2018.

- o que pensar de um comportamento patológico que atinge tantas mulheres de condições diferentes e dura há séculos? (BADINTER, 1985, p. 20).

Para esta discussão, damos ênfase ao que se entende como instinto materno, através do discurso do médico Drauzio Varella³⁵, que escreve em seu site³⁶ a explicação científica do instinto materno. O médico cita o artigo de uma revista de divulgação científica, *Scientific American*³⁷, o qual fala sobre as profundas mudanças sofridas pelas mamíferos fêmeas durante a gestação, na qual os hormônios estrogênios, progesterona e prolactina são fundamentais para a adoção do comportamento materno. Além destes hormônios, são descritos mediadores químicos que também exercem influência no comportamento materno através de ação direta sobre o sistema nervoso central. O médico também explica sobre a liberação de endorfina para reduzir o sofrimento causado pelas dores do parto e para contribuir para a instalação do comportamento maternal.

Depois da explicação científica do funcionamento dos hormônios, o médico relata que, uma vez disparado pelos hormônios e mediadores, o comportamento materno diminui sua dependência deles, sendo a presença da/o filha/o suficiente para mantê-lo. Quanto ao aleitamento materno, a questão é colocada através de uma experiência feita com ratas em época de aleitamento, as quais apresentariam a sensação de reforço e recompensa, mecanismo semelhante ao que ocorre com dependentes de drogas, segundo o médico. No estudo, ratas dependentes de cocaína, ao serem colocadas diante da escolha entre a droga e os filhotes recém-nascidos, dão preferência a estes.

Ao longo do texto o médico também explica que a ativação de determinada área do cérebro feminino, denominada *mPOA*, através dos hormônios e mediadores já citados anteriormente, reduz o medo e a ansiedade, e proporciona maior habilidade de orientação espacial, característica que não é o forte feminino, segundo o médico, dando coragem para que as fêmeas possam abandonar o ninho, achar alimentos e voltar para cuidar e proteger os filhotes, como – segundo o médico – só as mães sabem fazer. O médico finaliza escrevendo:

³⁵ Conhecido por popularizar a informação médica no Brasil, através do seu site e de um canal do *youtube*. Também já apresentou programas de rádio e TV.

³⁶ *Link* para acessar o site: <https://drauzioarella.com.br/drauzio/artigos/instinto-materno/>

³⁷ Revista de divulgação científica dos Estados Unidos, fundada em 1845. Atualmente, publica em 14 idiomas e circula em 30 países, dentre eles, o Brasil.

É muito provável que o desafio de engravidar e de garantir a sobrevivência da prole induza alterações persistentes no cérebro materno, capazes de interferir com as emoções, memória, aprendizado e de explicar a facilidade com a qual as mulheres executam múltiplas tarefas simultâneas. Filhos pequenos são seres totalmente dependentes, mamam a cada três horas, sujam fraldas, esfolam os mamilos maternos, choram por qualquer necessidade e ainda custam caro. Que mulher aguentaria esse inferno com o cérebro de moça virgem? (VARELLA, 2017).

Mas afinal, se existe um instinto materno que é explicado através da ciência, por que ele não se manifesta em todas as mulheres? Se os hormônios garantem as necessidades de uma mãe e de uma/um filha/o, o que acontece de errado com mães que não sentem o que a ciência explica? Há de se considerar outros fatores, não apenas o biológico, e não se trata de nega-lo, mas há outras razões pelas quais as mães precisam cuidar e amar suas/seus filhas/os, como a pressão social exercida através da expectativa que se coloca em cada relação mãe e filha/o. Fatores socioculturais também têm efeitos nessa relação materna.

O episódio “Depressão pós-parto” vale-se do discurso científico, como o apresentado pelo médico, pois tais discursos têm *status* de verdade em nossa sociedade. Através da ciência, a depressão pós-parto é legitimada, explicando a falta de interesse pela/o filha/o. A repórter entrevista um psiquiatra para explicar ao público sobre a depressão:

Psiquiatra: Nós temos vários sintomas que compõe a depressão pós-parto. Tristeza, desânimo, fadiga, alterações do apetite, pensamentos de conteúdo negativo, muitas vezes de culpa, de ruína.

O programa também se vale de dados estatísticos para legitimar a importância do tema apresentado:

Repórter: Uma pesquisa feita pela fundação Oswaldo Cruz mostrou que uma em cada quatro mulheres sofre de depressão pós-parto no Brasil.

Assim, através do discurso ancorado nas explicações científicas, o programa apresenta e explica sobre a doença, trazendo, também dados estatísticos para legitimar as enunciações que tece acerca do tema abordado. Na primeira parte do programa, que fala sobre a depressão pós-parto, o discurso científico se faz mais presente, entretanto, explicações médicas também aparecem na segunda parte do

programa, sobre as mães chamadas desromantizadas, assim, a ciência é utilizada para falar sobre a patologização destas mães.

Badinter escreve sobre as diferentes possibilidades de viver as maternidades:

[...] não existem dois modos de viver a maternidade, mas uma infinidade, o que impede de falar de um instinto baseado no determinismo biológico. Este depende estritamente da história pessoal e cultural de cada mulher. Embora ninguém negue a imbricação entre natureza e cultura, nem a existência dos hormônios da maternagem, a impossibilidade de definir um comportamento materno próprio à espécie humana enfraquece a noção de instinto e, com ela, a de “natureza” feminina. O meio, as pressões sociais, o itinerário psicológico parecem sempre pesar mais do que a frágil voz de “nossa mãe natureza”. Podemos lamentar ou nos felicitar, mas a mãe humana não tem senão um vínculo muito distante com sua prima primata. (BADINTER, 2011, p. 70).

A autora evidencia a necessidade de se pensar nas questões culturais que também envolvem a maternidade, o que por muitas vezes é desconsiderado, uma vez que se utiliza da biologia para explicar os processos da maternidade, como é o caso do médico Dráuzio. Pensemos mais especificamente nos exemplos de mulheres tratadas como com depressão pós-parto apresentadas pelo Profissão Repórter. A primeira entrevistada do programa é Clarice, 21 anos, desempregada e cuida sozinha da filha de três anos. O diálogo a seguir ocorre na casa de Clarice.

Repórter: Conheci Clarice por um grupo de internet de ajuda a mães que sofrem de depressão pós-parto. Por que você entrou nesse grupo de ajuda?

Clarice: - Porque eu cheguei a um ponto que eu olhei *pra* mim mesma e pensei: tô precisando de ajuda, por que não é normal eu não amar minha filha.

Repórter: - Aí você recorreu a internet.

Clarice: - A internet, porque é uma coisa mais fácil, você não precisa contar *pra* ninguém, se você não quiser você não conta, é como se a gente tivesse que colocar uma máscara todo dia pra sair de casa. E o engraçado é que eu sempre gostei de criança, sempre amei criança, eu tenho paciência com todas as crianças, mas com a minha eu não tenho.

Repórter: - Você tentou buscar um por quê?

Clarice: - Não, nunca tentei buscar um por quê, um por quê eu não tenho paciência com ela, nunca tentei buscar um por quê. Mas eu tenho, querendo ou não, eu tenho que dar um futuro *pra* ela e é uma coisa que é meio assustadora pra mim, porque eu nunca pensei num futuro pra mim e agora tenho que pensar no futuro de uma outra pessoa.

Primeiramente, a repórter fala como conheceu Clarice. Todas as mães consideradas depressivas e entrevistadas no programa foram conhecidas da mesma maneira, através de um grupo de mães que dizia sofrer dessa doença. A repórter fez uma publicação relatando que estava fazendo uma reportagem sobre depressão pós-parto e que gostaria de conversar com mães que estivessem passando por isso, assim, as mães que desejassem falar sobre o assunto poderiam procura-la.

Clarice, que não faz tratamento médico, procurou a repórter, portanto, se auto diagnosticando como depressiva. A razão estaria em ela não amar sua filha, ou seja, o amor materno estaria ausente. E como colocado pela entrevistada, isso não seria normal. Para Marcello, a “caracterização da norma é um dos grandes objetivos do dispositivo da maternidade. Pode-se dizer que a instauração de uma normatividade materna é o que lhe garante condição de possibilidade e existência”. (2003, 127).

Esta seria uma condição diferente do esperado, caracterizando um sujeito-mãe “anormal”. Como uma das normas da maternidade, teríamos o amor materno sempre presente, como sentimento “essencial” de todas as mulheres. Assim, uma mulher não amar sua/seu filha/o é visto como patológico. A entrevistada ainda fala sobre sempre ter gostado de crianças e ter tido paciência com elas, mas agora não entende por que isso não se repete com a sua filha. Essa afirmação também aparece na entrevista de outra mãe apresentada como estando com depressão pós-parto:

Silvana: Na hora do parto *tava* tudo bem, o problema foi depois. Eu tive o parto, eu não sentia que ele era meu, eu não tinha ligação nenhuma com ele. E a única coisa que eu pensava era: eu sempre gostei de criança, eu sempre gostei das meninas das minhas vizinhas, das crianças da igreja. E eu olhava *pro* meu filho e não conseguia gostar.

Essa mãe também não entende por que não consegue amar seu filho, uma vez que sempre gostou de criança. Como um dos enunciados do discurso da maternidade, temos que as mães sempre amam suas/seus filhas/os, por isso estas mães estariam sendo colocadas como doentes, demarcando assim este sujeito diferente do que socialmente é aceito de uma mãe. Cabe destacar que existem diferenças consideráveis entre estas duas entrevistadas, que serão destacadas a seguir.

A primeira mãe, Clarice, está desempregada e cuida da sua filha sem a contribuição do pai. Estes fatores também podem ser importantes para todo o estresse em que Clarice vive, pois, como a entrevistada também fala, agora ela é responsável pelo futuro de alguém e esta responsabilidade está sendo exclusivamente sua. Também vemos na reportagem que Clarice vive em uma situação financeira precária, com a filha dormindo com a mãe em um colchão no chão, em uma casa bem simples e sem muitos recursos.

A outra entrevistada, Silvana, tem uma outra realidade. Ela é casada e quando diagnosticada com depressão pós-parto, teve a presença constante do marido, o qual pediu demissão para poder cuidar da família, como ele mesmo conta. A situação do casal também é diferente no aspecto socioeconômico, pois Silvana tem curso superior e podemos perceber que eles possuem melhores condições financeiras, através do apartamento do casal, a mobília planejada, entre outras coisas. As entrevistadas, que apresentam estrutura familiar e financeira diferentes, encontram-se com o mesmo problema, entretanto, Clarice não é vista como um bom exemplo por não fazer tratamento médico, já Silvana sim, mas há que se considerar as possibilidades diferentes de cada uma delas.

O programa tem como uma de suas características mostrar os bastidores da reportagem, onde geralmente Caco Barcelos assiste a alguns trechos das entrevistas com as/os repórteres, e conversam sobre elas. Durante a entrevista de Silvana, aparecem nos bastidores o jornalista e a repórter que realizou a entrevista, conversando sobre os motivos destas mães falarem sobre a doença.

Caco Barcelos: Então pelo jeito a intenção foi de ajudar outras mães que possam sentir o mesmo, sofrer do mesmo problema.

Repórter: Imagino que seja para mostrar que com tratamento e com o apoio da família ela tá conseguindo vencer essa doença.

Caco Barcelos: É um bom exemplo o dela, muito corajosa, muito sincera.

Podemos ver que este amor ausente é considerado um problema, tanto pelas/os médicas/os, que a partir disto fazem o diagnóstico de uma patologia, como pela sociedade em geral. E estas mães, para solucionar a doença, precisam ter o apoio da família, acompanhado de tratamento médico, por isso Silvana está conseguindo vencer a doença, pois ela foi internada em uma clínica médica e tem o apoio do marido. Assim, Clarice não estaria sendo um exemplo a seguir, pois não faz

tratamento médico, como ela mesma coloca, e também não tem o apoio do pai de sua filha.

No momento em que a repórter volta na casa de Clarice, elas conversam sobre essa mãe procurar um tratamento médico e também sobre como ela cuida de sua filha.

Repórter: Clarice conta que está há um ano adiando o tratamento contra a depressão.

Clarice: Aqui é o cartão do posto, eu tenho que marcar uma consulta.

Repórter: E por que você deseja retomar o tratamento? Aliás, começar, porque você nunca começou na verdade.

Clarice: Não, nunca comecei. Porque eu vi que isso *tava* afetando muito a minha filha, ela tá sentindo muito a minha falta. Ela é muito carente, extremamente carente. Ultimamente ela tem dado abraço em qualquer pessoa que vê, tipo na rua, e é coisa que ela nunca fez. Eu vi que isso é falta de carinho e atenção que ela não tinha dentro de casa.

Repórter: Clarice, você acha que cuida bem dela?

Clarice: Não. Acho que não.

Repórter: Por quê?

Clarice: Não sei, acho que eu poderia fazer melhor por ela, eu faço as coisas *pra* ela por obrigação, não porque eu gosto de fazer.

Repórter: Você é corajosa de falar essas coisas, eu acho. Acho que tem muita mãe que pensa da mesma forma e não fala.

Clarice: Eu falo, mesmo com o risco da gente ser julgada pela sociedade, um risco da gente ser julgada pela família, qualquer outro tipo de coisa. Alguém vê você fazendo algo, alguém com a mesma coisa que você sente, vê a pessoa com uma iniciativa, pode ser uma iniciativa *pra* ela também. Mas *pô*, ela não teve medo de falar, ela *tá* lá se ajudando, eu vou tentar também.

A preocupação de Clarice estaria, então, em ver sua filha sofrendo pela falta de atenção dentro de casa, responsabilidade que seria da mãe, assim, ela precisa se tratar para poder dar atenção para a menina. Também chama atenção Clarice nunca ter ido ao médico para ver sobre a depressão que ela diz ter, sendo o diagnóstico foi feito apenas por ela e pelo motivo de não amar e não ter paciência com sua filha. A mãe também é chamada de corajosa pela repórter, por falar abertamente sobre a falta de amor e cuidado com a filha, pois isso é considerado fora da norma estabelecida pela sociedade, na qual a mãe cuida e se cuida também. Badinter (1985), destaca que “uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será

necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, a a-normal por excelência”. (BADINTER, 1985, p. 15). Outro fator que é considerado como fora da norma materna são as adolescentes que se tornam mães, por isso um dos locais que o programa mostra é um centro de atendimento a adolescentes grávidas, como colocado pela repórter:

Repórter: Uma pesquisa feita pela fundação Oswaldo Cruz mostrou que uma em cada quatro mulheres sofre de depressão pós-parto no Brasil. Esse instituto, da prefeitura de Santos, é especializado no atendimento de jovens grávidas. A gravidez na adolescência é considerada um fator de risco para a depressão pós-parto. Vamos lá conhecer.

A gravidez na adolescência é vista como um problema social. Para Marcello (2003):

Em um processo de replicação de saberes médicos, legitima-se um certo caráter normativo. Demonstra-se, através da ciência, que a mulher-adolescente, preferencialmente, não deve ser mãe, pois sua imaturidade não é apenas de ordem psicológica, mas também relativa a seus ossos, a seu corpo, a suas células. Como é característico das estratégias de funcionamento da norma, procuram-se as marcas da anormalidade “em cada corpo” (VEIGA-NETO, 2001, p. 107), justamente para que posteriormente “cada corpo se atribua um lugar nas intrincadas grades de classificação dos desvios, das patologias, das deficiências, das qualidades, das virtudes, dos vícios” (Idem). O que interessa é a forma como são atribuídas tais marcas aos corpos maternos, que critérios são selecionados para tanto e que efeitos de poder-saber são constituídos a partir disso. Mães que parem seus filhos por meio de cesáreas, que expõem as crianças à possibilidade de nascerem com um baixo peso e que não são capazes, muitas vezes, de amamentá-las – esse dispositivo pergunta: afinal, que tipo de mães são estas? (MARCELLO, 2003, p. 130).

Através dos saberes médicos, a ciência determina a normalidade de uma gestação, sendo vista na adolescência como um problema de ordem social e na vida adulta como algo esperado de toda mulher. A marca de anormalidade que o dispositivo impõe para a maternidade na adolescência é o risco de depressão pós-parto, por conta da falta de preparo psicológico destas meninas.

Andressa, uma das adolescentes que está no Instituto aguardando por consulta, acompanhada de sua mãe, é entrevistada pelo repórter.

Repórter: Como você tá se sentindo?

Andressa: Com a gravidez? É, muito feliz, é um sonho, assim, eu sempre sonhei em ser mãe.

Encontramos na fala da adolescente o discurso “natural” da maternidade, como algo que sempre foi sonhado e esperado pela mulher e, para ela, isso independe das circunstâncias, como idade e o fato do pai não ser presente, como ela mesma fala ao longo da reportagem. Esta adolescente provavelmente tenha aprendido desde criança, como quase todas nós, a cuidar de uma boneca, a cuidar de uma casa, entre tantas outras brincadeiras infantis que nos subjetivam a este mundo materno. Marcello (2003) nos fala sobre estas brincadeiras em relação a maternidade normativa:

É importante dar a ver essa maternidade-de-mentirinha, porque com ela são traçadas formas de cumprir a norma ou de colocá-la em funcionamento. Nada imatura, a menina mostra uma espécie de seriedade, de rigor ao representar-se como mãe. Mostra que, desde pequena, o sujeito-mulher sabe, efetivamente, como tratar os filhos, como cuidar deles e o quanto isso lhe é motivo de prazer, orgulho e naturalidade. A menina que assume mesmo o papel de mãe inclusive demonstra o amor incondicional – característico da maternidade normativa – à pequena filha de plástico. (MARCELLO, 2003, p. 132).

Andressa, a adolescente entrevistada, tem 15 anos e deve ter aprendido o amor incondicional e os cuidados com a criança enquanto brincava na infância. Ela está no Instituto pois, para a mãe, ela está triste, mas não gosta de falar sobre alguma coisa que possa estar acontecendo. A repórter apresenta um questionário, que segundo informações do programa, é o mais utilizado no mundo para o diagnóstico de depressão pós-parto. O questionário tem dez perguntas, que devem ser respondidas pelas gestantes e então somadas as respostas. De acordo com o número das respostas, há indícios ou não de depressão pós-parto. O questionário é conhecido como Escala de Depressão Pós-Parto de Edimburgo³⁸, método criado na Escócia e recomendado no mundo todo, inclusive pela Associação Brasileira de Psiquiatria, de acordo com o programa.

A repórter decide fazer as perguntas deste questionário à adolescente Andressa, que faz mais de 20 pontos nas respostas, e a repórter fala para ela que

³⁸ Escala de Depressão Pós-Parto de Edimburgo: disponível em [https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/Escala%20de%20Depressao%20Pos-parto%20de%20Edimburgo%20\(EPDS\).pdf](https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/Escala%20de%20Depressao%20Pos-parto%20de%20Edimburgo%20(EPDS).pdf) Acesso em 02 de fev. 2018.

as/os pesquisadoras/es especialistas consideram que as mulheres que fizeram 12 pontos ou mais apresentam sintomas de depressão.

Dentro destas diferentes formas de maternidades, ainda temos no programa as mães consideradas desromantizadas, as quais também rompem com a lógica moderna da maternidade baseada em amor e devoção. São apresentadas duas mães, Juliana e Thaiz, as quais utilizaram as redes sociais para falar sobre as dificuldades em ser mãe. Marcello, em sua dissertação, fala sobre estas resistências às normas:

É a partir da instauração constante e reiterada da norma – operada por este dispositivo – que se pode afirmar a existência de processos concretos de resistência. Se os sujeitos tivessem sido assujeitados às normas de maneira efetiva não haveria a necessidade de um dispositivo que tivesse como uma de suas funções principais a produção contínua de práticas de maternização. Somente porque há resistência de sujeitos-mãe é que o dispositivo vê a necessidade de reafirmar-se continuamente e, mais do que isso, de atualizar-se. Este é um movimento de constante atualização das relações de força, uma vez que a geração de resistência faz com que elas se cruzem com a necessidade de gerar novas formas de controle (geralmente normativo) que, por sua vez, geram novas formas de resistência, numa dinâmica incessante e circular. (MARCELLO, 2003, p. 127).

Nesse contexto, por mais que existam diferentes normas para o exercício da maternidade, há os rompimentos, mostrando as diferentes forças que atuam sobre o dispositivo da maternidade. O repórter vai até a casa da entrevistada Juliana, autora do *post* desafio da maternidade real no Facebook³⁹, e apresenta:

Repórter: Quando o Vicente nasceu, a Juliana foi convidada a participar do desafio da maternidade em uma rede social, que era *pra* colocar fotos de momentos felizes. [...] as fotos são de fevereiro deste ano, o Vicente tinha 40 dias quando a Juliana fez o desabafo na internet. [...] o post da Juliana teve quase três mil comentários e mais de vinte mil compartilhamentos. [Dirigindo-se agora à Juliana]: Passou pela sua cabeça que você poderia ter depressão pós-parto?

Juliana: No primeiro momento sim, bate uma tristeza assim que a gente não sabe por quê.

Repórter: Essa tristeza é o chamado *baby blues*, uma melancolia passageira causada por mudanças hormonais, dura em média duas semanas e se continuar pode ser sinal de depressão.

³⁹ Desafio lançado em resposta ao desafio da maternidade, no qual Juliana postou uma montagem de fotos com seu filho recém-nascido, aparentando estar cansada, e descrevendo as dificuldades em ser mãe.

Na conversa, o repórter já pergunta sobre a possibilidade de depressão pós-parto, pois seria a explicação mais habitual sobre a falta de amor pelo exercício da maternidade. Quando a entrevistada, que diz não ter depressão pós-parto, responde ao repórter, ele se utiliza do conhecimento científico para explicar o que denomina de melancolia passageira, assim, o caso de Juliana parece ter uma explicação médica. E mais uma vez a ciência aparece como aliada para explicar a tristeza da mãe e a explicação hormonal serve de suporte para o entendimento do chamado *baby blues*. Desconsidera-se, assim, qualquer outro tipo de explicação, de ordem sociocultural, que possa dar conta do que ela sentiu. Juliana, mostrando a foto que publicou na postagem e apontando para uma em que o filho aparece dormindo em seu colo, relata:

Juliana: Eu fiquei nessa posição por uma hora (mostrando uma foto dela com o nenê dormindo no colo), sem me mexer porque ele já tinha berrado pra caramba, chorado pra caramba e não parava de chorar...

A autora do *post* foi intensamente criticada por relatar os momentos difíceis da maternidade, uma vez que ela foi contra o que estava sendo publicado, que eram os momentos felizes da maternidade. Como ela rompe com as regras criadas socialmente, o *post* gerou muitas críticas⁴⁰.

O repórter volta no dia seguinte na casa de Juliana para acompanhar a sua ida ao pediatra, junto com o pai da criança. No consultório, Juliana conversa com o médico:

Juliana: Eu quero que, realmente, tudo vá se encaminhando *pro* desmame. Eu não durmo, doutor, eu não durmo. Entendeu? Ele mama o tempo todo. Eu começo com as frutas só, ou posso dar fruta, legume?

Médico: A frutinha ele vai comer na parte da tarde, duas horas da tarde. Sempre de colher. Ou come de colher, ou fica sem comer.

Juliana: Tá. A gente tem a mamadeira do final do dia. Eu queria saber o que dar nessa mamadeira.

Médico: Dá o peito. Enquanto você tiver o leite, vamos dando leite.

Juliana: Mas eu não quero mais, Doutor.

Médico: Não vamos introduzir o leite agora, não. Deixa ele sacramentar [...] o leite materno é muito importante. O ideal é mais tempo [...] dá pelo menos até 1 ano.

⁴⁰ A postagem do desafio da maternidade real e os comentários dela foram analisados nos artigos “Maternidade sem romantismos: olhares sobre o desafio da maternidade real em um site de rede social” e “Alguns olhares sobre o discurso religioso e médico no desafio da maternidade real”.

Juliana: E eu realmente preciso dormir, Doutor, ele mama de hora em hora de madrugada.

Médico: Mas são fases da criança. Ele não precisa mamar de hora em hora.

Juliana: Mas daí eu faço o que? Ele fica chorando.

Médico: Você começa a espaçar esse horário. Você vai acostumando ele de dia, que daí a noite ele já acostuma.

A amamentação é uma das regras mais impostas para as mães, sendo naturalizado que a boa mãe é aquela que amamenta. Cadoná e Strey (2014), destacam que, no Brasil, a amamentação é tema de interesse da saúde pública, tornando a mulher foco de discursos que por vezes instituem a necessidade de dedicação exclusiva à maternidade, para que ela dê conta da amamentação. Para as autoras:

O sujeito materno é aqui posicionado enquanto aquele que, por intermédio da amamentação, transmite amor e saúde para a criança; mas não é qualquer tipo de saúde: é uma saúde dada em forma de amor. Amamentar, em outras palavras, vem a confirmar a ideia de que uma boa mãe amamenta, pois proporciona à criança muito mais do que alimento. É como se a mãe se doasse para a criança e desse a ele algo único, que o seu próprio corpo produz. (CADONÁ; STREY, 2014, p. 485).

A amamentação, assim, é uma forma de amor e de cuidado com a saúde da/o filha/o e o discurso do médico reforça isso a Juliana. Durante o diálogo no consultório, o pai da criança, que está junto na consulta, comemora quando o médico pede para a mãe seguir amamentando. Na volta para casa, o repórter pergunta para o pai:

Repórter: O que você acha, Douglas?

Pai: O que eu acho do que?

Repórter: Da questão da amamentação.

Pai: Eu acho que ela tem que dar até um ano, dois anos.

Juliana: Porque ele não quer gastar dinheiro com leite.

Pai: Mas eu acho, de boa, acho que vai diminuir bastante...

Juliana: Você acha porque não é você que amamenta.

Pai: Você nem deixa eu terminar de falar.

Juliana: Mas não é você que amamenta, não é você que tem que decidir.

Quando o pai tenta falar sobre a amamentação, a mãe já coloca que ele não tem direito de opinar, pois não é quem amamenta. Juliana se apresenta como um corpo que foge à regra, não concordando com o discurso imposto pela biologia, representando, assim, uma linha de fuga à regra.

As pessoas se sujeitam a determinados discursos quando passam a tomar aquilo que lhes é dito, que lhes é veiculado, enquanto única verdade. As linhas de fuga, nesse caso, são consideradas enquanto maneiras de elas escaparem dessas verdades postas no discurso. (CADONÁ; STREY, 2014, p. 485).

Assim, Juliana rompe com o que lhe é esperado, a dedicação exclusiva em amamentar seu filho, junto com o outro lado por ela mostrado, o de uma maternidade sem romantismos. Nessa mesma lógica, é entrevistada Thaiz, apresentada pelo mesmo repórter que foi até a casa de Juliana. Thaiz é ilustradora, tem 26 anos e é solteira. Na internet, ela criou uma página chamada mãe solo⁴¹. Quando questionada pelo repórter o motivo da criação da página, Thais diz:

Thaiz: *Pra* combater a imagem que criaram pra mim da maternidade como sendo algo perfeito, incrível, controlável. O problema é quando a gente só exalta todos esses pontos positivos e esquece de mencionar todos os outros que vão ser os verdadeiros conflitos que a gente vai viver.

A ilustradora utiliza as coisas mais comuns da rotina com seu filho para fazer ilustrações e publicar na internet, dentre elas o lado que comumente não é mostrado, como o cansaço quase sempre presente em cuidar de seu filho, a rotina que exige que ela trabalhe mesmo quando está exausta e esteja sempre atenta ao filho.

O repórter vai com Thaiz até a creche de seu filho e lá conversa com outras mães, as quais defendem o mesmo ponto de vista da entrevistada. Uma delas coloca:

Jéssica: Essa coisa da maternidade romantizada é fruto de uma sociedade machista que fica usando isso *pra* justamente sobrecarregar a mulher, e quando ela reclama dessa sobrecarga, coloca ela como depressiva ou como uma mãe que não ama.

Nessa fala, são apresentados os dois pontos do programa, as mães depressivas e as mães que são consideradas desromantizadas, por, segundo

⁴¹ Mãe Solo: disponível em <https://www.facebook.com/amaesolo/> Acesso em 02 de fev. 2018.

juízos, não amarem seus filhos. Isso mostra o quanto o discurso hegemônico moderno da maternidade ainda ecoa em nossa sociedade, considerando, em geral, apenas uma maneira de viver a maternidade como legítima.

O programa mostrou duas facetas da maternidade, entretanto, com ênfase no aspecto biológico, desconsiderando as vivências pessoais e culturais das mães participantes do episódio. As vivências maternas estão imbricadas nos valores culturais de cada sociedade, dependendo do tempo em que se vive, e isto precisa começar a ser considerado.

Algumas Considerações

O episódio “Depressão pós-parto” teve por objetivo falar sobre duas facetas da maternidade, apresentando mulheres que sofrem de depressão pós-parto e mostrando mulheres que defendem uma maternidade sem romantismos e são criticadas por conta disso. Assim, o programa vem a informar sobre o tema e (re)produzir modos de ser mãe, uma vez que somos educadas/os através de diferentes meios, dentre os quais os programas televisivos.

Dentro da perspectiva da doença depressão pós-parto, constatamos o quanto esta carrega o discurso científico como única e exclusiva explicação, uma vez que as alterações hormonais explicariam o desenvolvimento da patologia. Reconhecemos a importância do conhecimento científico, entretanto, o que passamos a questionar são as questões culturais que também podem acarretar a evolução de um quadro depressivo. Além disso, Juliana, a autora do desafio da maternidade real, e Thaiz, apesar de se colocarem como não romantizadas, também foram apresentadas a partir de uma perspectiva patológica. Mesmo não sendo consideradas depressivas, o discurso médico auxiliou na explicação do “desvio” de seu comportamento.

O episódio analisado veiculou e (re)produziu ensinamentos sobre maternidades, sobre modos considerados mais legitimados que outros de exercer essa prática. Percebemos, através dos discursos médicos apresentados, a responsabilização da mulher pela necessária busca pela cura de sua doença, quando diagnosticada depressiva, pois ela é responsável por se cuidar e cuidar de sua/seu filha/o. Assim, a mãe depressiva precisa de ajuda médica para poder se enquadrar na normativa materna. As mães consideradas desromantizadas, por mais que

apresentem algumas rupturas em relação ao discurso hegemônico da maternidade, não conseguem romper totalmente com as imposições sociais, tendo em vista que seus casos também são explicados pela ciência, que apresenta seu *status* de verdade.

Destacamos, também, que foi dada maior ênfase no programa aos casos das mães consideradas com depressão pós-parto. No episódio, que tem cerca de quarenta minutos de duração, apenas onze minutos são destinados a apresentar as mães desromantizadas. Durante o resto do tempo, o episódio apresenta as mães consideradas doentes, bem como as entrevistas com as/os médicas/os, psicólogas e a gama de profissionais que explicam sobre os sintomas da depressão pós-parto.

Não tentamos, nessa pesquisa, condenar a idealização da maternidade e nem exaltá-la. Pretendemos, apenas, problematizá-la, propondo que ela seja pensada em suas múltiplas possibilidades, sem ser “destino obrigatório” das mulheres ou sem que seja negada veementemente. Há de se considerar as diferentes perspectivas sociais, históricas e culturais dos discursos que envolvem o sujeito-mãe, não sendo as práticas de maternagem constituintes da essência feminina.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011. 222 p.

_____. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370 p.

CADONÁ, Eliane; STREY, Marlene Neves. A produção da maternidade nos discursos de incentivo à amamentação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 22, p.447-499, maio 2014. Trimestral.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p.151-162, jan. 2002. Semestral.

_____. Foucault. In.: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 123-151.

_____. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013b. 160p.

GLOBO, Mémoria. **Profissão Repórter**. 2010. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programasjornalisticos/profissao-reporter/formato.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Dispositivo da maternidade: mídia e produção agonística de experiência**. 2003. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

MEYER, Dagmar E. Estermann *et al.* “Você aprende. A gente ensina?” Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 22, p.1335-1342, jun. 2006.

PSIQUIATRIA, Associação Brasileira de. **Depressão pós-parto ainda é tabu**. 2012. Disponível em: <<http://www.abp.org.br/portal/depressao-pos-parto-ainda-e-tabu/>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

ROCHA, Simone Maria. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: considerações teórico-metodológicas. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, [s.l.], v. 10, n. 19, p.01-20, 30 ago. 2011. Universidade Federal de Santa Maria.

RODRIGUES, Gilda de Castro. **O dilema da maternidade**. São Paulo: Annablume, 2008. 284 p.

VARELLA, Drauzio. **Instinto Materno**. 2017. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/drauzio/artigos/instinto-materno/>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

5.2. MATERNIDADE SEM ROMANTISMOS: OLHARES SOBRE O DESAFIO DA MATERNIDADE REAL EM UM SITE DE REDE SOCIAL

Resumo

Neste artigo, analisamos o desafio maternidade real (#desafiodamaternidadereal), lançado no site de rede social Facebook no ano de 2016. Esse desafio gerou grande repercussão, uma vez que as mães que aceitavam dele participar, escreviam e mostravam o lado menos exposto da maternidade, falando sobre as dificuldades em ser mãe. A postagem alcançou mais de 120 mil curtidas, 21 mil compartilhamentos e 2,7 mil comentários, mostrando o quanto não estamos habituadas/os a encontrarmos relatos que rompem com a lógica moderna da mãe como mulher forte, bondosa, a qual suporta todos os sacrifícios impostos pela maternidade. Destacamos três eixos para discussão: a naturalização da maternidade e dos atributos femininos, a patologização do comportamento da autora da postagem e a amamentação como ato de amor. Destacamos que nos comentários aqui problematizados, o discurso hegemônico da maternidade foi reproduzido, utilizando-se de considerações ditas naturais no exercício da maternidade, o que evidencia a importância de desnaturalizar tais práticas e vivências. Nesse sentido, a pesquisa realizada aponta para rupturas ao discurso hegemônico da maternidade, possibilitando outras maneiras de pensar e vivenciar a maternidade.

Palavras-chave: maternidade; gênero; Facebook.

Introdução

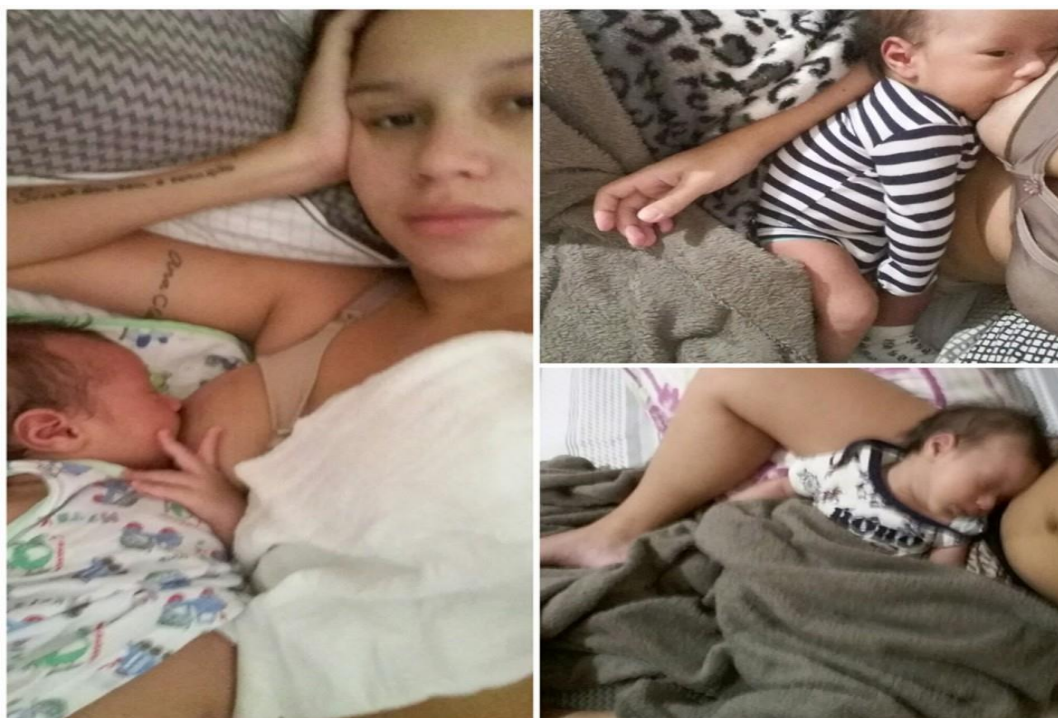
A maternidade é geralmente vista na ordem do campo sagrado e a figura da mãe é carregada de diferentes sentidos, entretanto, sobrepõem-se os que estejam relacionados ao amor incondicional pela/o filha/o. Muito se fala sobre este momento na vida da mulher, através de dicas e orientações que exercem sob a mãe diferentes estratégias a fim de educa-las. A maternidade é tema recorrente nas mídias e agora, em especial, nas mídias sociais, uma vez que através dos sites de redes sociais, as pessoas têm exposto cada vez mais aspectos de suas vidas pessoais.

Nesse contexto, este artigo analisa a postagem feita no site de rede social Facebook em resposta a um desafio⁴² lançado em fevereiro de 2016, o desafio da maternidade (#desafiodamaternidade). Este desafio surgiu com proposta inicial de a participante postar fotos em momentos felizes com sua/seu filha/o, registrando os motivos pelos quais era feliz exercendo a maternidade e convidando mais três amigas

⁴² Os desafios começaram a surgir no Facebook, no Brasil, no ano de 2012. Lança-se alguma proposta, geralmente envolvendo a postagem de fotos e, a partir disso, passa-se a convidar os/as amigos /as para aderirem ao mesmo desafio.

a fazerem o mesmo, utilizando a *hashtag*⁴³ desafio da maternidade. A polêmica surgiu quando Juliana Reis, usuária do Facebook, optou por não aderir a esta proposta, pois, para ela, a maternidade tem um lado carregado de dificuldades, o qual precisava ser mostrado. A internauta, então, lançou o desafio da maternidade real (*#desafiodamaternidadereal*) e fez a seguinte postagem:

Figura 1- Montagem publicada por Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 27 de jan. 2018.

Desafio NÃO aceito! Me recuso a ser mais uma ferramenta pra iludir outras mulheres de que a maternidade é um mar de rosas e que toda mulher nasceu pra desempenhar esse papel. Eu vou lançar outro desafio, o desafio da MATERNIDADE REAL. De tudo o que as mães passam e as pessoas não dão valor, como se toda mulher já tivesse sido programada pra viver isso. Postem fotos de desconforto com a maternidade e relatem seus maiores medos ou suas piores experiências pra que mais mulheres saibam da realidade que passamos. Dizem que no final sempre acaba tudo bem, mas o meio do processo por muitas vezes é lento e doloroso.

Primeiramente eu quero deixar bem claro que eu amo meu filho mas to detestando ser mãe. E acho que isso não vai melhorar nem quando ele tiver a minha idade atual.

Primeiro a gravidez. "Nossa que barriga enorme pra 7 meses", "esse bebê não vem não?", "Vicente! Mas pq você escolheu esse nome coitado!". Pessoas,

⁴³ *Hashtags* são amplamente utilizadas nas redes sociais quando se deseja que determinado assunto vire um *hiperlink* através de palavras-chave, proporcionando que outras/os usuárias/os da rede acessem a postagem.

entendam que grávidas não são patrimônio público! Se o que vcs pensam não vai acrescentar positivamente na vida dela façam o favor de não falarem NADA!!! Até se acrescentar positivamente você deve pensar mil vezes antes de falar. ELA está grávida então ela já se informou sobre o que pode ou não comer e se ela está comendo problema é dela! Não se metam!

Mas aí, a pobre da mulher pensa que quando nascer vai melhorar, conta os dias até o parto chegar, esses dias que demoram mais do que toda a gestação junta. E quando a hora chega, nada sai como esperado. No meu caso, que sempre defendi com todas as forças o parto normal, afinal, meu corpo foi projetado pra isso, não tive um corpo tão bem projetado assim. Os médicos falavam que o colo do útero estava fechado e o bebê muito alto e que a cesárea seria a opção mais segura. Tudo o que eu precisava pra me sentir um lixo de mulher que não conseguiu fazer o tão raçudo parto normal. Mas quando o parto chega ao fim eu percebi que não é um mar de rosas ter a cesárea (Sinto algumas dores até hoje com 40 dias da cirurgia.)

Mas nada disso importa mais, tô de frente pro amor da minha vida! (oi?) Tudo que eu senti foi uma tremedeira descontrolada que eu não sabia se era medo ou frio. E quando a médica perguntou o que eu achei do bebê, eu não tive coragem de dizer que tinha sido o bebê mais feio que eu já tinha visto e só perguntei se ele era perfeito. Quando ela disse que sim eu apaguei e quando despertei aquela criança cinza não estava mais perto de mim. Meu filho só voltou pra mim depois de algumas horas e com ele vieram mil regras e informações que eu tinha que absorver em minutos (tudo isso partida ao meio e sem poder me mexer).

Mas agora estamos em casa. Aqui eu vou poder curtir meu filho. Errado de novo! Mais gente querendo se meter de como você deve fazer as coisas. E você, recém operada e cheia de dores, onde encontra as forças pra debater? E nos dias que ele simplesmente grita aos prantos, a mãe tem meio que uma obrigação de saber o que ele tem. "É cólica? É refluxo? É manha? Mas como assim?! vc que é mãe tem que saber!"

E por último, mas não menos importante: a amamentação! "Mãe que é mãe tem que amamentar! Tem que sentir a maravilha que é ser o alimento do seu filho". Hoje eu consigo amamentar com um pouco menos de dor, mas não torna as coisas mais fáceis. Meu filho mama TODA hora. E às vezes por uma hora inteira. "Mas seu leite não deve estar sustentando!" Nas horas que eu ouço isso eu sinto um anjo me segurar pra não voar em quem falou! Meu leite sustenta sim, obrigada! E quem não amamenta, ou pq não quer ou pq não conseguiu não é mais ou menos mãe do que eu ou do que vc que amamentou seu filho até os 30 anos de idade.

Eu admito que reclamo disso tudo de barriga cheia. Tenho muita ajuda, não preciso fazer comida, cuidar da casa, lavar e nem passar roupa. Mas mesmo assim passo mts dias sem nem pentear o cabelo, substituindo biscoitos por refeição e agora cada segundo de sono é o que me faz ter um mínimo de sanidade mental. Eu aplaudo de pé todas as mães, sem exceção, mas acho irracional e sadomasoquista gostar dessas coisas. Então, sim, detesto ser mãe. Até porque, passamos por isso tudo pra ainda chegarem pra você e falarem que seu filho é a cara do pai! (REIS, 2016).

A postagem teve repercussão imediata, alcançando mais de 120 mil curtidas, 21 mil compartilhamentos e 2,7 mil comentários. Tal resultado está ligado ao fato de não ser habitual encontrarmos relatos que rompem com a lógica moderna da mãe como mulher forte, bondosa, a qual suporta todos os sacrifícios impostos pela maternidade e vê todo esse processo como uma bênção. Os corpos femininos, desde

o nascimento, são alvos de investimentos e de práticas que instituem a maternidade como algo natural e espera-se que toda mulher deseje exercer este papel de forma amorosa.

Em cada cultura, existe um modelo ideal de maternidade predominante que pode variar segundo às épocas. Conscientemente ou não, todas as mulheres o carregam. Pode-se aceita-lo ou contorna-lo, negociá-lo ou rejeitá-lo, mas é sempre em relação a ele que, em última instância, se é determinado. (BADINTER, 2011, p. 143).

Em seu texto, Juliana relata diferentes sentimentos e momentos vividos desde a gestação até os primeiros dias de vida de seu filho. Os momentos evidenciados rompem com as ideias hegemônicas a respeito da maternidade, uma vez que a mãe expressa ser uma ilusão a ideia de que toda mulher nasceu para ser mãe e que o corpo feminino é programado para isso. A autora do *post* também confessou achar seu filho feio e falou sobre todos os problemas que estava enfrentando ao chegar em casa com seu recém-nascido, como os tantos afazeres maternos, a amamentação que machucava seus seios, entre outras declarações. Nestas narrativas, percebemos rupturas com enunciados relativos à maternidade que, segundo Moreira e Nardi (2009), são os enunciados que configuram a norma da maternidade, que possibilita a ideia de um padrão de maternidade, configurando um modo de ser mãe como mais adequado e legítimo.

Com características variáveis, mas com muita similaridade, algumas práticas de maternagem vem a ser consideradas mais legítimas que outras. A ideia naturalista do instinto materno exige muito das mães. O peso das normas culturais em torno de um assunto considerado sagrado, como a maternidade, faz com que seja praticamente inconfessável a admissão da ausência do amor pela/o filha/o ou do fato de não gostar de ser mãe, ou do relato das dificuldades da maternidade, por isso a grande repercussão da postagem do desafio da maternidade real, na qual Juliana manifesta seu total desagrado com as “obrigações” maternas, como veremos a seguir.

Alguns olhares sobre as maternidades

É a respeito das mulheres que encontram a plena realização na maternidade que geralmente se costuma de falar (BADINTER, 2011). Com isso, passamos a considerar algumas práticas de maternidade como sendo mais legítimas que outras. Diferentes discursos, como os científicos, por exemplo, normatizam através de seu *status* de verdade a maternidade e responsabilizam a mãe pelo bem-estar de sua/seu

filha/o, através de pesquisas e estudos carregados de estratégias que atuam sobre o corpo feminino e o sujeito mãe.

A maternidade é produzida culturalmente através de diferentes meios que determinam modos de se mãe. Para Cadoná e Strey:

Percebemos que a mulher, na condição de mãe, é uma figura constantemente carregada de sentidos, de valores específicos. A ela é atribuída uma série de obrigações e, em muitos casos, é responsabilizada pelo cuidado, saúde e sucesso futuro de seus/suas filhos/as. (CADONÁ; STREY, 2014, p. 478).

Com isso, a legitimidade sobre modos de ser mãe está entrelaçada com as possibilidades de cada tempo e cultura, entretanto, parece que os deveres maternos não mudam, e sim, sobrecarregam cada vez mais as mulheres, as quais são responsabilizadas pelo cuidado com seu corpo, o qual recebe grandes investimentos de cuidado principalmente na gravidez e depois nos cuidados para com as/os filhas/os.

Dentro deste contexto, quando uma internauta como Juliana Reis rompe com o discurso amoroso que vinha sendo feito a respeito do ser mãe, há tanta repercussão, pois culturalmente entendemos o amor materno como inerente a todas as mulheres. Entretanto:

A cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina. Desse ponto de vista, uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, a a-normal por excelência. (BADINTER, 1985, p. 15).

É por conta da importância da cultura na determinação das práticas maternas autorizadas, que consideramos analisar o que está sendo dito nesta rede social. Os Estudos Culturais vêm proporcionar ferramentas para esta discussão, pois dão espaço e ênfase às pedagogias culturais como produtoras de subjetividades. Assim, nesta teorização, “entende-se que a pedagogia realiza operações constitutivas que modelam as subjetividades e fabricam sujeitos, sendo, dessa forma, educação e pedagogia, processos radicalmente históricos de transformação das pessoas.” (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA; 2015, p. 37).

Consideramos o site de rede social Facebook como um artefato cultural com forte potencial a ser explorado, devido a sua ampla popularização. De acordo com dados divulgados pela empresa Facebook em 2016, 102 milhões de pessoas acessam a plataforma todos os meses. (FACEBOOK, 2016).

Diferentes materiais circulam neste site, tendo em vista que qualquer pessoa pode publicar fotos, textos, imagens, vídeos e tantas outras formas para se comunicar com amigas/os e até mesmo pessoas desconhecidas. Nesse espaço circulam e se produzem pedagogias, que ensinam modos de ser e estar, modos de se pensar e olhar para os sujeitos e para as coisas do mundo, atuando na produção dos sujeitos, por isso a importância em explorarmos tais artefatos através dos Estudos Culturais e suas ferramentas. Também nesta rede há a possibilidade de todas/os falarem sobre qualquer assunto, grupos ditos minoritários podem facilmente expressar sua opinião, o que antes seria mais difícil de acontecer.

Por pedagogia cultural, entendemos que “qualquer artefato é passível de gerar aprendizagem, ou seja, pode-se criar pedagogias, modos de ensinar e possibilidades de aprender a partir de qualquer artefato cultural.” (TOURINHO; MARTINS, 2015, p. 34). Para as autoras, este modo de pensar a pedagogia promove uma maneira dinâmica de conceber e conceituar as interações sociais, possibilitando diferentes formas de aprendizagem. Compreendemos que o site de rede social Facebook proporciona estas interações sociais e, por isso, é relevante olharmos para esta rede e discutir seu caráter pedagógico.

Costa (2002), que estuda e mídia como pedagogia cultural, coloca que as narrativas presentes nas mídias são concebidas como manifestações culturais produtivas que inventam identidades, regulam, coordenam e governam. Assim, as coisas ao serem descritas, são também inventadas, portanto, o que denominamos de “realidade” é constituído por cultura e linguagem.

Por muito tempo, o foco principal do campo educacional era a instituição escolar, por essa ser a principal produtora de conhecimentos. Porém, agora, esta instituição já não é vista como lugar privilegiado de pedagogias, uma vez que os estudos educacionais, principalmente a linha dos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, ampliaram seus olhares e abordam a potencialidade de outras instâncias culturais.

Tais estudos mostram que os discursos que circulam nos artefatos especificamente pedagógicos (livros e matérias didáticos em geral) e também nos que englobam pedagogias culturais mais amplas (revistas, filmes, desenhos animados, programas de TV), como vimos anteriormente, não são fixos nem uniformes. Ao incorporarem atitudes de benevolência, tolerância, normalização e/ou fixação de características, alguns discursos atuam na reafirmação de atributos aceitos e mais valorizados de uma única identidade, considerada desejável; outros, entretanto, orientam-se para uma busca de quebra de estereótipos e de afirmação de novas identidades, que também buscam espaços para se autorrepresentarem e terem seus direitos reconhecidos e atendidos. (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA; 2015, p. 42).

Por essa possibilidade de diferentes identidades poderem ser expressadas é que encontramos dois posicionamentos distintos, as mães que queriam mostrar a felicidade e a realização em serem mães (#desafiodamaternidade) e outras que mostraram o lado desromantizado da maternidade (#desafiodamaternidadereal), sendo esta uma outra possibilidade de maternidade, entre tantas que existem e que agora começam, aos poucos, a ser mostradas.

Ferramentas da pesquisa

Para o desenvolvimento deste artigo, fizemos uso de alguns pressupostos da análise cultural, por esta metodologia estar ancorada aos Estudos Culturais, possibilitando que consideremos os aspectos culturais da maternidade e sua repercussão na postagem analisada.

A análise cultural permite analisar e discutir variadas faces da vida e distintas formas de educar e educar-se nas sociedades contemporâneas. Está ancorada aos Estudos Culturais por estes proporcionarem um outro caráter ao que é entendido por cultura e permitir a “análise da produtividade das pedagogias culturais na constituição de sujeitos, na composição de identidades, na disseminação de práticas e condutas, enfim, no delineamento de formas de ser e viver na contemporaneidade.” (COSTA, 2010, p. 137).

Rocha *et al* salientam:

A concepção de cultura que ancora a perspectiva dos Estudos Culturais a constitui como o terreno de luta pelos significados. Desse modo, configuram-se uma inter-relação entre comunicação e cultura fundamentada numa concepção segundo a qual os processos culturais são processos de produção de sentidos inseridos em contextos sociais determinados. (ROCHA *et al.*, 2010, p. 03).

Analisamos todos os comentários feitos a partir da postagem de Juliana Reis e selecionamos alguns para análise, através do critério do número de curtidas, pois consideramos que a/o internauta, ao curtir um comentário, possa vir a estar se identificando com o que nele é colocado e concordando com aquela afirmação. Esse processo resultou em 600 comentários selecionados. Posteriormente, agrupamos os comentários por semelhança, de acordo com os assuntos e temáticas que abordavam.

Neste artigo, apresentamos as análises referentes aos seguintes eixos que envolvem o desafio da maternidade real (#desafiodamaternidadereal): **A naturalização da maternidade e dos atributos femininos**, a **patologização do comportamento de Juliana** e a **amamentação como ato de amor**. Por vezes, percebe-se que encontramos mais de um eixo temático na mesma postagem, o que em certos momentos dificultou o agrupamento. A seguir, apresentamos alguns comentários representativos de cada eixo, com as problematizações correspondentes.

A naturalização da maternidade e dos atributos femininos

Nesse eixo reunimos comentários que trazem a maternidade como algo natural e instintivo, a ser realizada apenas por mulheres fortes, e os cuidados da casa como “naturalmente” uma atribuição feminina. Seguem alguns comentários representativos desse eixo:

Figura 2- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real

Luciara Respeito a opinião de todos mas **ser mãe não é para as fracas,** gravidez tem que ser desejada, curtida, as crianças não pedem para VC transar sem se prevenir, é tão mais fácil evitar. **Para ser mãe tem que ter capacidade de se doar,** muitas vezes se abre mão de sonhos e desejos para garantir o bem estar do filho. Eles não pedem para nascer, então, no mínimo são responsabilidade nossa, nós decidimos te-los ou não. **Se VC não está preparada para se doar não tenha filhos.** Se coloque no lugar deles, se sua mãe dissesse tufo isto a seu respeito, no mínimo vc ficaria triste ou um ser desprezível cheio de ódio. VC é dona da sua vida, do seu corpo, se não quer assumir compromisso é simples. Evite Mas se não evitar assuma !!!! E dê Graças a Deus de seu filho ser saudável, muitas mães dariam a própria vida para ter um filho saudável, ve-los crescer, brincar, falar, andar etc. No momento que VC expõe sua opinião VC dá abertura para as pessoas também dizerem o que pensam. Seja feliz, se for possível alguém com tanta amargura no coração ser feliz. Tudo que escreveu no texto não é novidade nenhuma, **toda mãe passa por isto mas é uma dádiva poder ter filhos.** Mas como eu disse: ***ser mãe é para as fortes.**

Curtir · 🌟 931 · 18 de fevereiro de 2016 às 17:53 · Editado

Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 27 de jan. 2018.

Figura 3- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real

Mayara Gente, ser difícil eh diferente de ser ruim. Falar q viu um bebê cinza e o mais feio de todos... Pelo amor de Deus! **Maternidade não eh pra qualquer uma..** Eu tenho pena de uma pessoa que se refere a maternidade assim... Mas o motivo está bem lá... **Não lava uma louça, uma roupa, não faz nada em casa... Ou seja, mimada, ridícula.** Dê graças a Deus que o filho dele nasceu cinza e não roxo (cianótico), que nasceu chorando e não sufocado. Esse bebê têm muita sorte, sou feliz por ele ser perfeito, pq se ela acha td isso assim, imagina se ele fosse especial como o meu filho ou como essas crianças com microcefalia e etc?! Preconceituosa. **O momento da amamentação, por mais que doa, eh para ser feito com amor.. Não com essa cara que ela tah fazendo. Eh o seu momento de transmitir amor..** Eu fiquei 35 dias tentando tirar naquela bomba horrível nem q fosse um pingo de leite para dar ao meu filho naquela UTI e essa vaca reclamando. Deuuuussss

Curtir · 🌟 593 · 20 de fevereiro de 2016 às 08:28

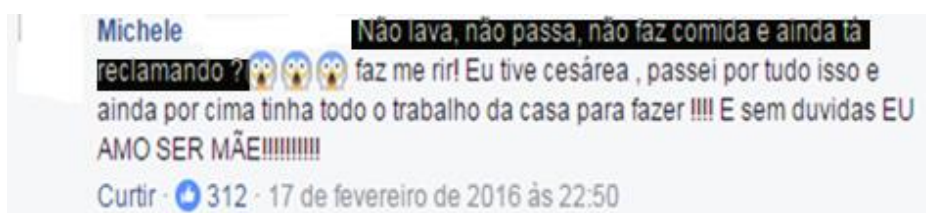
Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 27 de jan. 2018.

Nestes comentários, vários pontos podem ser destacados. A maternidade, como colocada pelas internautas, não é para qualquer uma, ser mãe é ser forte, dedicada, amorosa. Para Marcello (2003), ao nascer o sujeito-mãe, nascem junto outros pressupostos sobre a mulher, por isso a importância em desconstruir o caráter

fixo e imutável de características que são consideradas determinantes da condição feminina. Destacamos nos comentários as características consideradas hegemônicas do sujeito-mãe: mãe se doa, abre mão dos seus sonhos pelo bem-estar da/o filha/o, abre mão da sua vida pela saúde da/o filha/o. Portanto, vemos a figura materna relacionada à força, a doação, pois mãe precisa ser forte.

Também aparece como condição materna a responsabilização pelas tarefas domésticas, pois, para a internauta, o motivo de Juliana estar reclamando estaria em ela não fazer as atividades que naturalmente são esperadas, como cuidar da casa, do filho, do companheiro. Assim, a mulher que não realiza tais atividades é vista como mimada, adjetivo utilizado no comentário. O próximo comentário também enfatiza isso:

Figura 4- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 27 de jan. 2018.

Michele se surpreende, pois, para ela, Juliana não teria motivos em reclamar, já que não faz atividades domésticas. Somos educadas/os considerando ser as tarefas domésticas, o cuidado com o lar e as/os filhas/os, de responsabilidade feminina, enquanto o trabalho fora e o sustento da casa de responsabilidade masculina. A responsabilidade em a mulher prover esses cuidados é reforçada diariamente em diferentes instâncias, como a mídia. Geralmente os produtos de limpeza são comercializados através de imagens femininas, de mulheres utilizando o produto em questão para a limpeza de sua casa. David coloca:

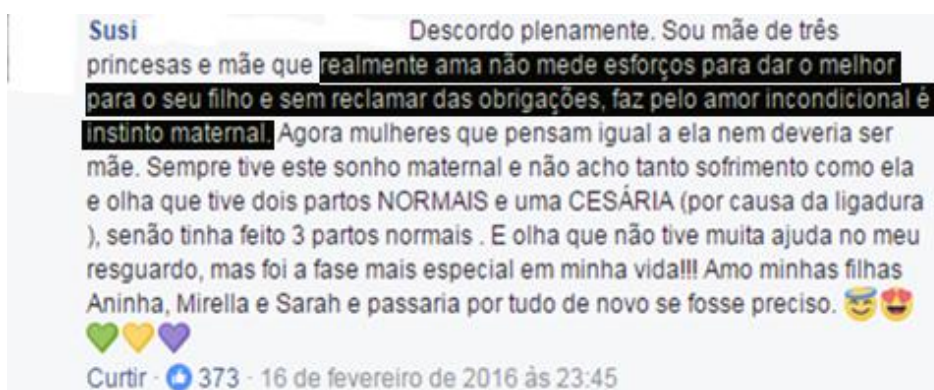
As propagandas de produtos de limpeza, na maioria das vezes, colocam a mulher como público-alvo principal. Sua participação era e ainda é de grande importância para esse tipo de publicidade, pois é a responsável pelas tarefas de limpeza e de manutenção da casa, e que ainda está, em grande proporção, a cargo delas, tornando, assim, símbolo de representação para esse tipo de mercado e comércio. (DAVID, 2017, p. 67).

Atualmente, há que se considerar algumas mudanças que já ocorreram, é menos raro encontrarmos casais que dividem as tarefas domésticas, entretanto, a mulher comumente é vista como a responsável pelas atividades domésticas e, o homem, como alguém que pode auxiliar a execução dessas atividades. Segundo Badinter:

Desde Durkheim, sabe-se que o casamento prejudica as mulheres e beneficia os homens. Um século depois, a afirmação deve ser entendida em suas nuances, mas a injustiça doméstica permanece: a vida conjugal sempre teve custo social e cultural para as mulheres, tanto no que diz respeito à divisão das tarefas domésticas e à educação dos filhos, quanto à evolução da carreira profissional e à remuneração. Hoje, não foi propriamente o casamento que perdeu o caráter de necessidade, mas é a vida matrimonial e, sobretudo, o nascimento do filho que pesam sobre as mulheres. (BADINTER, 2011, p. 25).

Os comentários do *post* apontam justamente esse peso social e cultural das atividades domésticas e da maternidade para as mulheres. Juliana por vezes é criticada por reclamar sem motivo, como algumas internautas colocam, uma vez que ela possui a ajuda de terceiros com as atividades que deveriam ser obrigação exclusiva dela, assim, a mãe deveria era agradecer, e não se queixar. Segundo David, a mulher “deveria ser completamente submissa e destinada somente ao lar com o papel de esposa/mãe”. (2017, p. 65). Abaixo, um comentário que destaca o fato da mulher não poder reclamar das “obrigações”:

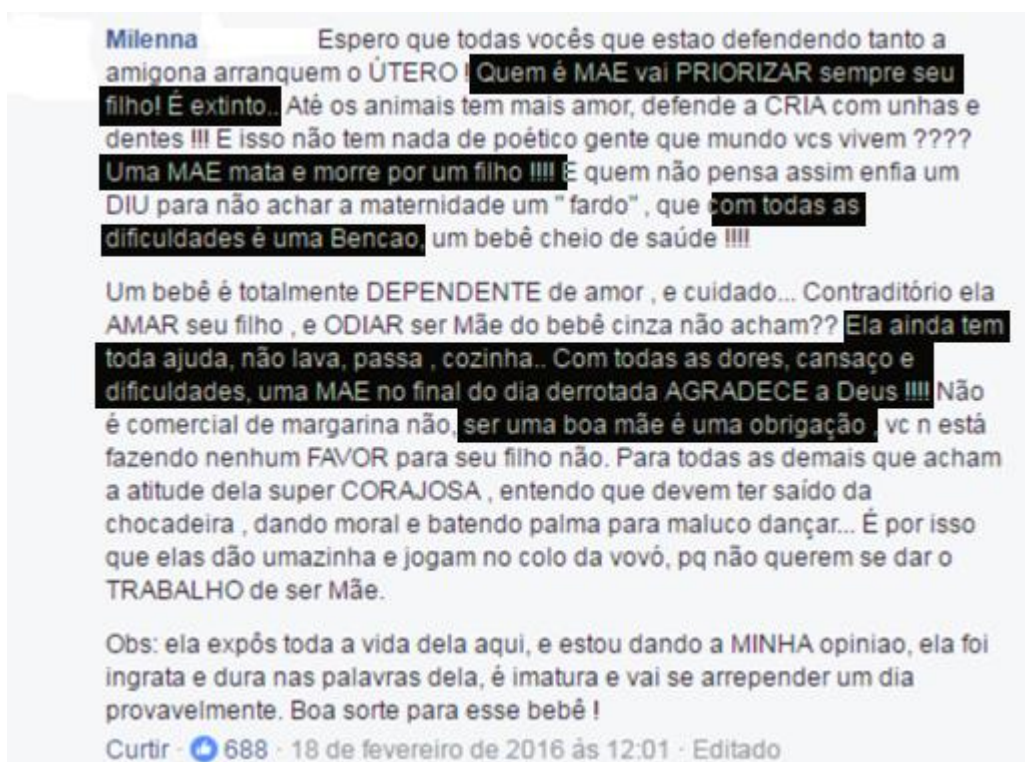
Figura 5- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 27 de jan. 2018.

Neste comentário, Susi repete o discurso de que mãe não mede esforços pelas/os filhas/os, e isto estaria relacionado ao instinto maternal. Beauvoir (1967) critica a ideia de instinto materno e defende que esse não existe, afirmando, também que esse termo não se aplica em nenhum caso à espécie humana. A atitude da mãe seria definida pelo conjunto da situação em que se vive e pela maneira com que essa é assumida. Para Beauvoir, “a ideia de um ‘instinto’ criador dado deve ser rejeitada, como a do ‘eterno feminino’ no velho armário das entidades.” (1967, p. 482). O instinto materno também apareceu em outros comentários, como o que segue:

Figura 6- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 27 de jan. 2018.

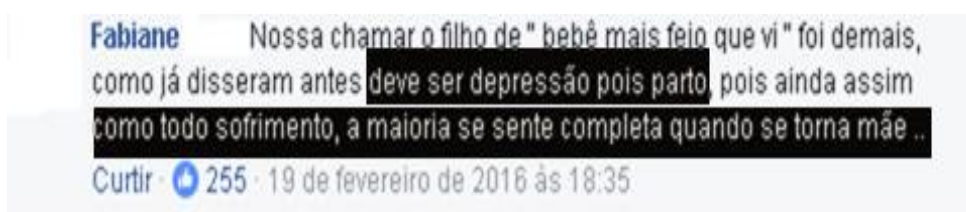
Este é um dos comentários feitos na postagem com o maior número de curtidas (688), mesmo com toda a agressividade com que Milenna expressa sua opinião em relação ao texto de Juliana. Ela coloca o instinto materno como o suporte para sua crítica ao comportamento da autora do desafio. De acordo com Badinter (2011), o instinto materno voltou aos estudos científicos em 1970, quando a pediatria americana

passa a se apoiar principalmente na etologia, ciência que estuda o comportamento animal, para lembrar às mulheres que elas eram mamíferas como outras, sendo dotadas dos hormônios da maternagem: a oxitocina e a prolactina. Uma vez que as mulheres possuem estes hormônios cujos efeitos são explicados pela ciência, elas devem estabelecer com o bebê um laço automático e imediato, pois isto seria um processo neurobiológico-químico. Portanto, se isto não vir a acontecer, devemos nos preocupar com os desvios psicopatológicos, próximo eixo problematizado.

A patologização do comportamento de Juliana

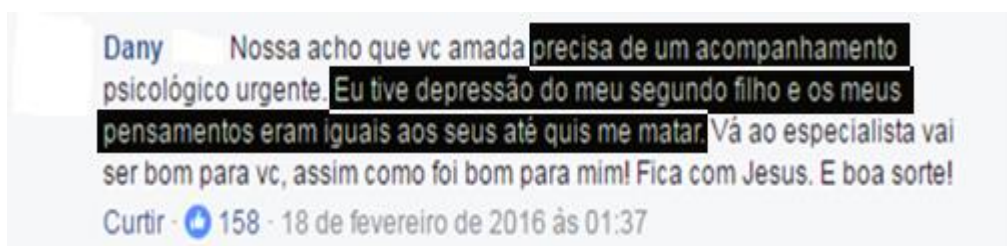
Por conta dessa naturalização da maternidade, em muitos dos comentários foi colocada em suspeita a saúde mental de Juliana, a qual, para muitas internautas, estaria com um quadro de depressão pós-parto. Seguem alguns comentários destacados:

Figura 7- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real



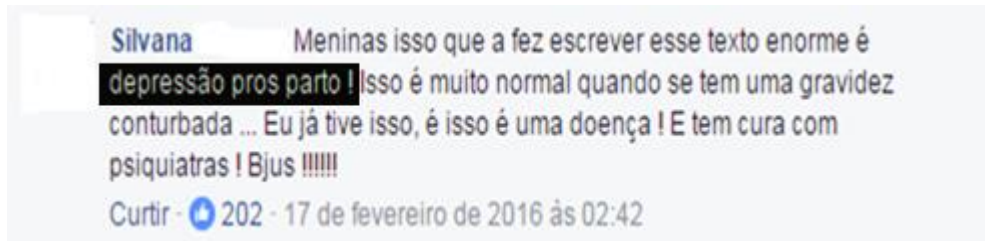
Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 27 de jan. 2018.

Figura 8- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 27 de jan. 2018.

Figura 9- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 27 de jan. 2018.

Quando o discurso rompe com o esperado, fica mais fácil enquadrar Juliana com alguma patologia. O que não nos faltam são discursos científicos que explicam a depressão pós-parto. De acordo com uma cartilha publicada pela Universidade de São Paulo (USP) sobre a doença, não há uma definição simples para o desenvolvimento dela, sendo possível ser por conta de alterações hormonais ou intensas alterações na rotina da mãe. Esta é uma doença que afeta toda a família e muitos bebês têm seu desenvolvimento alterado durante a doença, pois a mãe seria a pessoa mais importante para o bebê. A pesquisa da USP aponta que nas primeiras semanas o bebê precisa da mãe para que seu mundo faça sentido, o que exige que a mãe tenha muita energia e interesse para entender o significado de seus choros. Por conta disso, o bebê fica muito sensível ao temperamento de sua mãe. (USP, 2018).

A inquietação que surge a respeito da depressão pós-parto é justamente por o instinto materno ser tão bem explicado através dos hormônios. O que aconteceria então com mães que desenvolvem esta doença? Há que se ponderar, também, a situação em que a mãe está vivendo, as cobranças que fazem parte da vida dela, entre tantos outros fatores que a biologia não explica. A maternidade segue normas e quando alguma mãe foge das normas maternas impostas social e culturalmente, por vezes fica mais fácil enquadrar essa mãe em alguma patologia. Para Moreira e Nardi (2009), é na atualização da norma que se produz a ideia de igualdade feminina, que além de ser um efeito discursivo, refere-se também ao conjunto de exigências que são colocadas para as mulheres como mães. Assim:

O reconhecimento da maternidade através dessa norma segue a rede enunciativa que determina, por exemplo, o número de filhos adequado, o tempo e a idade certos de ser mãe, as condições (econômicas) para a maternidade. Enunciados que, associados a diversos discursos, emprestam legitimidade a certos modos de ser mãe, passando a ter mais valor social. (MOREIRA; NARDI, 2009, p. 576).

A normalidade materna, obviamente, não inclui mães como Juliana, por conta disso que ela foi vista e julgada como uma pessoa doente, pois ela provoca uma ruptura nas normas que são impostas às mulheres que desejam exercer a maternidade.

Também consideramos pertinente problematizar a responsabilidade que recai sobre a figura materna para o desenvolvimento do bebê, já que, segundo a cartilha da USP, o desenvolvimento do bebê pode ser afetado caso a mãe fique doente. Como colocado antes, Meyer (2005), define essa responsabilização materna como uma politização contemporânea da maternidade, na qual a mãe é a responsável pelo desenvolvimento das/os filhas/os, exigindo um certo tipo de prática de maternagem.

Assim, há diferentes enunciados que “atribuem o desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo saudável do feto e da criança a sentimentos, comportamentos, formas de cuidar e de se relacionar com ele/a” (MEYER, 2005, p. 83). Não é por acaso que discursos como o de Juliana venham a surgir, e agora com mais frequência, tendo em vista a complexidade em que exercer a maternidade envolve.

A amamentação como ato de amor

A amamentação é outro fator fortemente ligado ao amor materno, anunciado como momento de transmitir amor a/ao filha/o.

O sujeito materno é aqui posicionado enquanto aquele que, por intermédio da amamentação, transmite amor e saúde para a criança; mas não é qualquer tipo de saúde: é uma saúde dada em forma de amor. Amamentar, em outras palavras, vem a confirmar a ideia de que uma boa mãe amamenta, pois proporciona à criança muito mais do que alimento. É como se a mãe se doasse para a criança e desse a ela algo único, que o seu próprio corpo produz. (CADONÁ; STREY, 2014, p. 485).

As autoras problematizam o que vem a aparecer no comentário da internauta Mayara, a necessidade de fazer da amamentação um momento de amor,

independentemente de dores ou de outros problemas que possam vir a envolver esta prática. Destacamos o trecho a seguir:

Figura 10- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 27 de jan. 2018.

No modelo hegemônico, o ato de amamentar no peito indica a presença insubstituível da mãe e esta deve ser a mãe biológica, responsabilizando a figura materna pelos cuidados com o bebê e garantindo intimidade e afeto entre mãe e filha/o. (CADONÁ; STREY, 2014).

As mães que decidem não amamentar ou que até mesmo não podem fazer, são bombardeadas com discursos de diferentes âmbitos, incluindo os discursos científicos, que reiteram a importância da alimentação exclusiva no peito materno. Tais discursos são constantemente reforçados, mas raros são os que mostram a dor e o sofrimento de algumas mães para amamentarem suas/seus filhas/os, logo “se o aleitamento é essa plenitude induzida pela biologia, por que tantas mães não desejam dar prosseguimento à experiência, pelo menos até o fim da licença-maternidade?” (BADINTER, 2011, p. 69).

Há que se considerar e problematizar a rede de discursos que compõe a prática da amamentação. Não negamos a importância biológica deste processo, entretanto, não nos limitamos apenas à ciência. A prática da amamentação também envolve elementos culturais, sociais e históricos. O investimento político é alto em torno da amamentação, e maiores ainda são as técnicas e recursos que ensinam as mães a amamentarem corretamente suas/seus filhas/os, o que vem a ser inusitado, uma vez que naturalmente o instinto materno seria responsável por essa sabedoria.

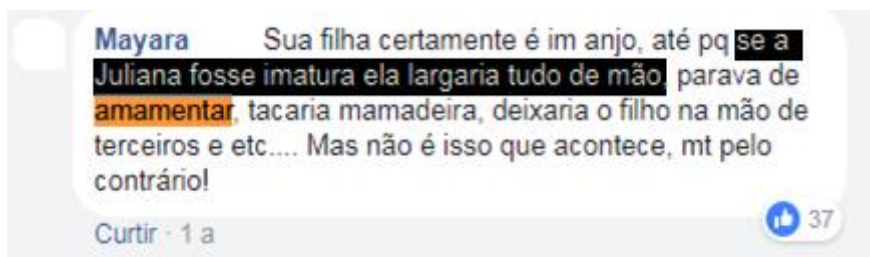
Meyer (2000), realiza esta discussão. A autora discute o paradoxo existente entre a dimensão da natureza biológica da maternidade e a noção da amamentação

ser uma prática instintiva que não precisaria ser ensinada, mas que ao mesmo tempo recebe fortes investimentos de campos profissionais e de políticas com o objetivo de educar as mulheres como mães, fazendo compreender assim que, como todo comportamento social, a maternidade e a amamentação precisam ser ensinadas e aprendidas.

A prática do aleitamento até pode ser muito saudável, desejável e prazerosa para mães e seus bebês, mas acreditar nisso não nos autoriza a deixar de visibilizar e problematizar as poderosas redes de disciplinamento e de controle social que, em nome dela, são produzidas e colocadas em circulação nas pedagogias de amamentação. (MEYER, 2000, p. 131).

A seguir, outro comentário que fala sobre o momento da amamentação:

Figura 11- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 27 de jan. 2018.

Diferentemente dos outros comentários, Mayara responde para outra internauta que estava criticando Juliana e defende a atitude da autora do *post*. Entretanto, embora apoie a sua posição, o comentário traz algumas ressonâncias com o discurso hegemônico, uma vez que esse apoio se deve ao fato de Juliana estar amamentando, questão muito cobrada culturalmente. Mayara argumenta que mães que não amamentam, independentemente do motivo, e aderem à mamadeira, são imaturas. Isso demonstra o quanto a questão da amamentação é vista como natural, e aparece como uma prática considerada instintiva.

Alguns apontamentos

A maternidade tem sido vista, ao longo dos tempos, como um momento idealizado, o qual traz sentimentos bons e a plena realização da mulher que vive este processo. A figura da mãe é geralmente vista como bondosa, que suporta quieta todos

os momentos difíceis pelos quais pode vir a passar. A pesquisa que aqui realizamos aponta para algumas rupturas e assujeitamentos ao discurso hegemônico da maternidade.

A postagem do desafio da maternidade real pode ter sido intensamente criticada, a autora foi condenada por inúmeras internautas, em diferentes aspectos. Há de se considerar que tais críticas aconteceram porque Juliana trouxe ao debate outra possibilidade de ser mãe, promovendo rupturas no discurso hegemônico da maternidade, mostrando o que pouco tempo atrás não seria tão facilmente falado: o lado desromantizado da maternidade.

Nos comentários aqui problematizados, as internautas que ali comentaram foram reproduzindo o discurso hegemônico da maternidade, utilizando-se de considerações ditas naturalizadas, como o instinto materno, a presença do amor materno como inerente a toda e qualquer mulher, a maternidade como um sonho a ser realizado, a amamentação como um ato de amor e de cuidado com o bebê, sendo que o contrário disso é considerado patológico. Também vimos a maternidade como uma idealização e realização da mulher, uma benção de Deus, a amamentação como ato de amor, e até mesmo a mulher que não ama sua/seu filha/o como um sujeito doente. Tais significados vão interpelando o sujeito-mãe, reforçando e reproduzindo modos de exercer a maternidade.

O ímpeto que orientou a escrita deste artigo foi possibilitar com que diferentes formas de exercer as maternidades fossem problematizadas e, principalmente, desnaturalizadas, permitindo, assim, com que sejam entendidas como produzidas em meio a diferentes práticas socioculturais, que atuam na forma com que entendemos a maternidade e olhamos para a mulher mãe. A luta pela desnaturalização da maternidade faz parte da nossa busca teórica e política pela igualdade entre os gêneros. Também destacamos a importância das análises culturais, aliadas aos Estudos Culturais, por possibilitarem que problematizemos as redes sociais tão presentes em nossas vidas e que produzem novas formas de ser e estar no mundo, pois produzem e fazem circular diferentes culturas através delas.

Consideramos ser este entrelaçamento entre maternidade e cultura importante para discussões que busquem a igualdade entre os gêneros, tendo em vista que a maternidade é um dos fortes marcadores desta questão, e que por vezes coloca a

mulher em condições desfavoráveis. Considerar as redes de poder que englobam a maternidade e naturalizam determinadas práticas como mais verdadeiras que outras se faz importante para novas possibilidades de se viver este momento.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011. 222 p.

_____. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370 p.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

CADONÁ, Eliane; STREY, Marlene Neves. A produção da maternidade nos discursos de incentivo à amamentação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 22, p.447-499, maio 2014. Trimestral.

COSTA, Marisa Vorraber. Ensinando a dividir o mundo; as perversas lições de um programa de televisão. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 20, p.71-82, maio 2002.

_____. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI. **Educar**, Curitiba, v. 1, n. 37, p.129-152, maio 2010.

DAVID, Ricardo Santos. Dona de casa ou dona de si? Um estudo sobre a representação feminina em produtos de limpeza e alimentícios. **Temática**, Paraíba, v. 13, n. 06, p.01-20, jun. 2017. Mensal.

FACEBOOK PARA EMPRESAS (Ed.). **102 milhões de brasileiros compartilham seus momentos no Facebook todos os meses**. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

MEYER, Dagmar Estermann. As mamas como constituintes da maternidade: uma história do passado? In: **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre (RS), UFRGS/FACED, v. 25, n.º 2, jul./dez., 2000, p. 117 – 133.

_____. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Gênero**, Niterói: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEG, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2006.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; NARDI, Henrique Caetano. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p.569-594, maio 2009. Quadrimestral

REIS, Juliana. **Desafio NÃO aceito!** 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

ROCHA, Simone et al. Os estudos culturais e os entrelaçamentos entre comunicação e cultura: uma análise do filme *Cão sem dono*. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens Universidade Tuiuti do Paraná**, Curitiba, v. 1, n. 9, p.1-14, 2010.

RODRIGUES, Gilda de Castro. **O dilema da maternidade**. São Paulo: Annablume, 2008. 284 p.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Entre percalços e desejos: sobre a insurgência e possibilidades das pedagogias culturais. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, p. 32-47, 2015.

USP. **A depressão pós parto: um problema para toda a família**. 2018. Disponível em: <<http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/lefam/ATT00026.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p.32-48, jan./abr. 2015. Quadrimestral.

5.3. ALGUNS OLHARES SOBRE O DISCURSO RELIGIOSO E MÉDICO NO DESAFIO DA MATERNIDADE REAL

Resumo

Problematizamos no presente artigo os comentários realizados na postagem desafio da maternidade real (#desafiodamaternidadereal), referente a um desafio lançado no site de rede social Facebook. A proposta do desafio era que mães escrevessem sobre as dificuldades em ser mãe. A postagem logo teve mais de 120 mil comentários e em sua grande maioria de internautas que criticavam a autora, apontando para o quanto não estamos habituadas/os a relatos que não exaltem o amor materno. Neste artigo, damos ênfase ao discurso médico e religioso presentes nas postagens acerca da maternidade. O campo religioso, ao associar fortemente a figura da mãe a Maria, institui a maternidade como uma benção, sendo os/as filhas/os presentes enviados por Deus, como também todo o sacrifício materno como algo a ser feito em agradecimento à benção divina. Já o campo médico molda, através de determinados saberes e ensinamentos, condutas e subjetividades, pois o conhecimento científico possui *status* de verdade em nossa sociedade, e aqui destacamos o quanto esse não é um campo neutro de conhecimentos. Vimos o quanto esse campo institui os corpos em determinadas regras, sendo o corpo feminino alvo de maior investimento.

Palavras-chave: maternidade; gênero; Facebook.

O desafio em questão

A maternidade contemporânea está imersa em sistemas de significação fundamentados especialmente no determinismo biológico. Entretanto, esses sistemas de significação acabam por não considerar relações de poder existentes, condições culturais e sociais de cada mulher que vem a se tornar mãe, ou até mesmo daquela que decide não exercer a maternidade. É por isso que se torna importante considerar a construção social da maternidade, a partir de diferentes vivências sociais.

Neste artigo, investigamos e problematizamos a repercussão do desafio⁴⁴ da maternidade real (#desafiodamaternidadereal) lançado no site de rede social Facebook, focando nossos olhares nos discursos médico e religioso presentes nos comentários da postagem. Esse desafio surgiu através de Juliana Reis, internauta convidada a participar do desafio da maternidade (#desafiodamaternidade), no qual deveria postar, em seu perfil do Facebook, fotos de momentos felizes da maternidade, expressando os sentimentos de alegria e realização em ser mãe. Feita a postagem, a

⁴⁴ Os desafios começaram a surgir no Facebook, no Brasil, pelo ano de 2012. A proposta é lançar alguma ideia, a qual se passa a convidar os amigos para aderirem ao mesmo desafio, geralmente envolvendo a postagem de fotos e vídeos.

sugestão era de que a mãe marcasse mais três amigas para seguirem o desafio, utilizando a *hashtag*⁴⁵ desafio da maternidade. Quando Juliana recebeu o convite para participar desse desafio, optou por não aderir a ele e criar um novo: o desafio da maternidade real. Nele, as mães deveriam postar fotos em momentos menos divulgados da maternidade, mencionando as dificuldades que envolvem este processo, o cansaço da responsabilidade na criação de uma/um filha/o, dentre outros aspectos. A seguir, a postagem feita por Juliana:

Figura 12- Montagem publicada por Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018.

Desafio NÃO aceito! Me recuso a ser mais uma ferramenta pra iludir outras mulheres de que a maternidade é um mar de rosas e que toda mulher nasceu pra desempenhar esse papel. Eu vou lançar outro desafio, o desafio da MATERNIDADE REAL. De tudo o que as mães passam e as pessoas não dão valor, como se toda mulher já tivesse sido programada pra viver isso. Postem fotos de desconforto com a maternidade e relatem seus maiores medos ou suas piores experiências pra que mais mulheres saibam da realidade que passamos. Dizem que no final sempre acaba tudo bem, mas o meio do processo por muitas vezes é lento e doloroso.

⁴⁵ *Hashtags* são utilizadas com a palavra-chave do assunto que se deseja que vire um *hiperlink* nas redes sociais, fazendo assim com que outros usuários as utilizem como ferramenta de busca.

Primeiramente eu quero deixar bem claro que eu amo meu filho mas to detestando ser mãe. E acho que isso não vai melhorar nem quando ele tiver a minha idade atual.

Primeiro a gravidez. "Nossa que barriga enorme pra 7 meses", "esse bebê não vem não?", "Vicente! Mas pq você escolheu esse nome coitado!". Pessoas, entendam que grávidas não são patrimônio público! Se o que vcs pensam não vai acrescentar positivamente na vida dela façam o favor de não falarem NADA!!! Até se acrescentar positivamente você deve pensar mil vezes antes de falar. ELA está grávida então ela já se informou sobre o que pode ou não comer e se ela está comendo problema é dela! Não se metam!

Mas aí, a pobre da mulher pensa que quando nascer vai melhorar, conta os dias até o parto chegar, esses dias que demoram mais do que toda a gestação junta. E quando a hora chega, nada sai como esperado. No meu caso, que sempre defendi com todas as forças o parto normal, afinal, meu corpo foi projetado pra isso, não tive um corpo tão bem projetado assim. Os médicos falavam que o colo do útero estava fechado e o bebê muito alto e que a cesárea seria a opção mais segura. Tudo o que eu precisava pra me sentir um lixo de mulher que não conseguiu fazer o tão raçudo parto normal. Mas quando o parto chega ao fim eu percebi que não é um mar de rosas ter a cesárea(Sinto algumas dores até hoje com 40 dias da cirurgia.)

Mas nada disso importa mais, tô de frente pro amor da minha vida! (oi?) Tudo que eu senti foi uma tremedeira descontrolada que eu não sabia se era medo ou frio. E quando a médica perguntou o que eu achei do bebê, eu não tive coragem de dizer que tinha sido o bebê mais feio que eu já tinha visto e só perguntei se ele era perfeito. Quando ela disse que sim eu apaguei e quando despertei aquela criança cinza não estava mais perto de mim. Meu filho só voltou pra mim depois de algumas horas e com ele vieram mil regras e informações que eu tinha que absorver em minutos (tudo isso partida ao meio e sem poder me mexer).

Mas agora estamos em casa. Aqui eu vou poder curtir meu filho. Errado de novo! Mais gente querendo se meter de como você deve fazer as coisas. E você, recém operada e cheia de dores, onde encontra as forças pra debater? E nos dias que ele simplesmente grita aos prantos, a mãe tem meio que uma obrigação de saber o que ele tem. "É cólica? É refluxo? É manha? Mas como assim?! vc que é mãe tem que saber!"

E por último, mas não menos importante: a amamentação! "Mãe que é mãe tem que amamentar! Tem que sentir a maravilha que é ser o alimento do seu filho". Hoje eu consigo amamentar com um pouco menos de dor, mas não torna as coisas mais fáceis. Meu filho mama TODA hora. E às vezes por uma hora inteira. "Mas seu leite não deve estar sustentando!" Nas horas que eu ouço isso eu sinto um anjo me segurar pra não voar em quem falou! Meu leite sustenta sim, obrigada! E quem não amamenta, ou pq não quer ou pq não conseguiu não é mais ou menos mãe do que eu ou do que vc que amamentou seu filho até os 30 anos de idade.

Eu admito que reclamo disso tudo de barriga cheia. Tenho muita ajuda, não preciso fazer comida, cuidar da casa, lavar e nem passar roupa. Mas mesmo assim passo mts dias sem nem pentear o cabelo, substituindo biscoitos por refeição e agora cada segundo de sono é o que me faz ter um mínimo de sanidade mental. Eu aplaudo de pé todas as mães, sem exceção, mas acho irracional e sadoquista gostar dessas coisas. Então, sim, detesto ser mãe. Até porque, passamos por isso tudo pra ainda chegarem pra você e falarem que seu filho é a cara do pai! (REIS, 2016).

Juliana, ao realizar a postagem, foi intensamente criticada. Sua conta foi excluída pelo site Facebook, após inúmeras denúncias, voltando a funcionar em torno

de 24 horas depois. O *post* alcançou mais de 120 mil curtidas, 21 mil compartilhamentos e 2,7 mil comentários, dando indícios da sua grande repercussão. A internauta, em seu texto, relata suas dificuldades, a cobrança social que recai sobre a mulher até mesmo durante a gestação e o fato de tudo isso não ser comumente exposto. Seu objetivo foi apresentar o lado desromantizado da maternidade, para que outras mães soubessem, através da perspectiva dela, sobre a complexidade de ser mãe.

Tal repercussão do desafio se deve ao fato de as mulheres estarem condicionadas a seguirem padrões preestabelecidos das normas sociais da maternidade, as quais não expõem este lado desromantizado. Juliana vem a ser uma ruptura em relação as concepções da maternidade, uma vez que ela apresenta ideais diferentes daquelas que conhecemos: o amor materno como incondicional e a felicidade constante da figura materna, entre outras. As ideias românticas da maternidade que até então eram exaltadas no desafio da maternidade, agora são rompidas pelo novo desafio, e devido ao amor materno ser considerado instintivo e natural mesmo com tantas obrigações, é que repercutiu tanto o *post* de Juliana, como veremos em alguns comentários.

Discursos sobre maternidades

O desafio da maternidade real teve grande repercussão, haja vista o número de curtidas, comentários e compartilhamentos na postagem, bem como a participação de Juliana em outras mídias, como no Programa Profissão Repórter⁴⁶. Consideramos que tal repercussão se deu porque a internauta trouxe rupturas com o discurso hegemônico da maternidade, pois conforme Souza:

A mulher é vista como se sua completude, alegria e objetivo maior de vida se resumissem à maternidade, via de regra retratada como algo mágico, a ser desejado por todas. Nunca se fala dos medos, inseguranças, fantasias e até mesmo da depressão que muitas mulheres sentem diante da responsabilidade que lhe pesará sobre os ombros (SOUZA, 2012, p.116).

Portanto, ao visibilizar o lado menos mostrado da maternidade, há um conflito cultural, pois somos geralmente educadas/os considerando o amor materno e o

⁴⁶ A internauta participou do episódio denominado “Depressão pós-parto”, do Programa Profissão Repórter, exibido pela Rede Globo. Link para acessar a plataforma digital e assistir o programa online: <https://globoplay.globo.com/v/5210572/>.

desejo de ser mãe como natural e intrínseco a todas as mulheres. Os sujeitos são produzidos culturalmente, de acordo com o tempo histórico e com o contexto em que se vive. Assim, a maternidade também é uma prática cultural e também histórica, tendo em vista que a figura da mãe já foi carregada de diferentes sentidos. Marcello destaca que “tanto a maternidade como o sujeito-mãe são efeitos de discursos e de contingências sociais, culturais e econômicas específicas.” (2009, p. 227).

Como discurso hegemônico da maternidade, aprendemos que o instinto materno é sentimento natural a todas as mulheres. Badinter destaca:

Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer. Sendo a procriação natural, imaginamos que ao fenômeno biológico e fisiológico da gravidez deve corresponder determinada atitude maternal. (BADINTER, 1985, p. 20).

O que esquecemos de considerar, junto ao fenômeno biológico da gravidez, são as condições culturais da sociedade, que exige determinados comportamentos de uma mãe, desde a gestação. Pois se esse amor materno é tão bem explicado através do discurso científico e os hormônios garantem tão bem a adaptação e o laço entre mãe e bebê, o que acontece quando casos como o de Juliana são expostos? No mínimo, eles geram grandes debates e uma ampla repercussão. Esta se torna uma discussão importante para que outras possibilidades de viver a maternidade sejam visibilizadas, podendo-se falar em maternidades no plural⁴⁷, com isso, rompendo com a idealização da maternidade e a intensa cobrança social sobre as mulheres, a qual gera desigualdade de gênero.

Escolhemos uma postagem do site de rede social Facebook como *corpus* de análise neste artigo por entendermos ser uma potencial ferramenta a ser analisada, por ser essa rede social de grande popularidade no Brasil. Para Couto:

Nesses tempos de cibercultura somos estimulados ininterruptamente à exposição, a popularidade e a incontinência verbal. Parece que a introspecção cedeu lugar a exibição de si. Não existe mais lugar para pessoas tímidas, quietas, ensimesmadas, capaz de cultivar e preservar segredos em sua própria redoma. Agora vivemos uma espécie de desabrochamento contínuo. Todos são incitados a emitir opiniões, rotular, avaliar e classificar as informações, a comentar isto

⁴⁷ Utilizamos maternidades no plural por entendermos que esta não é singular, sendo possível diferentes vivências neste processo.

e aquilo, a narrar acontecimentos e experiências emocionais. (COUTO, 2014).

Este é um evento recente, visto que antes as fronteiras entre o privado e o público eram bem limitadas. Também eram claras as instituições que educavam, sendo a escola a principal delas. Hoje, não podemos desconsiderar o caráter educativo de diferentes artefatos, entre eles o site de rede social Facebook, o qual apresenta diferentes formas de uso, como pessoal, social e político. Agora, “qualquer detalhe da vida, qualquer gesto cotidiano mais banal ou insignificante, triunfa como espetáculo e o sujeito borbulhante e efêmero se expande e circula na rede.” (COUTO, 2014, p. 53).

Tal potência em consumir informações, visibilizar aspectos da sua vida e conhecer detalhes da vida de outros sujeitos nas redes é o que nos interessa neste artigo, de modo central as formas com que as maternidades são mostradas e discutidas em um desafio que teve como característica geral a postagem de momentos felizes, e o desafio em questão veio romper com essa lógica. São estes diferentes aspectos criados e mostrados na rede e as discussões a respeito das maternidades que vem a nos interessar nesta pesquisa.

Ferramentas da pesquisa

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos alguns pressupostos da Análise Cultural, metodologia vinculada aos Estudos Culturais, que em sua vertente pós-estruturalista considera a cultura e a linguagem como centrais nos processos investigativos. Essa perspectiva, segundo Costa:

Diz respeito à concepção em que os discursos estão inexoravelmente implicados naquilo que as coisas são. As sociedades e culturas em que vivemos são dirigidas por poderosas ordens discursivas que regem o que deve ser dito e o que deve ser calado e os próprios sujeitos não estão isentos desses efeitos. A linguagem, as narrativas, os textos não apenas descrevem ou falam sobre as coisas, ao fazer isso instituem as coisas, inventando sua identidade. (COSTA, 2010, p. 133).

É a partir desse fecundo campo que realizamos nossa pesquisa, pois a partir desta metodologia, é possível considerar os aspectos sociais como educativos na contemporaneidade, tendo em vista que a linguagem produz a identidade do que fala, e, segundo Rocha *et al* (2010), a análise cultural tem se mostrado relevante no

entendimento das relações entre comunicação e cultura, uma vez que as formas e práticas culturais produzem sentidos sociais.

Para constituição do *corpus* de análise, primeiramente, selecionamos os comentários mais curtidos da postagem, por entendermos que ao curtir um comentário, o sujeito estaria se identificando e concordando com o que nele está escrito. Posteriormente, agrupamos os comentários em categorias similares de assuntos, constituindo eixos temáticos. Aqui, iremos problematizar os discursos que envolvem de modo mais expressivo a **religião e a gravidez como um fardo e a contracepção como responsabilidade feminina**, por mais que por vezes os assuntos se entrelacem.

O campo religioso e o sujeito-mãe

O discurso religioso tem caráter formador e orientador de condutas que envolvem a maternidade, por ser esta do campo considerado sagrado e a figura da mãe ser habitualmente relacionada à figura da Virgem Maria. Para Vásquez:

Não há meio para se debater a maternidade sem entender como sua construção histórico-social foi elaborada e, para tanto, a análise sobre o uso da mãe-*virgem e pura*, Maria, é fundamental. Esta representação religiosa é fundante para a cultura ocidental do ideal de maternidade e, desta forma, foi a figura de Maria que ajudou a consolidar um estereótipo de maternidade e de feminilidade. (VÁSQUEZ, 2014, p. 169).

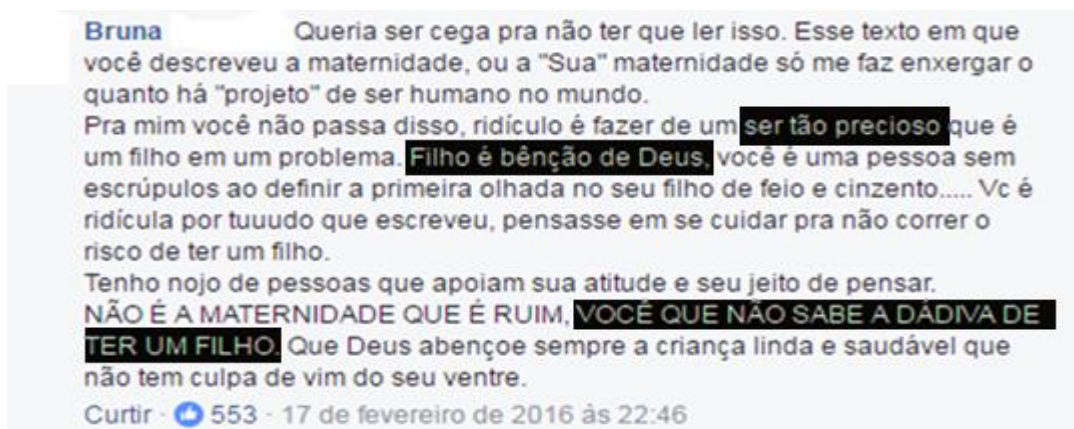
Para a autora, não há como falar sobre a maternidade sem falar sobre Maria, a qual teve papel de destaque na devoção cristã, por ela ser abrigo, ser “como uma mãe” muitas vezes, o que, não coloca esta figura como neutra, e sim, se faz necessário destacar que, antes de qualquer coisa, Maria é uma verdade teológica desenvolvida por homens celibatários de uma determinada igreja, assim é uma figura carregada de sentidos, e não uma figura neutra. (VÁSQUEZ, 2014).

Desta maneira, o campo católico, religião aderida por 64,6% dos brasileiros⁴⁸, modula subjetividades em relação a maternidade. Não por acaso, Juliana foi criticada

⁴⁸ Dados do IBGE, divulgados pela revista *Veja*. *Link* para acesso: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/> Acesso em 20 de fev. 2018.

em sua postagem através do discurso religioso, como veremos nos comentários a seguir selecionados:

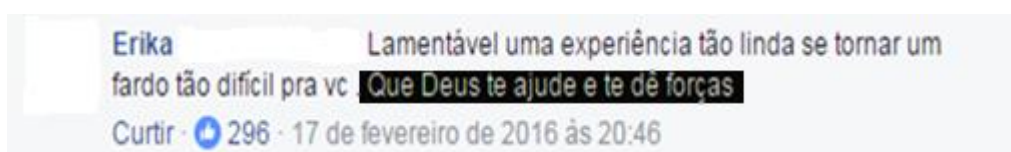
Figura 13- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018.

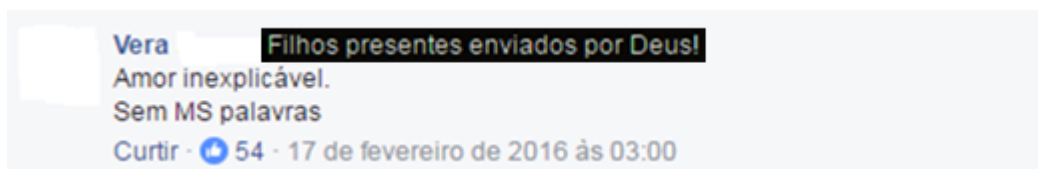
Neste comentário, filha/o está relacionado a adjetivos como preciosa/o, dádiva, bênção de Deus, os quais fazem parte do campo religioso que construiu desde sempre a maternidade, assim, ser mãe é algo sublime. Para o campo religioso católico, bênção de Deus refere-se a uma ação divina que dá a vida e o termo abençoar, à adoração e entrega a seu criador, na ação de graças, sendo considerada toda obra de Deus uma bênção (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2018). Por toda essa rede que envolve o campo religioso e a maternidade é que Juliana foi julgada pois, uma boa mãe, independente dos problemas, coloca seu filho/a em primeiro lugar, já que ele é um presente divino. Destacamos a seguir outros comentários:

Figura 14- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real



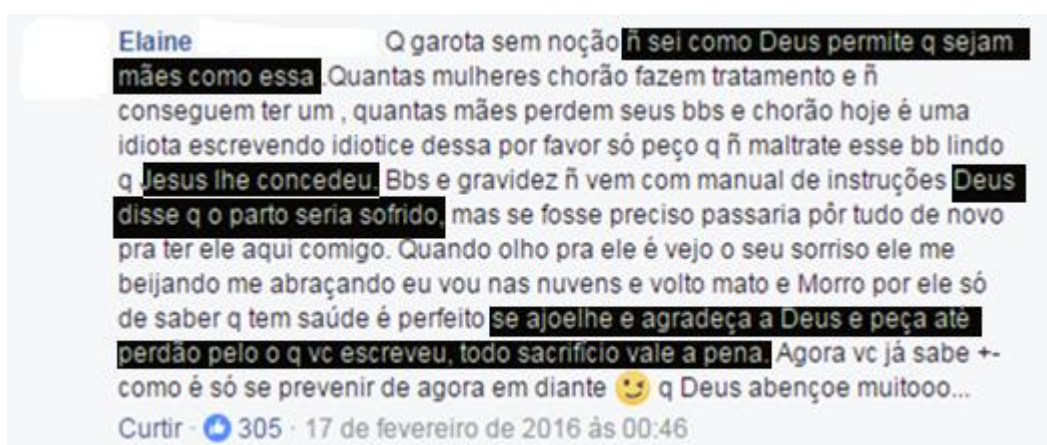
Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018.

Figura 15- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real



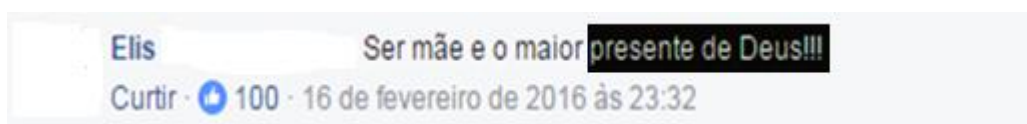
Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018.

Figura 16- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018.

Figura 17- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018.

Nestes comentários, encontramos similaridades entre os discursos, pois todos se referem a Deus e filhas/os sendo presentes Dele. A idealização materna carrega um custo muito caro a todas nós, mulheres, tendo a Virgem Maria como principal exemplo, o que vem a gerar a concepção de que mães não podem reclamar, devem

suportar os sacrifícios do exercício da maternagem, pois foram agraciadas com um presente divino.

O discurso católico em torno de Maria e da maternidade estabeleceu, e ainda estabelece, paradigmas sobre a figura da mãe. Ueda (2014), diz ser Virgem Maria a primeira Igreja, não sendo espelho apenas para as mulheres, mas para toda a igreja, pois:

A vocação materna da Mãe de Deus, o seu ser esposa e Mãe, que completam seu ser feminino, nos ajuda a compreender que também a Igreja é chamada a ser esposa e mãe. Da mesma forma que, para a mulher, a maternidade é a plenitude do seu ser feminino, podemos dizer que, pelo fato da Igreja ter nascido feminina em Maria, o mistério da feminilidade eclesial se manifesta e se revela, em toda a sua profundidade, mediante a maternidade, na geração dos filhos de Deus. (UEDA, 2014).

Esta representação de mulher e mãe perfeita por vezes, para não dizer sempre, levam a cobranças excessivas. Para começar, como vemos no trecho acima, não é qualquer mulher que pode ser mãe, é a mulher esposa, considerando como “anormal” outras formas de maternidade. Este modelo de mulher carrega muitos preconceitos, pois determina quem pode exercer a maternidade.

Papa Francisco, no dia das mães, deu alguns conselhos a estas, no capítulo 5 da Exortação Apostólica Pós-sinodal “Amoris Laetitia”⁴⁹, um documento pastoral no qual o Papa fala sobre a família, descrevendo como deve ser o exercício da maternidade cristã. Para o Santo Padre, os/as filhos/as nunca são um erro, mesmo quando não estão dentro dos planos do casal, é preciso aceita-los/as como dom de Deus. Para o Padre, nenhum sacrifício é custoso demais quando feito por eles/as e estes/as precisam do amor do pai e da mãe. Por último, o Papa fala sobre a necessidade de as mulheres exercitarem seu gênio feminino, o qual seria dotado de ternura, compaixão e capacidade de acolher. Assim, as mulheres estariam vivendo de acordo com sua vocação, pois “uma sociedade sem mães seria uma sociedade imunda, porque as mães sabem testemunhar sempre, mesmo nos piores momentos, a ternura, a entrega, a força moral.” (VILLA, 2016).

⁴⁹ Texto sobre o amor à família, no qual encontram-se os conselhos às mães. Dirigido aos bispos, presbíteros, diáconos, às pessoas consagradas, às/aos esposos cristãs/ãos e a todas/os as/os fiéis leigas/os.

Muitas representações sobre maternidade são reproduzidas no discurso do Padre mais importante da Igreja Católica. Filhas/os, presentes de Deus, como muito aparece nos comentários feitos na postagem do desafio aqui analisado, e a mãe, ao ter filhas/os, não deve negar nenhum sacrifício, muito menos reclamar destes. Outra questão é o fato que novamente aparece sobre a necessidade de a mulher ter um marido para que então possa ter filha/o, não considerando a possibilidade de uma mãe solo, ou então de uma mãe homossexual, ou diferentes contextos. Também aparece o sacrifício como prova de amor, um dos dogmas do cristianismo. Assim, a idealização da maternidade está carregada de sentidos, pois são muitos os deveres maternos para o exercício de uma maternidade digna.

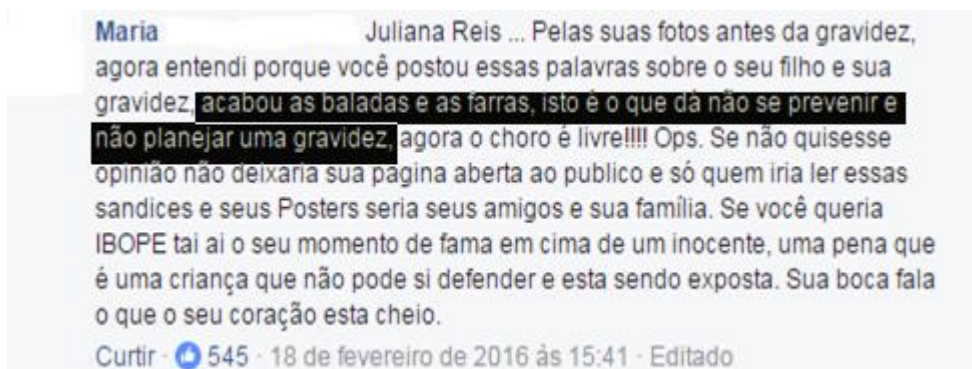
Vásquez (2014), coloca que este discurso enraizado na concepção religiosa e católica de maternidade ainda faz eco em nossa sociedade, assim, ao ser colocada em questão a ideia de maternidade como elemento definidor da feminilidade, estamos mexendo em algo tido como sagrado e qualquer questionamento sobre a maternidade estaria fadado a enfrentamentos severos por alguns setores sociais, principalmente os ligados a grupos religiosos.

O campo religioso católico construiu práticas discursivas a respeito da maternidade idealizada, de uma maternidade artificial e até inatingível, visto que a mácula do pecado original e do ato sexual, estão presentes nas demais mães do mundo, a exceção de Maria. Desta forma, para diminuir a “culpa” da luxúria do ato sexual caberia a mulher ser uma boa mãe, ou seja, colocar a criança em primeiro lugar na sua vida, ser recatada, ser generosa, ser compreensível e sofrer calada. Eis o ideal cristão de maternidade que deveria ser o norte das mulheres em geral. (VÁSQUEZ, 2014, p. 170).

A gravidez como um fardo e a contracepção como responsabilidade feminina

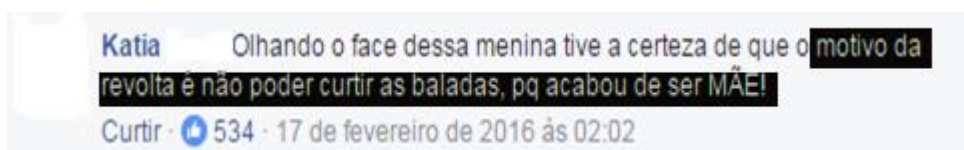
Outro elemento que esteve presente em muitos comentários referem-se à responsabilização feminina pela contracepção. Alguns comentários criticavam a autora do desafio, relacionando o descontentamento desta em relação à maternidade, com o fato de ter que abrir mão de suas noites de festas, como vemos seguir:

Figura 18- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018.

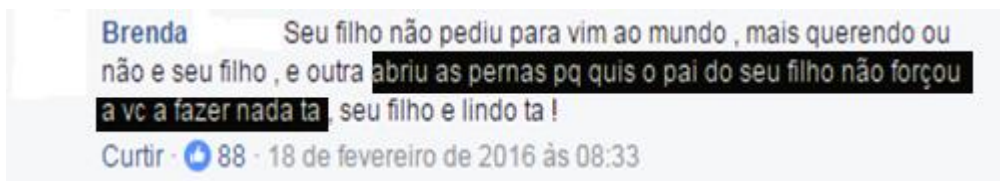
Figura 19- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018.

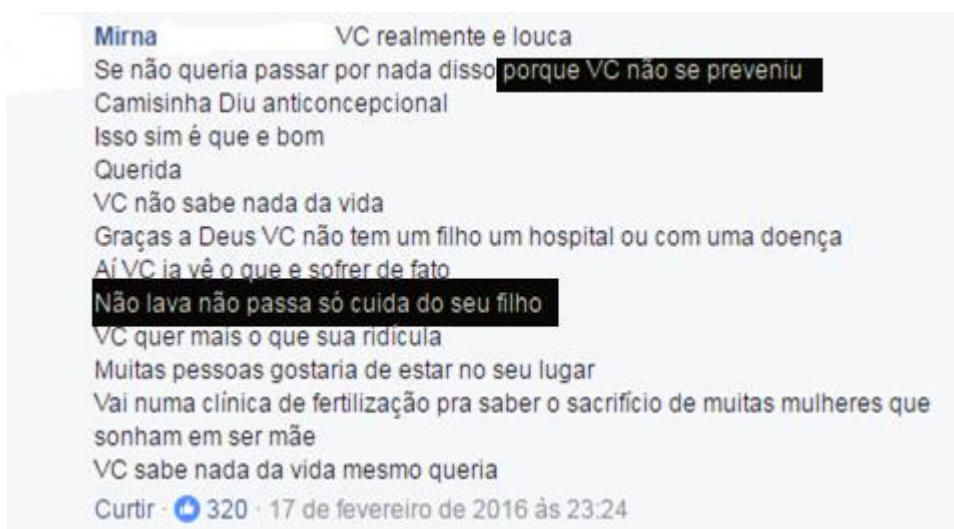
Juliana é responsabilizada pela gravidez, que, segundo as internautas, não foi planejada, e ela só estaria reclamando sobre suas responsabilidades por não poder mais sair, não considerando outros fatores que possam estar ligados ao cansaço desta mãe. Quanto à responsabilização feminina a respeito da gravidez, muitas mulheres julgam Juliana, pois ela supostamente não se cuidou para evitar a gravidez e, portanto, deveria aceitar as consequências. Chama atenção o fato de que em nenhum dos comentários é questionada a responsabilidade do pai da criança. A seguir, alguns comentários selecionados:

Figura 20- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real



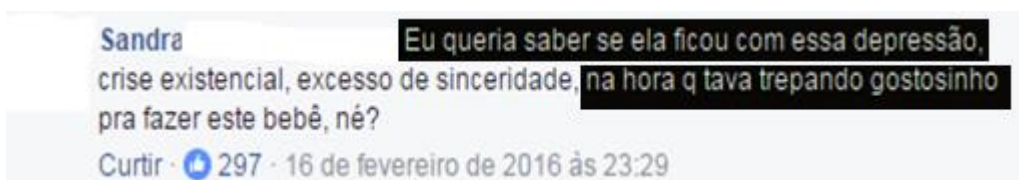
Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018.

Figura 21- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real



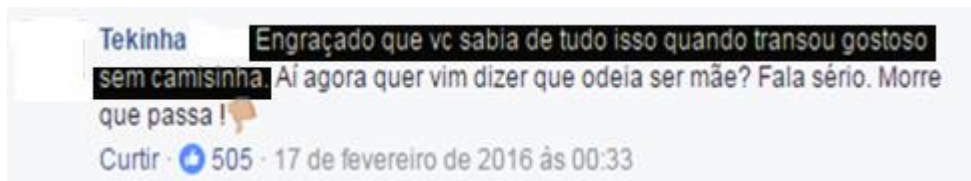
Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018

Figura 22- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018.

Figura 23- Comentário publicado na postagem de Juliana Reis, como resposta ao desafio da maternidade real



Fonte: <https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706> Acesso em 03 de fev. 2018.

Em todos os comentários, os discursos se repetem: a mulher é responsável pela gravidez ou por evita-la. É como se a mulher devesse sofrer calada para pagar pelo pecado da luxúria (VÁSQUEZ, 2014). Vemos operando, aqui, de modo indireto, o discurso religioso, que culpabiliza a mulher pelo prazer que sente e a “castiga” por isso, sendo que a forma de redenção estaria atrelada à condição de sacrifício, de sofrer calada e exaltar a bênção que é ter conseguido ter filhas/os, enquanto outras estão sofrendo em clínicas de fertilização.

Entrelaçado a este, vemos resquícios do discurso médico, que ao normatizar a sexualidade feminina, instituiu que este corpo não feito para sentir prazer, e sim para a reprodução. Rohden (2001), em seu livro analisou teses de medicina que falavam sobre o sexo e o gênero feminino nos séculos XIX e início do século XX, trazendo importantes contribuições para entendermos algumas ideias produzidas até hoje a respeito do corpo feminino. A autora destaca um movimento de construção e até mesmo de prescrição da diferença entre os sexos, e tal diferença estaria instituída com base, especialmente, em uma insistente vinculação da mulher com a maternidade. A medicina apresentava uma preocupação singular com a delimitação do papel social da mulher, baseada na valorização da maternidade.

O que se vê nestes discursos é que “de um lado, a mulher é tratada no discurso médico como eminentemente presa à função sexual/reprodutiva, diferentemente do homem.” (ROHDEN, 2001, p. 113). Isso garantia uma delimitação na diferença entre os sexos, que esteve presente da sociedade através de diferentes meios. A autora destaca a preocupação da medicina em limitar essa fronteira entre as diferenças, por isso ganhava uma preocupação especial o que era considerado desvios do

comportamento feminino, como desejo sexual fora dos padrões tidos como normais ou desapego em relação a maternidade ou as/aos filhas/os.

Podemos ver, então, que a sexualidade da mulher, o prazer, nunca foi visto como algo importante, pois ela estava destinada a reprodução, uma vez que é desenvolvida a noção de que a mulher tem menos desejo sexual que o homem. A diferença nestes estudos consiste em o corpo masculino ser geralmente “descrito como superior em relação ao feminino. Além disso, insiste-se na ideia de que as características femininas refletiriam a missão passiva que a natureza reservava à mulher, além de uma predestinação à maternidade.” (ROHDEN, 2001, p. 29).

O discurso médico, por ser um enunciador legítimo de verdades, acaba por estabelecer diferenças entre os gêneros. Se considerarmos apenas esta visão biológica do corpo, estaremos empobrecendo-o, pois deixaremos de lado a construção social deste corpo. E isto não é negar sua materialidade, mas sim, problematizar os discursos médicos, considerando-os como construtores dos corpos e subjetividades, os quais moldam crenças e determinam saberes.

Os discursos a respeito da sexualidade feminina eram muito mais impositivos no século XIX e início do século XX, como nos mostra Leme (1926 *apud* Matos):

[...] sem a prática sexual aprendida com a prostituição não adquire o homem suficiente conhecimento da psychologia feminina, o que será um perigo quando se casar ... O appetite sexual é em geral mais intenso no homem e por isso cabe ao homem a parte activa do coito ... o papel da mulher no coito é em geral, meramente passivo, a mulher é na regra commum menos sensual, nella o instinto de geração está mais conservado que no homem ... na mulher domina, sobre o instinto sexual, o instinto matenal. (LEME *apud* MATOS, 2003, p. 117).

Assim, a maternidade foi sendo produzida como algo que constitui o instinto mais forte da mulher, baseado em algo biológico e inato a todas as mulheres. Aqui, a mulher é definida como inativa nas relações sexuais, sendo totalmente desconsiderado o seu prazer sexual, pois o sexo era visto apenas como reprodutivo. Matos destaca que “surgem mais duas representações estereotipadas da natureza da mulher: a passiva e sexualmente inocente e a mulher perigosa sexualmente, identificada com a prostituta.” (2003, p. 117).

A mulher passa a ser denominada como detentora de uma natureza passiva, e assim, propícia a natureza maternal. A biologia passou a determinar o futuro das mulheres, e também dos homens, mas as mulheres, por serem consideradas mais frágeis, acabaram por terem menos espaço de luta frente a estes discursos. Tais ideias discutidas até aqui estão alicerçadas nos discursos médicos do século XIX. No século XX, houveram algumas mudanças nos discursos médicos, como a teoria da complementaridade entre os sexos, e não mais tão fortemente o evolucionismo e o positivismo. (MATOS, 2003).

Entretanto, a autora destaca que a teoria da complementaridade entre os sexos, já anteriormente difundida na Europa, provocou o deslocamento na trajetória discursiva, desviando o acento dado à inferioridade feminina para a ideia de que as diferenças biológicas e sociais seriam necessárias e complementares. Tal teoria, no entanto, ao contrário de ser emancipadora para as mulheres, reforçava nas falas médicas a divisão sexual de áreas de atuação, do trabalho e do espaço. Aos homens caberia enfrentar a competitividade do mundo público, enquanto as mulheres deveriam continuar voltadas para o privado, tendo na maternidade o ponto definidor da feminilidade. Dessa forma, apesar da defesa de um novo protótipo de feminilidade baseado na figura da mulher moderna e esclarecida, manter-se-ia o pressuposto da maternidade como base da feminilidade. (MATOS, 2003, p. 123).

Com isso, novas representações de gênero são difundidas, entretanto, com muitas características igualmente ainda atribuídas a natureza inata da mulher. Tais discursos promovem na sociedade uma dinâmica de desigualdade entre os gêneros, tendo reflexos muito fortes ainda hoje. O arquétipo feminino segue marcado por características muito reforçadas por diferentes discursos, a mulher como sujeito submissa, amável e dedicada a família e aos afazeres domésticos, a qual é responsável pela gestação e o cuidado das/os filhas/os, e não pensando no seu prazer sexual. É por conta disto que se faz necessário buscar a história dos discursos médicos, os quais produziram corpos e subjetividades que ainda refletem no dia de hoje. Claro que muitos discursos já se fazem diferentes, mas mesmo assim encontram-se enraizados nos discursos problematizados anteriormente.

Alguns apontamentos sobre o desafio

O desafio da maternidade real proporcionou novas reflexões acerca de um assunto que por diversas vezes apresenta uma certa unanimidade em alguns aspectos, por isso a importância em buscarmos entender para além dos discursos que conferem a maternidade um caráter instintivo, com um amor acima de tudo, entre outras características que basicamente são hegemônicas, e também colocam a figura da mãe como passiva e que tudo suporta pelo bem-estar das/os filhas/os.

Primeiramente, consideramos o quanto o campo religioso instituiu regras ao sujeito-mãe, estando esse carregado de significados religiosos por estar associado a figura de Maria, mãe de Deus. Isso contribuiu para que Juliana fosse por inúmeras vezes insultada, pois não estaria sendo grata pelo presente que Deus teria lhe enviado. O papel da mulher estaria condicionado, portanto, a uma devoção total a/ao filha/ao, e a todos os sacrifícios para seu bem-estar, pois seria assim que demonstraria gratidão à benção divina recebida.

Outro interessante ponto destacado nos comentários é a responsabilização feminina pela gestação, ou por evita-la, pois em nenhum momento foi questionada a responsabilidade do pai da criança sobre a gestação. Isso se dá por a medicina, por muitas vezes, ter explicado o corpo feminino puramente através de sua biologia, associado a reprodução, ignorando o seu prazer. O discurso médico, por ser um enunciador legítimo de verdades, acaba por estabelecer diferenças entre os gêneros. Se considerarmos apenas esta visão biológica do corpo, estaremos limitando-o, pois deixaremos de lado a construção social deste corpo. E isto não é negar sua materialidade, mas sim, problematizar os discursos médicos, considerando-os como construtores dos corpos e subjetividades, os quais moldam crenças e determinam saberes.

Tais discursos médicos, produzidos especialmente no século XIX, precisam ser problematizados e desnaturalizados, pois fabricaram muitas das desigualdades com as quais convivemos hoje. Partimos do pressuposto de que as ciências médicas e biológicas produziam conhecimentos neutros, não levando em consideração os conhecimentos sociais que contribuem para produzir tais discursos. Além disso, não podemos desconsiderar que tais discursos eram – e ainda são – produzidos, em grande parte, por homens brancos e católicos.

Neste sentido, buscamos, nesse artigo, entender a maternidade fora de seu padrão preestabelecido socialmente, ou seja, fora do discurso médico, religioso e de outros campos que conferem legitimidade e *status* de verdade ao que é falado. Buscamos, com essa pesquisa, contribuir para a compreensão de que existem diferentes maternidades, que devem ser pensadas considerando diferentes realidades históricas e sociais, entendendo-as como construções, e não como algo natural e instintivo. Desconstruir a ideia de que todas as mulheres nasceram desejando o exercício da maternidade, ou que ser mãe é o único caminho para a realização feminina, possibilita que possamos compreender que existem diferentes maneiras de ver e vivenciar as feminilidades.

Referências

- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA:** De A a Z. 2018. Disponível em: <<http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/a/bencao.html>>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- COSTA, Marisa Vorraber. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI. **Educar**, Curitiba, v. 1, n. 37, p.129-152, maio 2010.
- COUTO, Edvaldo Souza. Pedagogias das conexões: Compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea. **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: Eduepb, 2014. p. 47-67. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/c3h5q>>. Acesso em: 02 fev. 2018.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim. SOBRE OS MODOS DE PRODUZIR SUJEITOS E PRÁTICAS NA CULTURA: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo Sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p.226-241, jul. 2009.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Unesp, 2003. Cap. 7. p. 107-128.
- REIS, Juliana. **Desafio NÃO aceito!** 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>>. Acesso em: 03 fev. 2018.
- ROCHA, Simone *et al.* Os estudos culturais e os entrelaçamentos entre comunicação e cultura: uma análise do filme *Cão sem dono*. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 01-14, jan. 2010.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. 224 p.

SOUZA, Jane Felipe de. Sexualidade nos livros infanto-juvenis. In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. (Org). **Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 135 - 144.

VÁSQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 3, n. 6, p.167-181, jan. 2014. Semestral.

VILLA, Carmen Elena. **7 sábios conselhos do Papa Francisco às mães**. 2016. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2016/05/17/7-sabios-conselhos-do-papa-francisco-as-maes/>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

UEDA, Natalino. 2014. **Maria, o feminino e a maternidade**. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/tododemaria/maria-o-feminino-e-a-maternidade/>>. Acesso em: 16 dez. 2017

6. ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS

Hoje, ao reviver o processo de pesquisa dessa dissertação, vejo o quanto minhas múltiplas identidades foram desestabilizadas e o quanto fui interpelada por outros discursos. Ver a maternidade por um outro ângulo e buscar a história dos cuidados maternos me fez compreender o quanto somos sujeitos imersos na cultura, que aprendemos modos de ser e estar no mundo. Pode-se afirmar que o sujeito-mãe e as práticas que hoje conhecemos e as envolvem nesse mundo materno são, sim, históricas e culturais.

Como objetivo geral busquei, juntamente com minha orientadora, analisar os significados de maternidade e sujeito-mãe presentes em dois artefatos midiáticos, um episódio de um programa televisivo e uma postagem em um site de rede social. Afirmando agora que esses artefatos ensinam e reforçam modos considerados mais legitimados de exercer a maternidade e reproduzem discursos que interpelam as mulheres para exercer esse papel materno.

Esse movimento de desconstruir verdades que sempre pareceram tão naturais, me fez ver o quanto a maternidade é um elemento importante na desigualdade de gêneros, pois essa é dada como biológica e, com esse discurso, por sermos dotadas de um útero e de seios aptos a produzirem leite, temos obrigatoriamente que ter filhas/os, cuidá-las/os com zelo, amamenta-las/os, dentre outros aspectos que envolvem esse processo.

Como mostrado no primeiro artigo, as mulheres que não se enquadram nesse discurso hegemônico da maternidade são classificadas como doentes e precisando de ajuda médica. O episódio “Depressão pós-parto”, ao falar sobre as duas facetas da maternidade, as mães consideradas depressivas e as mães consideradas desromantizadas, se fez valer dos discursos médicos para explicar tais condições, as quais fugiam das atitudes que se espera de uma mãe. Assim, o episódio (re)produziu ensinamentos que são considerados legitimados pela ciência, mostrando às mulheres que se elas não amarem suas/seus filhas/os, devem procurar ajuda médica. Alguns desses ensinamentos são: a mãe que não ama sua/seu filha/o deve procurar ajuda médica, a boa mãe é a que cuida e se cuida, a mãe é responsabilizada pelo bem-estar de sua/seu filha/o, bem como pelo seu próprio bem-estar, entre outros.

No artigo “Maternidade sem romantismos: olhares sobre o desafio da maternidade real em um site de rede social”, ao analisar os comentários feitos na

postagem de Juliana Reis, autora do desafio da maternidade real (#desafiodamaternidadereal), vi o quanto mães que quebram as regras impostas socialmente para essa figura tão cheia de significados, são criticadas, e como argumentos, são utilizados aspectos de uma naturalização de práticas tanto femininas como maternas. Foram reproduzidos, nos comentários, o discurso hegemônico da maternidade e do feminino. Ficou evidente a naturalização da maternidade e dos atributos femininos, pois muitos comentários criticavam Juliana pela atitude, considerando a maternidade instintiva, natural e a ser realizada apenas por mulheres fortes, e estas deveriam dar conta de todos os cuidados com a/o filha/o, e fazer todas as atividades domésticas sem reclamar, pois seria uma obrigação “naturalmente” feminina.

Também se sobressaíram os comentários que patologizavam o comportamento da Juliana, colocando-a como depressiva, o que justificaria o seu texto e suas atitudes. Muitos foram os comentários relacionados a essa questão, o que me faz pensar que a doença muitas vezes pode funcionar como uma explicação para a ruptura que Juliana buscou fazer, uma vez que ficaria mais fácil justificar seu comportamento através de argumentos médicos. No mesmo artigo, também enfatizou-se a amamentação como prática natural e instintiva de todas as mulheres que se tornam mães, e, as que assim não o fazem, seriam irresponsáveis.

No terceiro artigo que compõe essa dissertação, no qual ainda foi problematizado o mesmo desafio (#desafiodamaternidadereal), busquei entender como o discurso religioso e médico ajudaram na construção do discurso hegemônico da maternidade, e vi o quanto estes servem de argumento para as críticas feitas a autora do desafio. Inúmeros comentários foram feitos relacionando filhas/os a presentes de Deus, bênçãos divinas, e, portanto, a internauta deveria apenas agradecer pelo “dom” de ser mãe. Juliana também foi muito criticada, uma vez que ela não teria se prevenido, sendo a única responsabilizada pela gravidez. Vi o quanto isso está entrelaçado ao discurso médico que colocou, e ainda coloca, o corpo feminino como vinculado único e exclusivamente à reprodução, desconsiderando seu prazer. Por conta disso é que alguns dos comentários responsabilizavam Juliana pela gestação.

Problematizar a maternidade, buscando sua história, permite ver porque determinados discursos sustentam a representação contemporânea de maternidade.

A maternidade, como entendida hoje, a partir do amor materno “natural” e cobrado das mulheres, nem sempre foi vista assim, como mostrado nos estudos que buscaram compreender a exaltação desse amor. A partir disso, tenho argumentos para afirmar o quando a maternidade e seus valores são construídos ao longo da história e de diferentes práticas sociais, que vão se reconfigurando com o tempo. Há que se considerar que as mulheres não cumprem seus “deveres maternos” por ser natural e instintivo, e sim por que há diferentes discursos que cobram socialmente isso do sujeito-mãe.

Por essa dissertação ter sido desenvolvida dentro de um programa voltado para a educação em ciências, é importante destacar o quanto ela é relevante para se repensar nas práticas do ensino de ciências e biologia, uma vez que essas disciplinas estudam e explicam o corpo principalmente a partir do discurso científico, contribuindo para a naturalização da maternidade. Esses discursos carregam *status* de verdade, portanto, a partir deles ensinamos a forma “correta” de ser mãe. Entendo que os aspectos socioculturais da maternidade devam estar presentes nas aulas e, nesse contexto, os conhecimentos produzidos a partir dessa pesquisa podem trazer contribuições para se (re)pensar os currículos de ciências e de biologia nas escolas e nas universidades.

Cabe destacar que na postagem do desafio da maternidade real, alguns comentários apoiavam a autora, onde outras mães escreviam se identificar com o que foi escrito por Juliana. Entretanto, não foi dada visibilidade a estes nessa pesquisa, pois tive que fazer, juntamente com minha orientadora, escolhas metodológicas e recortes no *corpus* de análise, uma vez que o desafio gerou milhares de comentários. No entanto, entendendo que a pesquisa não se encerra com o término da dissertação. Os comentários de apoio à Juliana resultarão na produção de pelo menos um artigo, pois eles mostram que esse desafio também possibilitou e abriu brechas para que outras formas de se pensar e exercer a maternidade emergjam.

Por fim, gostaria de destacar que essa pesquisa me provocou de diferentes maneiras. Para mim, compreender a maternidade como construção histórica e social possibilitou outros olhares a esse mundo tão “naturalizado” e me fez repensar em todas as práticas envolvidas nesse contexto. Então, esse movimento não pode parar por aqui. Agora, com minha orientadora, quero desenvolver uma pesquisa que busque entender a paternidade contemporânea, as representações de “bom pai”, uma

vez que, as representações de boa mãe e bom pai são muito diferentes. Assim, fica aqui meu desejo em seguir percorrendo o caminho traçado até aqui.

7. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. NOS RASTROS DO CONCEITO DE PEDAGOGIAS CULTURAIS: INVENÇÃO, DISSEMINAÇÃO E USOS. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 01, n. 33, p.01-23, jun. 2017.

_____. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, 2015.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. (Org). **Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 71 – 82.

PSIQUIATRIA, Associação Brasileira de. **Depressão pós-parto ainda é tabu**. 2012. Disponível em: <<http://www.abp.org.br/portal/depressao-pos-parto-ainda-e-tabu/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio online de Português**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/inquietacao>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011. 222 p.

_____. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370 p.

BEAUVOIR, Simone de. *Le Deuxième Sexe*. Gallimard, Paris, 1949, vol II.

_____. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

_____. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 235 p.

CADONÁ, E.; STREY, M. N. A produção da maternidade nos discursos de incentivo à amamentação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 477 – 499, 2014.

COLLING, Ana Maria. A construção histórica do corpo feminino. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 180-200, 2015.

CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro; MOREIRA, Maria Faia Rafael. Novas formas de comunicação: história do Facebook – Uma história necessariamente breve. **ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, p. 168-187, 2014.

COSTA, Marisa Vorraber. Ensinando a dividir o mundo: as perversas lições de um programa de televisão. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 20, p.71-82, 2002.

_____. Estudos Culturais: para além das fronteiras disciplinares. In: _____. (Org.). **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 13-36.

_____. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI. **Educar**, Curitiba, v. 1, n. 37, p.129-152, maio 2010.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, 2003.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: **De A a Z**. 2018. Disponível em: <<http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/a/bencao.html>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

COUTINHO, Sandra. (Ed.). **Receber amor pode ser decisivo para o crescimento do cérebro, diz estudo**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2016/05/receber-amor-pode-ser-decisivo-para-o-crescimento-do-cerebro-diz-estudo.html>>. Acesso em: 02 maio 2016.

COUTO, Edvaldo Souza. **Pedagogias das conexões**: Compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea. Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: Eduepb, 2014. p. 47-67.

DAVID, Ricardo Santos. Dona de casa ou dona de si? Um estudo sobre a representação feminina em produtos de limpeza e alimentícios. **Temática**, Paraíba, v. 13, n. 06, p.01-20, jun. 2017. Mensal.

ELLSWORTH, Elizabeth. “Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também”. In: SILVA, Tomaz. **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica: 2001. p. 7 – 76.

FACEBOOK PARA EMPRESAS (Ed.). **102 milhões de brasileiros compartilham seus momentos no Facebook todos os meses**. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. 1996. 297 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

_____. **Foucault**. In.: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). Estudos do discurso: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 123-151.

_____. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p.151-162, jan. 2002. Semestral.

_____. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a TV. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013b. 160p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. Poderes e Estratégias. (entrevista com S. Hasumi). In: Ditos e Escritos IV: **Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1977.

G1 (São Paulo). G1 (Ed.). **Marca de brinquedos cria 'mini maternidade' para bonecas**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/05/marca-de-brinquedos-cria-mini-maternidade-para-bonecas.html>>. Acesso em: 25 junho 2016.

HALL, Stuart. A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação & Realidade**, Cultura, Mídia e Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul.-dez. 1997.

HAYS, Sharon. **Contradições culturais da maternidade**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

IBGE (Ed.). **Estatísticas de Rádio e TV**. 2016. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/nrtv.asp>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

IGNÁCIO, Patrícia. **Aprendendo a consumir com Três Espiãs Demais**. 2007. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, sociedade e Culturas**, n. 25, p. 235-245, 2007.

_____. Corpos que escapam. **Labrys estudos feministas**, Florianópolis, n. 4, 2003.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p.17-23, ago. 2008.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Por que os homens nunca ouvem e as mulheres não sabem estacionar?:** analisando a rede de discursos das neurociências quanto às questões de gênero em alguns artefatos culturais. 2008. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Dispositivo da maternidade: mídia e produção agonística de experiência**. 2003. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura:** o conceito de dispositivo em questão. Currículo Sem Fronteiras, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p.226-241, jul. 2009.

MARTONE, Robert (Ed.). **Cérebro de mãe abriga células de filhos:** A conexão entre mãe e filho é ainda mais profunda do que se imaginava. 2012. Disponível em:<http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/cerebro_de_maes_abrigam_celulas_de_filhos.html>. Acesso em: 25 set. 2016.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Unesp, 2003. Cap. 7. p. 107-128.

GLOBO, Memória. **Profissão Repórter**. 2010. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/profissao-reporter.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

MEYER, Dagmar Estermann. As mamas como constituintes da maternidade: uma história do passado? In: Revista **Educação & Realidade**. Porto Alegre (RS), UFRGS/FACED, v. 25, n.º 2, jul./dez., 2000, p. 117 – 133.

_____. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Gênero**, Niterói: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEG, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2006.

_____. **Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos**. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, 2003.

_____. **Relações entre ciência, mídia e gênero e a politização da maternidade**. 2005.

MEYER, Dagmar E. Estermann et al. “Você aprende. A gente ensina?” Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 22, p.1335-1342, jun. 2006.

MORAES, Ana Luiza Coiro. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas¹. **Questões Transversais: Revista de Epistemologias da Comunicação**, Porto Alegre, v. 04, n. 07, p.01-09, jan. 2016. Semestral.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; NARDI, Henrique Caetano. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p.569-594, maio 2009. Quadrimestral

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. **Psicologia: ciência e profissão**, n. 24, p. 44-55, 2004.

O GLOBO (Ed.). **DNA de filho é achado no cérebro da mãe**: Descoberta pode explicar doenças neurológicas. Para o estudo, foi realizada a autópsia de 59 cérebros de mulheres, 33 com Alzheimer, que morreram com idades entre 32 e 101 anos. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/dna-de-filho-achado-no-cerebro-da-mae-6221446>>. Acesso em: 08 set. 2016.

PRODUÇÃO BEM ESTAR (Ed.). **Toda gestação dura mil dias**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/blog/1000-dias/3.html>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

QUADRADO, Raquel. **Adolescentes**: corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, 2006.

REDE GLOBO. **Portal Institucional**. 2018. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/Portal/institucional/foldereletronico/g_tv_globo.html>. Acesso em: 05 ago. 2016.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Juliana. **Desafio NÃO aceito!** 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. 2. ed.

ROCHA, Simone Maria. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: considerações teórico-metodológicas. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [s.l.], v. 10, n. 19, p.01-20, 30 ago. 2011. Universidade Federal de Santa Maria.

ROCHA, Simone *et al.* Os estudos culturais e os entrelaçamentos entre comunicação e cultura: uma análise do filme *Cão sem dono*. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens**, Curitiba, v. 09, n. 01, p.01-15, jan. 2010.

SABAT, Ruth Francini Ramos. “Só as quietinhas vão casar”. In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. (Org). **Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 135 - 144.

SCAVONE, Lúcia. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 16, p. 137-150, 2001.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. A Educação da Mãe Carinhosa e o Discurso Das Práticas Corporais e Esportivas nas Páginas da Pais & Filhos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 3, n. 15, p.209-232, 28 jul. 2009.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione; MEYER, Dagmar Estermann. Discursos que (con)formam corpos grávidos: da medicina à educação física. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 36, p. 283-314, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

SILVA, Fabiane Ferreira da. **Mulheres na ciência: vozes, tempos, lugares e trajetórias**. 2012. 147 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós- Graduação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O adeus às metanarrativas educacionais. In: _____. (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1996. p.247-258.

_____. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, Jane Felipe de. **Sexualidade nos livros infanto-juvenis**. In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. (Org). Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 135 - 144.

TIME. **O mito da deusa**. 2017. Disponível em: <<http://time.com/4989068/motherhood-is-hard-to-get-wrong/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Entre percalços e desejos: sobre a insurgência e possibilidades das pedagogias culturais. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, p. 32-47, 2015.

UEDA, Natalino. 2014. **Maria, o feminino e a maternidade**. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/tododemaria/maria-o-feminino-e-a-maternidade/>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

USP. **A depressão pós parto**: um problema para toda a família. 2018. Disponível em: <<http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/lefam/ATT00026.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

VARELLA, Drauzio. **Instinto Materno**. 2017. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/drauzio/artigos/instinto-materno/>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

VÁSQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 3, n. 6, p.167-181, jan. 2014. Semestral.

VEIGA, Edison (São Paulo) (Ed.). **Pesquisa traça perfil da mãe brasileira atual**. 2016. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,maes-de-hoje-precisam-de-ajuda--mostra-pesquisa,1892814>>. Acesso em: 14 out. 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 37-69.

WIKIPEDIA. **Profissão Repórter**. 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Profissão_Repórter](https://pt.wikipedia.org/wiki/Profiss%C3%A3o_Rep%C3%B3rter)>. Acesso em: 17 jun. 2018.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p.32-48, jan./abr. 2015. Quadrimestral.

VILLA, Carmen Elena. **7 sábios conselhos do Papa Francisco às mães**. 2016. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2016/05/17/7-sabios-conselhos-do-papa-francisco-as-maes/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.